UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Curso de Pós-Graduação

***O atendimento psicanalítico de crianças em família:
o sintoma familiar***

Celia Maria Blini de Lima

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicologia, Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Eda Marconi
Custódio

São Paulo
1997

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Anexos

Casos clínicos

(Tese de Doutorado)

Celia Maria Blini de Lima

1997

Sumário de conteúdos

<i>Conteúdo</i>	<i>Página</i>
Introdução _____	i
Caso 1 _____	1
Caso 2 _____	30
Caso 3 _____	50
Caso 4 _____	76
Caso 5 _____	96
Caso 6 _____	123
Caso 7 _____	140
Caso 8 _____	155
Caso 9 _____	179
Caso 10 _____	204

Introdução

Como já dissemos outras vezes, esse trabalho e as reflexões decorrentes foram geradas durante a nossa experiência. Por essa razão o material clínico utilizado nas avaliações diagnósticas não seguiu um padrão único. Isso se deu em virtude dos seguintes pontos referidos abaixo:

1. Os casos foram atendidos nos últimos dez ou até doze anos (caso 10) e o material já foi transferido para outros profissionais, ou mesmo se extraviou;
2. Cada situação foi tratada particularmente, de acordo com as possibilidades e características da criança - mais ou menos colaboradoras, mais novas ou mais velhas, mais ou menos condições de se submeter a uma proposta mais organizada;
3. Pais de posicionamento mais ou menos abertos, para serem submetidos à proposta - uns aceitavam os desenhos, outros não;
4. Termos optado, a partir de nossa percepção nas entrevistas, por oferecer ou não aos pais que nos pareceram muito resistentes a proposta de desenhar. Deixamos de oferecer aos que vieram abertamente "só trazer o filho" num primeiro momento - tivemos respeito à resistência inicial e depois não achamos mais procedente fazer a proposta;
5. Em alguns casos, o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) foi apresentado no início e no fim do trabalho (casos 1, 2 e 9) com plena aceitação dos pais; e num único (caso 7) aplicamos em todos os elementos

da família no princípio, por um mal entendido da mãe que nos enviou outro filho em vez do que estava em avaliação, fato que preferimos no início, tomar como fator de observação;

6. Incluímos no caso 3 algumas sessões de família, a título de demonstração;
7. Em outros casos, fizemos um entrevista final com as crianças (casos 2, 3, 4 e 10), onde se propôs o desenho livre (casos 2, 3 e 4) e o DF-E (caso 10), uma vez que foi possível e serviu como comparação gráfica com o material anterior.

Queremos com tudo isso dizer que não respeitamos os critérios do método científico dedutivo, mas isso não se deu propositadamente e nem sequer dispensamos esta metodologia ou a desvalorizamos.

Usamos para a análise do material coletado de cada criança e de cada família o método clínico de Trinca (já apresentado anteriormente), principalmente por nos identificarmos com essa metodologia e, em toda nossa formação pessoal e profissional estarmos voltados para o desenvolvimento do pensamento analítico, nosso instrumento principal para a compreensão da situação do paciente e sua família.

Vamos a seguir apresentar o material específico de cada caso e algumas análises, enfatizando a análise das histórias dos sujeitos e suas famílias, obtidas em entrevistas individuais com os sujeitos e com os pais, ponto comum em todos os casos.

A partir da análise de todos é que pudemos levantar os pontos de coincidência e aproximação e que nos foi possível construir uma visão mais geral, ao mesmo tempo que detalhada. Desta síntese, surgiu a proposta de um trabalho mais sistematizado, em

termos de atendimento clínico dentro da metodologia analítica que poderá ser empregada nos próximos casos a serem atendidos.

As histórias das crianças e suas famílias, que se referem ao início do atendimento, foram incorporadas ao capítulo III, assim como as histórias que se referem ao final do atendimento.

A apresentação dos casos respeita a ordem em que foram atendidos, mas atribuímos um valor diferente ao caso 1, que nos estimulou a iniciar a investigação que nos levou a esta proposta e ao caso 8 que nos reafirma a importância de divulgarmos o nosso modo de atendimento, uma vez que volta para completar um encaminhamento feito há doze anos atrás - o tratamento da família nos moldes que propomos.

Caso 1

Identificação

Nome: *R*

Idade: 8 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: 1ª série

Pai: *S*

Idade: 39 anos

Escolaridade: superior

Profissão: economista

Mãe: *I*

Idade: 35 anos

Escolaridade: superior

Profissão: economista

Procedimentos de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) por R

Unidade de produção 1

Comentários:

“Vou fazer de coelho”. E diz: “Não sei fazer coelho, vou fazer uma família de aviões. O avô caiu nos espinhos, foi na guerra. O nenê é uma asa-delta, tem mais perigo de cair, é mais inseguro, o avião tem mais segurança. Vou por fogo no traseiro de todos e até o fogo do vovô que é velhinho, eles estão voando”.

Estória:

“Eles vão passear pro Japão, pra Inglaterra. Todos se conhecem, só o nenê não conhece. Vão voltar porque o nenê tem primos lá e ele não sabe. Ele nasceu ontem e nem abriu o olho. Só que (faz ligação da asa-delta com o avião-mãe) vão de mãos dadas. O filho mais velho pisca para a mãe, tem mania de piscar e a mãe pisca para ele. Eles tão levando pessoas”.

Título: A família avião.

Unidade de produção 2

Comentários:

“É a minha, vou desenhar de ursos... Não, não sei desenhar ursos... vou desenhar de flores, já que amo a natureza. Vou fazer de borboletas”. Faz primeiro a irmã,

a avó materna, o avô paterno, a avó paterna, tia paterna e a madrinha. Grita: “ih, nojenta”. Canta alto.

Estória:

“Estão voando para o rio para beber água e depois eles caíram de tanta água que tinham tomado. Desmaiaram e quando acordaram, já podiam voar de novo. Eles se juntaram para ir à casa da avó mas não moravam juntas”.

Título: Família borboleta.

Unidade de produção 3

Comentários:

“Vou fazer uma família de aviões, com aquela asa-delta que não está bem, está vomitando. Só que vou fazer o pai, a mãe e a filha”.

Ele: “Você já viu o filme do Fievel?”

P: “Já”.

Ele: Canta alto: “... mas não existem gatos na América” (canta ao desenhar o pai). “Devia ser, só existe gato na América, ele é amigo... Não diga nunca, não diga nunca, jamais... Era um filme triste, o Fievel perde o pai, você acha que pode ser alegre?”

Estória

“O filhinho tava vomitando, ele comeu muitas porcarias: balas doces. Toda vez que come porcária, ele vomita. Ele vomita muito”.

P: "O filhinho era pequeno?"

Ele: "Tinha um ano, a irmã nove, o pai quarenta, a mãe trinta e nove. Os pais não tão vendo, a irmã vai ver primeiro e vai contar pro pai e pra mãe e quando eles verem vão aterrizar e tratar do menor".

Título: "O nenê que não sentia bem..., não... . O nenê que não queria ter nascido".

Inquérito

P: Por que?

Ele: Porque ele ficava vomitando, não tinha cura, ele nasceu vomitando.

P: O que vai acontecer com ele?

Ele: Ele tem esperança de curar, mas ele não sabe.

Unidade de produção 4

Comentários:

Ele: "Só vou desenhar meu pai, minha irmã e minha avó. Quantos você atendeu hoje? Muitos não é?"

P: "Alguns".

Ele: "Eu sou bom de desenhar? ... Eu acho que sou ruim". Desenha o pai e diz: "Não gostei do desenho, não sei desenhar direito".

Estória:

“Eles estão passeando. É um dia de férias. Eles vão no planetário pela primeira vez, eu dei a idéia, estavam sem nada para fazer. Todo mundo topou. Depois vão voltar para casa e ter algo para fazer, vão lancha”.

Título: A família que foi no planetário

Análise do DF-E de R

R parece sentir-se só, não percebido pela família em sua totalidade. Esse sentimento de não ser percebido pode ser devido, em parte ao que ele coloca mais em evidência, talvez a seus aspectos de voracidade e necessidade de muita atenção, em parte porque talvez a família esperasse nele um filho que desde bebê fosse capaz de discriminar e conter seus impulsos.

A presença das figuras dos avós (1, 2 e 3) talvez reforce nossa interpretação do despreparo dos pais em acolher o bebê, revela sua imaturidade, à qual reagem, colocando-se como pais que atendem o filho do ponto de vista mecânico, na emergência e não criam condições de acolhimento emocional para que esse filho venha a ter confiança nos próprios recursos e um sentimento positivo em relação à realidade.

O acesso emocional de *R* parece estar mais livre para a irmã e para os avós que para seu pai e sua mãe, que mesmo quando estão representados e citados não estão próximos a ele. Ao falar sobre “sua família”, coloca-os, por sugestão sua, fazendo algo que ele sugere, afastando assim a possibilidade do confronto com os sentimentos hostis em relação à família que, provavelmente são despertados pelo sentimento de solidão e por não se sentir visto pelos pais.

O que *R* coloca na relação familiar, fala também da forma como se vê e denota uma baixa auto-estima e muitos ataques ao próprio eu e agressividade que quando projetada no ambiente promove ou reações hostis ao meio externo ou o retraimento e fuga para a fantasia, o que concorda com sua história atual.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai - primeira aplicação.

Unidade de produção 1

Comentários:

Ele: Uma família?

P: Sim.

Ele: Precisa usar lápis de cor?

P: Como quiser.

Ele: Queria contar a estória enquanto desenho.

P: Como quiser.

Estória:

Minha casa... onde eu nasci... meus pais e meus irmãos... Um almoço que normalmente tem, todos vão para lá, todos livres, conversando, contando piada. Dificilmente se discute problemas, são discutidos antes ou depois do almoço. Crianças correndo, cachorro, sem formalidades. Tem um lugar na mesa para o pai, que pode ser ocupado por outros. Vem vindo as esposas, os filhos, não sei como vai caber todo

mundo, mas a tendência é abrir para todo mundo. Essa hora é gostosa. Todos são formais uns com os outros na hora do almoço, fora dessa hora há descontração.

Título: A família.

Unidade de produção 2

Comentários:

Ele: Ri e olha a aplicadora... - Só sei desenhar minha família.

Estória:

Mulher... homem... o filho... a filha. Estão num parque, passeando, tomando sorvete. Estão alegres, comentando, falando, querendo sorvete. Depois vão almoçar, ir ao cinema ou voltar para casa.

Título: O passeio no parque.

Unidade de produção 3

Estória:

É um hospital, aqui eu vejo uma pessoa deitada aqui, uma coisa que me impressiona muito. É o B, rodeado pela mãe e irmãos. A sogra dando a mão para ele, não havia muito choro. Havia muita reza, muito sofrimento e alívio, três dias de sofrimento intenso. Alegria e tristeza por chegar o fim do sofrimento dele e da família. Ele tinha consciência do que tinha, mas tinha esperança de cura. Achava que era mais uma crise, mas os demais sabiam que não era assim.

Título: O hospital.

Unidade de produção 4*Comentários:*

Ele: Eu já fiz, precisa fazer de novo?

P: Eu gostaria que você desenhasse a sua família.

Estória:

Vou desenhar a gente na fazenda pescando num lago. Vão todos os filhos, os sobrinhos. Quem faz mais farra é o *R* e um outro primo, T, de vez em quando param. Depois voltam para casa, brincam de pegador. Jantam e vão dormir. Depois que as crianças fazem muito barulho, vão pescar, acalma as crianças e a gente.

Título: A pescaria.

Análise do DF-E do Pai - primeira aplicação.

Reporta-se ao passado como busca de um lugar seguro, provavelmente não se sente preparado para o contato com a família e para desenvolver suas funções. Coloca-se de certa forma meio distante dos problemas, revela sua ambivalência, seu despreparo e seu medo da vida e da morte na Unidade de Produção 3. Preserva sua família nuclear, sua de origem e fala da dor numa família próxima. Parece não saber lidar nem com as emoções e menos ainda com a ambivalência de sentimentos. Coloca como saída para esse estado, encontrar a paz, que parece estar associada ao ambiente externo, se fora vai bem, dentro vai bem.

Chama nossa atenção nessa primeira aplicação a distância que procura tomar dos seus afetos e o lugar onde se coloca, que parece mais o de filho. Cabe ressaltar que numa das “queixas” de sua esposa era justamente ele não perceber sua família e suas responsabilidades para com ela. Gostava era de se divertir com os filhos. Seguia seus impulsos — saía de um emprego para outro, sem se preocupar com as consequências. Quem ficava de esteio era ela; ele parecia se importar mais consigo próprio. A família sofria esta instabilidade.

Por outro lado ele queixava-se de uma mulher autoritária, que queria controlar sua vida, decidir por ele o que e como ele devia fazer, era a “mamãe sabe tudo”, que tinha muito medo de perder qualquer um, entrava em ansiedade quando perdia o controle.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pela mãe - primeira aplicação.

Unidade de produção 1

Estória:

É a minha família. Tão indo no parque, vão passear e depois vão ao planetário. Os pais tão preocupados com os filhos, pra variar. Os filhos são enciumados, não podem ficar perto. Os pais são o elo de ligação. Existe ligação de carinho e de amor. Eles gostam de estar juntos. Têm pouco tempo juntos, aproveitam o pouco que têm. Os pais são muito amigos, as crianças até se sentem, por isso.

Título: Minha família.

Unidade de produção 2

Comentários:

Ela: Sorri... - Ih, acho que é aquele mesmo, vou fazer simplificada.

Estória:

Este é o símbolo do Itaú; para simbolizar mulher e homem, engraçado.

Acho que tão felizes, tá resolvido o problema deles, eles estão convivendo melhor. É gostoso tá junto. Vão todos pra psicóloga, para agradecer a solução.

Título: Minha futura família.

Inquérito

P: Você falou de um problema...

Ela: É o relacionamento de *R*, mas não duvido que com a *M* também esteja.

Unidade de produção 3

Comentários:

Ela: Não sei, engraçado... Não sei, só me vem uma cama.

Estória:

O filho tá doente e a mãe tá levando remédio, ele tem gripe, dor de garganta. Os demais tão na sala, vendo TV. A mãe queria estar vendo TV. O filho não fica muito

doente. Ele vai sarar rápido, é resfriadinho, dor de garganta, tem que dar remédio de oito em oito horas. É hábito da casa que o filho doente fique na cama do casal durante o dia.

Título: A cura.

Unidade de produção 4

Comentários:

Ela: Ri e diz: - Outra vez? Fazia tempo que eu não fazia esse desenho complicado.

Estória:

É uma saída de casa: um vai pra escola, outro pro trabalho. Depois vão voltar à noite em casa. É duro as crianças entenderem que cada um tem a sua atividade e gosta dela. Se vêem pouco durante a semana, muito no fim. Os pais são amigos. Dá a sensação de empurrar as crianças pra vida. A tendência dos pais é querer segurar, mas eles se esforçam por empurrar, mas isso não é demonstrado.

Título: Minha linda família.

Análise do DF-E da Mãe - primeira aplicação.

Coloca os pais na função quando diz que tem que administrar o sentimento dos filhos, tal como o ciúme um do outro e deles pais. Ao mesmo tempo mostra as dificuldades dos pais de cuidarem da família e como eles precisam buscar ajuda fora (sua inexperiência e dificuldade de lidar com uma situação emocional). O problema ou é

resolvido na fantasia ou por outra pessoa. Revela-se uma falta de disponibilidade da mãe em exercer suas funções e o uso de subterfúgios, simbologias (cama do casal) como forma de lidar com a demanda do filho - física e emocional, especialmente a necessidade de acolhimento.

Observa-se também, explicitado pela mãe, uma dificuldade de ver os filhos crescerem, talvez por criarem mais conflitos na relação, já que se salientam as diferenças e que as necessidades são individuais. Aparentemente fazem em prol do crescimento, até exacerbam sua confiança neles (disfarçam suas tendências de segurar), mas de fato parece haver um certo medo ou despreparo para acompanhá-los.

A mãe mostra-se evasiva às vezes, uma fala genérica divagadora, desenhos simbolizados e em outras une-se ao marido, de uma forma idealizada, passando até uma idéia de par ideal — nós — coerente, unidos no amor para um fim.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo Pai - segunda aplicação.

Unidade de produção 1

Estória:

Estou imaginando uma família conversando, é mais para o R e P que adoram ouvir histórias que eu conto as peripécias da gente quando criança. Eles não acreditam que o pai fez o que fez. Todos ficam conversando, falando, contando histórias, eles querem saber quais as consequências, quem levava bronca, quem fugia.

Título: As histórias engraçadas do papai.

Unidade de produção 2

Estória:

Ele: Esse vai ser o próximo fim de semana. A gente vai pra Piracicaba e vamos fazer um campeonato de bolinha de gude. Eu o *R* e a *M*. A mãe está olhando (*R* está abaixado). Pelo jeito o *R* que vai começar. Eu vou ensinar as regras, eles querem saber e nós vamos jogar.

P: E você arrisca um palpite?

Ele: Não, não tenho idéia, depende de como vão aprender a regra. É a primeira vez que jogam.

P: A mãe vai torcer?

Ele: Não sei. Vai sair alguma discussão e ela vai ficar apaziguando os ânimos.

P: E após o jogo?

Ele: O *R* vai procurar um menino para jogar com ele, ou vai continuar jogando com a irmã (*M*).

P: E o pai?

Ele: Vai ler um livro.

P: E a mãe?

Ele: Não sei.

Título: A bolinha de gude.

Unidade de produção 3

Comentário:

Está meio estranho isso.

Estória:

O pai, a mãe levando alguém para ir ao médico. Uma das crianças fica aguardando, esperando. Vai indo ao médico porque está com muita febre, não está sentindo bem mesmo. Eu acho que é garganta ou ouvido. Se for garganta ou ouvido vai tomar Bezetacil, vai ser o maior berreiro, mas daí passa. No caso aqui é a menina que está doente é a filha mais velha. O mais novo ficou sozinho, sabe se cuidar, tem nove anos. Ele está preocupado, afinal a irmã está doente.

Título: A doença.

Unidade de produção 4

Estória:

Ele: Aí nós estamos indo à missa, é um domingo. O *R* não está muito contente, mas está indo obrigado, mas depois fica numa boa. A *M* está indo contente, eu também, a mãe também. O *R* resmunga para sair, preferia ficar vendo TV, aí ele vai e engrena.

P: Por que vão à missa?

Ele: A *M* fez primeira comunhão, agora tem que ir à missa, o *R* vai fazer este ano. E é bom que vá todo mundo junto.

P: Todos vão para acompanhar a P?

Ele: Não, vão porque acreditam, o *R* não porque não está preparado, mas vai ser. Depois voltamos pra casa, é final de domingo.

Título: Ida à missa.

Análise do DF-E do Pai - segunda aplicação

Coloca-se aqui no lugar do pai, daquele que pode confiar nas suas experiências (recuperação de parte de sua auto-estima, menos deprimido), sentindo-se capaz de colaborar. Parece ter lidado também com as pressões da esposa, já que usa livremente seu espaço e tempo, até a colocando como mera expectadora.

Procura ainda situações para evasão da angústia e o preenchimento da vida externa com coisas divertidas para fazer.

Também já coloca o foco dos problemas na sua própria família, o que denota um certo desenvolvimento da capacidade de suportar os momentos difíceis e cuidar dele. Precisa menos a união de todos para viver uma situação de angústia, já pode suportar dividir-se para cada um oferecendo o que eles precisam, embora a união do casal ainda tenha que existir fisicamente.

Ao falar de sua família, no entanto, coloca-se como um pai autoritário obrigando todos a uma atividade que não é do agrado geral, revelando aqui sua dificuldade de conviver com as diferenças de opiniões e sentimentos, lidar com a ambivalência e frustrações (aspectos de sua imaturidade pessoal).

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pela Mãe - segunda aplicação.

Unidade de produção 1

Comentários:

Ainda não acabei. Tô caprichando tanto que... Não sei porque não estão tão grudados como antes, tão querendo escapar.

Estória:

Eu acho que eles foram pro sítio deles. As crianças estão brincando. A *M* está brincando com a raquete de tênis, que é uma coisa que ela quer jogar. O *R* está brincando de bola, que é um negócio que ele tem dificuldade, mas ele está se saindo bem. Os pais gostam de olhar. É num fim de semana. Eu acho que os pais estão chamando as crianças para ir embora. Está no fim o final de semana. Os filhos ficam frustrados, vêm muito a contragosto. Os pais estão dando risada porque já passaram por isso, eles tem que vir e acabou, não tem saída.

Título: Eu chego lá. (Porque não tem sítio ainda, *M* não joga tênis, *R* não joga bola e a gente de vez em quando fica muito frustrado por vir embora).

Unidade de produção 2*Comentários:*

Pode aproveitar o desenho de antes. Queria fazer outra estória e o mesmo desenho. Esse fim de semana tava com vontade de desenhar, pintar, para descarregar. Às vezes eu pinto e gosto. Agora comprei um saco de argila.

Estória:

Ela: Eu tô fazendo um retrato, todo mundo foi tirar fotografia, que é uma coisa que o pessoal detesta lá em casa - tirar fotografia. A idéia não foi de ninguém da família. Ninguém gosta de posar para fotografia, acho que foi de alguém que passou por ali. Eles, eu não sei, para mim parece que vai por num porta-retrato dos mortos, como faz a minha mãe. Fico pensando será que essa vai para lá, vão escolher a mais bonita; ainda tenho medo que eles morram.

P: O que vão fazer depois?

Ela: Vão tomar um sorvete.

Título: Fotografia.

Unidade de produção 3*Estória:*

Ela: Eu desenhei uma cama mas não quero por ninguém nela. Eu comecei pensando numa cama de hospital, eu ia por o meu irmão. Ele morreu e eu não quero pôr

ninguém nesta cama, não quero desenhar alguém doente. Já me vem morte, coisa pesada, não um resfriadinho, coisa simples.

P: É por isso que você não põe?

Ela: É parece que se eu puser alguém aí, não vai levantar, não sei. Doença para mim é muito pesado, não quero entrar, fico como avestruz, não quero participar.

Título: Saúde.

Unidade de produção 4

Estória:

É uma hora que acho muito gostosa, nós vamos sair juntos, não é sempre que sai todo mundo junto. (Estou me perdendo nos detalhes do desenho, que não há necessidade eu acho). A idéia é que a gente senta, conversa, conta o que vai fazer no dia, as crianças vão para a escola. Aquela hora que eu chego e estão todos na mesa. Bem uma hora que é do dia-a-dia de todo mundo. Esse encontro é de manhã, as crianças vão pra escola e nós vamos trabalhar. Normalmente sou a última a chegar para esse encontro. Eu vejo os 3 ali e me dá uma sensação de família, de gostoso, cada um vai sair para mais um dia. As pessoas ficam bem, aí o *S* e a *M* vão sair, às vezes eu vou terminar de me arrumar. O *R* vai comigo. Isso não se repete todo dia porque a *M* e o *S* acordam mais cedo e tomam café.

Título: Café da manhã com a família ou Café da manhã feliz.

Análise do DF-E da mãe - segunda aplicação

Já fala de pais que podem frustrar as crianças, talvez também já esteja começando a aceitar as frustrações. Ainda coloca esta perspectiva — tanto do desenvolvimento de novas aquisições como na possibilidade de suportar as frustrações — como algo para o futuro, como uma saída do presente que mostra as dificuldades, as faltas.

Ao tratar do tema que gostaria revela o medo de perder as pessoas que gosta, uma dificuldade de aceitar o desconhecido do futuro e a finitude da vida. Dá-se conta de que nenhum deles está preparado para lidar com suas frustrações, encaram o dar ilimitado como uma forma de negação da realidade — a eternização do prazer.

A expressão dos seus sentimentos revela-se agora claramente, o seu medo da vida e da morte emerge. Nega-se a encarar a doença e perda, talvez fruto das perdas anteriores e de muito sofrimento. Isso talvez permita uma compreensão acerca do medo do crescimento e a liberdade pessoal ser abafada por ela, e também, de um lado, a necessidade de agradar as crianças, de não frustrá-las e, por outro lado, de se afastar, manter um distanciamento.

Apesar das dificuldades dessa mãe, já parece poder ver e aceitar melhor as diferenças individuais, suporta melhor o dia-a-dia, a vida, mas continua forte seu projeto de união = todos juntos. Parece ainda associar um sentimento de estar acompanhada, ser querida, estar protegida, à proximidade física externa.

Síntese Geral

Segundo a análise das histórias de vida de cada um dos pais de *R*, observamos que ambos tiveram uma educação rigorosa e exigente e que a eles foi atribuído o papel de “bons” filhos. Não revelam, em seus relatos, suas frustrações, seus conflitos e inquietudes, ao contrário, sempre se mostram capazes de se adaptarem às exigências externas, mesmo quando elas são fortes, marcantes e trágicas, como a morte do pai de *I* (mãe de *R*) nos seus 10 anos. Sendo uma pessoa tão significativa e o suporte emocional e financeiro da família, mesmo assim, *I* não manifesta sua dor, a não ser atuando por evasão; revela o contrário do esperado, transforma-se numa pessoa produtiva e capaz de cuidar de si e de toda a família (onipotência no lugar da impotência, provável sentimento de base). Investe em primeiro lugar no campo profissional, deixando para um plano inferior, as experiências emocionais, como se desconhecesse esse aspecto da vida. Sua principal preocupação é a estabilidade financeira, que julga causa da desestabilização familiar, logo após a morte de seu pai. Diante da ausência real do pai e da dificuldade de continência de sua mãe, *I* cresceu precocemente, sem poder dar conta de suas necessidades internas, pois as necessidades externas se tornaram predominantes.

S (pai de *R*), por sua vez, também não encontra um lugar para seus próprios anseios e desejos dentro de sua família, acomoda-se ao que é proposto, que avalia como sendo o melhor, o mais adequado. Analisa sua família de origem como modelo de relação, e o que não se encaixa nisso tende a desorganizá-lo. Luta, portanto, por uma harmonia que imagina ter tido e, mesmo que hoje considere que é uma forma rígida de acomodação repete o que conhece, pois funcionou: *S* manifesta desejo de ser diferente,

mas se sente aprisionado pelo que é. Parece também não reconhecer suas necessidades internas; desenvolveu-se principalmente a partir das expectativas de seus pais.

As relações de afeto desses pais, sejam elas de alegria ou dor, de amor ou agressividade, estão sempre contidas e, em contrapartida, representadas de maneira racional. Expressam o que é adequado, esperado para os padrões de suas famílias: trabalho, cooperação, amizade, honestidade, etc... Outros sentimentos tais como hostilidade, inveja, raiva e rivalidade, não cabiam em suas manifestações, eram desaprovados, abafados.

Com essa situação familiar, *R* não consegue contato suficiente consigo mesmo de modo a organizar sua vida emocional com coerência e coexistência. Assim, não consegue reter-se dentro de si, no continente interno, nem dar limites e coesão ao self. A integração fica prejudicada pelo fato de que mais expelle do que elabora as emoções e o pensamento. O self não está suficientemente delimitado e mantido e, por isso, os limites da realidade não estão suficientemente estabelecidos.

A vida do casal desde o início foi dirigida para o que era esperado deles e não para o que desejavam. Eles vão se adaptando às condições externas, aparentemente sem irritações ou aborrecimentos, tendem até a dizer que foi bom (racionalização). Dentro dessa experiência de acomodação, os filhos chegam quatro anos depois do casamento, num momento de separação do casal, por motivo de trabalho — eles se estabelecem em duas casas. A mãe, só podendo amamentar até os dois meses o filho, procura uma ama de leite para *R* e mantém o aleitamento por cinco meses. Isso talvez tenha contribuído para negar a realidade, que põe limite nos desejos e, por outro lado, reforçar a idéia de satisfação eterna. Sua ligação com a realidade parece parcial: preocupam-se em dar e se

comportar como é esperado externamente e se satisfazem com isso, pois põem à parte o outro lado, o das insatisfações, o dos conflitos.

Nasce nesta família uma criança (*R*) que tende a ser orientada pelos seus desejos (realidade interna), regida pelo princípio do prazer e que coloca para fora suas insatisfações e necessidades, uma incapacidade de conter-se. Talvez por essa razão parece sempre ter mostrado necessidade de ser contido, aninhado, o que se vê em atitudes como choro persistente, inconsolável até os quatro ou cinco anos, provavelmente por estar sob forte pressão de tensões internas causadas por ansiedades de ordem persecutória, confusional ou de perda, em função da projeção de seus impulsos destrutivos, da incontinência externa ou ambos.

A realidade para *R* dentro desta perspectiva, se reflete por exigências às quais ele não é capaz de atender, levando-o a defender-se através de respostas impulsivas ou de retraimento, que tornam sua adaptação cada vez mais ineficaz.

R é uma criança inteligente, mas se comporta como uma criança que é incapaz de analisar uma situação e se colocar adequadamente nela. Usa seu potencial, em geral, para criar projetos, histórias e sonhos que não podem ser realizados ou que não levam a resultados úteis ao seu desenvolvimento.

R iniciou precocemente sua vida escolar, com um ano e seis meses, situação que somada a um desmame materno precoce, exigiam dele recursos para uma adaptação também precoce, exigência que se mostra incompatível com suas possibilidades.

Ele parece sempre sofrer muito com as perdas, desde as inevitáveis — o útero, o seio da mãe — até as mais simples, o que se pode deduzir de suas atitudes: choro persistente, comportamentos agressivos. Defende-se disso, às vezes, comportando-se como quem não se liga às coisas (relação parcial com os objetos); mostra

desprendimento em relação aos seus pertences num determinado momento (dá suas coisas para amigos e estranhos) e chora ao perder um peixe como se tivesse perdendo uma parte sua.

Ao confrontar-se com a família, o faz por evasão talvez numa tentativa de retardar o envolvimento emocional o que reflete que neste jogo de relações existem angústias, conflitos, vazios. Aparentemente, parece estabelecer ligações com todos os familiares, mas numa análise mais profunda, podemos entrever uma solidão íntima, sentimento de desconhecimento do que é contato real, como se não tivesse sido descoberto ("o nenê que não devia ter nascido", como um dos títulos) e a presença interna de objetos frágeis (cai, desmaia), demonstrando não acreditar numa verdadeira relação de objeto.

Os pais, em contrapartida, mais fortemente a mãe, parecem distantes de suas experiências emocionais e de uma forma evidente, afastam-se dos afetos de suas próprias ligações de objeto de família. São evasivos ou idealizam as relações familiares, colocando-se desta forma distantes de *R* não podendo contê-lo em suas necessidades — é como se olhar para as do filho fosse olhar para as deles, e isso os assusta, prenuncia dor ligada a perdas e consequentes sentimentos de abandono e raiva.

I coloca-se como uma mãe que viabiliza o cuidado do filho, mas não o faz diretamente, evitando o confronto com os sentimentos, o mesmo acontecendo com o pai que se coloca como alguém que tem pouca força para sustentar os problemas, precisa ser sustentado, mais identificado com o filho.

Pai e mãe não podem, neste sentido olhar-se, pois se o fizerem terão que constatar sua solidão, a falta ou fragilidade dos vínculos, seus objetos perdidos. O mesmo parece se dar com *R*, que evita essas angústias pela dispersão, evasão para a

fantasia, a agitação, suas fontes de descarga, revelando uma existência parcial de si mesmo, a falta do suporte afetivo dos pais, de sustentação para o seu eu, que assim não se desenvolve e não se individualiza.

Sobre a família de R

Quando recebemos a família de *R* foi-nos possível perceber seu desgaste, a dificuldade que tinham de lidar com seu filho e compreendê-lo. Sentiam-se impotentes, despreparados e ao mesmo tempo até aqui iam colocando no lugar desta realidade uma gama de racionalizações - “eu também era assim quando pequeno” dizia o pai, “quando ele crescer isso passa”, “ele se interessa por coisas especiais”, “é uma criança diferente”. Assim iam levando a protelando o encontro com a verdade que era terem um filho com problemas emocionais, agravados pela forma como foram ou não tratados.

Faziam o mesmo com sua vida conjugal, eram adaptados, iam se acalmando, confortando, deixando pra lá seus desencontros, embora numa determinada época entraram em crise, da qual acharam que saíram.

Essa forma de se colocar diante dos problemas de sua vida, pareceu-nos de um lado serem fruto de uma educação moralista-religiosa que não lhes permitia ver de outro modo - estavam perfeitamente encaixados nesse modelo; e de outro sugeria que estávamos na presença de pessoas ainda não descobertas pelo outro e por si mesmas.

Ao associarmos de um lado a falta básica de *R* - não ter sido e não vir sendo visto por seus pais - e de outro a dificuldade de seus pais de se perceberem como pessoas sensíveis e em consequência também não ao filho, construímos a hipótese de que os três estavam identificados pela mesma angústia e sofrimento.

Aceitamos acompanhá-los nessa experiência, sem saber muito bem para onde estávamos indo. Ficamos com os pais, nesse momento era o que nos parecia possível e encaminhamos *R* para uma análise infantil. Esse trabalho durou aproximadamente dez meses.

Os resultados do trabalho

Ao longo dos nossos encontros, íamos percebendo o aumento da comunicação, o aparecimento da agressividade contida. Aos poucos, na nossa presença, depoimentos nunca feitos eram explicitados, tanto de faltas, de vazios, como de mágoas. Eles se surpreendiam e se estranhavam, às vezes se emocionavam, outras se decepcionavam - era como se estivessem juntos há muito tempo e não se conhecessem.

Observamos o quanto idealizaram um ao outro e se tratavam como se o outro fosse seu sonho. Era ali, nesses pequenos encontros que o sonho se desmanchava e era-lhes possível deparar-se com aspectos da verdadeira pessoa que eram.

Destacamos como mostras algumas frases, freqüentes no decorrer da experiência de um pelo outro:

- “eu não sabia que você ficava tão triste, você não demonstra”
- “eu não sabia que você tinha tanto medo, você nunca mostrou”
- “eu não tinha idéia da sua sobrecarga, você parece sempre feliz”
- “eu não conhecia essa sua fraqueza”
- “eu não sabia que você precisava disso”
- “eu não sei porque ela (ou ele) só faz essas revelações aqui, nunca me falou isso antes”

Nós, como eles também desconhecíamos o porque, mas podíamos ver acontecer e continuávamos a experiência sem saber onde ela nos levaria. Tínhamos sempre

presente a situação inicial que motivou esse trabalho - as crianças desconhecidas, não descobertas e cheias de emoções que habitavam no interior de *R* e de seus pais.

Nosso foco de atenção não era portanto os conflitos conjugais, embora estivéssemos apenas com o casal, interessava-nos as pessoas que estavam escondidas atrás de um discurso evoluído, intelectualizado.

Percebíamos que à medida que iam se revelando, sua função de pais, muito trazida às sessões iam ganhando mais força e autonomia. Eles iam se sentindo mais livres para ter uma posição. Sentiam-se mais capazes de frustrar e pôr limites em algumas expressões de *R*, que até então enalteciam ou vibravam - o fortalecimento e a manutenção da loucura de *R*. Pela incontinência dos seus impulsos e por vezes pela aceitação incondicional de atitudes a serem frustradas, uma confusão dos pais, uma dificuldade de discriminar e um medo de repetir sua história, os pais colocavam-se omissos ou incompatíveis com as necessidades de *R*. Esse era o combustível que mantinha a confusão mental de *R*, sua alienação e tendência à evasão, como forma de suportar a angústia.

À medida que o trabalho caminhava, os pais iam se aproximando mais de si mesmos, o casal mais um do outro e ambos podiam ir reconhecendo suas faltas e trabalhando para o seu desenvolvimento dentro do possível.

Eles traziam notícia de um clima novo em casa, um pouco mais relaxado, mais leve. Supúnhamos na época, que era devido a uma mudança de atitude entre eles, a diminuição das acusações recíprocas, o acúmulo de mágoas e insatisfações, a recuperação de um certo respeito pessoal. O clima era de uma cooperação mais verdadeira, cada um fazia o que podia, um se encolhia (a mãe) o outro se expandia (o

pai). Os espaços que cada um ocupava foram se modificando, as funções foram ficando mais definidas ou pelo menos era possível ver as faltas.

O pai, por exemplo, que trocava de emprego sempre que frustrado, não se dava conta do que isso representava para a família. A atitude da esposa na aparência e no discurso manifesto, era de total aceitação e apoio, quando na verdade sentia-se insegura e sobrecarregada, com medo do caos, da desordem externa e interna, que já vivera no passado quando perdeu seu pai. Essas revelações foram quebrando as aparências - ele foi percebendo o quanto vivia como um jovem que podia usar a vida como uma experiência de satisfação, negando suas responsabilidades e ela o quanto fazia uma fachada de mulher forte, capaz de suportar tudo e todos, dava-se conta de sua onipotência.

Muitas verdades como essas foram vindo à tona, emocionando-os ora pela alegria de se descobrirem e poder tratar de ir em busca de suas satisfações mais reais, ora pela aflição que aparecia por se sentirem frágeis e incapazes de dar conta da experiência que já estavam vivendo.

Esses momentos foram vividos na nossa presença e contidos na medida em que apresentávamos a realidade, que de um lado os confortava devolvendo-lhes a capacidade que já tinham e negavam, e de outro os colocava diante de seus vazios e faltas, estimulando-os ao desenvolvimento de novas atitudes e despertando-os para a necessidade de um tratamento de sua vida emocional.

Nosso trabalho encerrou nesse momento, onde o mais notável era o “despertar de um pai”, mas teríamos o arrojo de dizer o “despertar de um homem” e o nascimento de uma possibilidade em ambos de lidar com a verdade.

Isso sem dúvida foi benéfico a *R*, que ao mesmo tempo que se desenvolvia em sua análise pessoal, ia encontrando em casa um ambiente mais acolhedor e favorável ao seu desenvolvimento.

2

1

DF-E mae ④

③

①

②

1

2

3

4

80

DF-E par
19 a 198

DEF - per
v. a. p.

Caso 2

Identificação

Nome: D

Idade: 6 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: pré-escolar

Mãe: E

Idade: 38 anos

Escolaridade: superior

Profissão: funcionária pública

Pai: T

Idade: 40 anos

Escolaridade: superior

Profissão: engenheiro

Entrevistas com D

Na primeira, ele entra e conversa um pouco sobre a sua vida: o que gosta de fazer, seus jogos preferidos, a escola. Depois de olhar os brinquedos de longe, conta que tem medo de cachorro, leão, cobra. Aí se deita e dorme.

Na segunda não quis sair do colo da mãe, entrou com ela, não quis conversar comigo ou brincar. A mãe ficou contando dele e insistindo para ele brincar. Eles falavam, eu ouvia. Observei trocas na fala: z por g ou j, l por r, x por s e que, naquele dia, estava pouco dócil, retraído, talvez um pouco assustado.

Na terceira, *D* diz que de manhã não é bem humorado e que tem dia que ele não está bom. Pega uma folha e começa um desenho e depois conta e estória.

Unidade de produção 1

Era uma vez um Papai Noel. Foi entregar presentes pras crianças que estavam lá. Vou fazer uma casa, eles morando na casa. Aí ele chegou lá, entregou os presentes e foi embora.

Título: O Papai Noel.

Inquérito

P - As crianças o viram?

D - Não, elas e os pais tavam dormindo, tudo tavam dormindo.

Unidade de produção 2

É o Bat Simpsons. Ele gosta de brincar de skate, de moto não gosta. Fica contente quando compram um montão de coisas pra ele. Ele está segurando o estilingue para acertar o alvo, ele já acertou uma.

Título: O Bat Simpons.

Inquérito

P - Onde ele está brincando?

D - Na casa dele.

P - Com alguém?

D - Não, sozinho, ele só tem a Liza para brincar, ela é mulher, não sabe isso.

Unidade de produção 3

É uma casa com um menino assistindo TV. Ele tá vendo o Chaves e o Chapolim. Ele achou uma casa e morou.

Título: A casa.

Inquérito

P - Quantos anos ele tinha?

D - Sete anos.

P - E a família dele?

D - Ele não tem, ele era pobre e achou uma casa.

P - Onde ele nasceu?

D - Na rua, ele foi crescendo sozinho.

P - E depois?

D - Ele vai convidar outros meninos pobres e formar uma família.

Unidade de produção 4

Este é o Chapolim e este é o Chaves. Eles estão brincando. O Chaves é o Chapolim, ele se fantasia, de Chaves e de Chapolim. O Chapolim é um herói e o Chaves é um menino pobre. O Chapolim ajuda as pessoas, o Chaves só brinca, não tem mãe e pai e mente que tem. Ele nasceu pobre, não tem pai. O Chapolim foi virando herói, aprendendo, também não tem pai. Eles vão brincar de jogar futebol.

Título: Chaves e Chapolim.

Inquérito

P - Onde eles moram?

D - Chapolim mora em qualquer lugar, num outro planeta, na hora que chama ele, ele vem e ajuda, e o Chaves mora num barril, fica sem comer.

Procedimento de Desenhos de Família com Estória (DF-E) pela mãe - primeira aplicação

Unidade de produção 1

É uma viagem de férias, estão indo para um outro país. Estão alegres, todos queriam ir. A princípio é andar de avião, é diferente, é rápido, viagem de carro demora muito, eles reclamam muito. Os filhos não sabem onde vão, é surpresa, os pais escolhem um lugar que criança gosta, que tenha parque, água, coisa que criança gosta.

Título: Viagem de férias.

Mãe, pai, filha (que gostaria), mais velho, mais novo

Unidade de produção 2

Pai, mãe, mais novo (menina), do meio (menino), mais velho (menino)

Numa casa antiga, que tem móveis antigos, um lago, piscina, árvores. A mãe gostaria de morar numa casa assim, antiga, com aqueles assoalhos, bastante flor, ou seja, do século passado, bastante espaço. A mãe não sabe se eles gostariam de morar numa casa assim. É um dia de tarde e eles estão sentados no jardim, quietos, pensando... - que estão satisfeitos, felizes pelo lugar e se os pais tão bem, os filhos vão estar. Os pais estão bem - a situação financeira, o espaço, a saúde. Os pais trabalham.

Título: Vida harmoniosa no casarão.

Unidade de produção 3

Uma situação com o Daniel, a gente apavorado, ainda mais pelo sintoma não ser físico, foge do controle da gente. No outro quarto as crianças dormindo. Depois a escola, a procura da ajuda, o profissional, analisar os custos, que também afligia muito.

Uma outra situação seria o inverso, o filho não ter doença desse tipo, mas a mãe, com uma doença incurável, física ou psíquica grave, que viesse a falecer e deixasse os filhos desamparados - o amor da mãe é afetivo.

Título: Preocupação no lar.

Inquérito

Eu ponho sempre uma menininha porque eu gostaria de enfeitar ela bonitinha, mas tô contente com os dois. Só queria ter mais se pudesse oferecer casa, escola, lazer.

P - O que vai acontecer com o filho?

Ele - Espero que seja curado. Com o trabalho que vai se concluir ao longo dos anos, mas durante o percurso já começo a notar as melhorias...

P - E a preocupação com a mãe?

Ele - O medo é muito grande de que isso ocorra e as crianças ficam aí desamparadas. Quem cuidaria delas? Uma madrasta, o que seria péssimo ou uma empregada?

Unidade de produção 4

Um almoço familiar lá na minha cidade em Minas. Todos reunidos para o almoço, os filhos, as esposas, os netos, etc... Muita gente, todos alegres e em paz. Um almoço de domingo. Segunda-feira passeio na fazenda - onde se faz doces, poderia matar boi, uma casa espaçosa, as crianças andando a cavalo, de trator, nadando na cachoeira.

Nesse domingo do almoço, à noite, curtir um som num barzinho, com o marido, irmãos e amigos também, (é um passeio da família) sendo que esse horário poderia ser extrapolado para um passeio com meu marido para algum lugar, os dois sozinhos, só.

Título: Reunião de família.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pela mãe - primeira aplicação

Unidade de produção 1

Pai, mãe, dois filhos homens pequenos

A família pode estar num parque fazendo piquenique, andando de bicicleta. Depois voltam pra casa, né? Estão alegres, vez ou outra saem e gostam.

Título: Família reunida domingo no parque.

Estória

Tamos saindo para dar um passeio, fazer uma compra no Carrefour ou visitar o sobrinho. O filho mais novo, pai, mãe, filho mais velho sempre do lado da mãe, procura sempre né? É importante tirar de dentro de casa né? São muito presos, mudar o ar, ar livre né? Dentro de casa fica muito monótono, muita rotina, televisão.

Título: A família, a minha família.

Unidade de produção 2

Pai, mãe, dois filhos

É a minha mesmo (aqui nada), mas é com um pouco mais de dinheiro, melhor emprego, que possibilite passear nos fins de semana, viajar nas férias, fazer compras, cursar boa escola, fazer bastante esporte, ter um bom desempenho na escola. A família está pensando em construir uma casa. Agora estão em casa, na rotina do dia a dia - acorda, come, trabalha, estuda. Eles estão se sentindo bem, bem.

Título: Minha família.

Unidade de produção 3

Ela - Essa família não existe... mas não existe pessoa que não está bem.

Estória

Esse aqui é um almoço, jantar, não importa. Qualquer família né? Não importa, um casal que tem dois filhos. Um sem apetite, que é o que está de roxo, e isso é rotina, quase todo dia é a mesma coisa e com dificuldade de fazer sentar na mesa para comer junto. Fica bravo com ele, vê que não resolve, deixa a critério - vai pra mesa se quiser, come se quiser. Eu gostaria que fosse ao contrário, mas nem sempre é possível, porque é uma pessoa difícil. Quer comer só o que gosta. Tem sempre o que ele gosta, mas um dia ele gosta, no outro ele não gosta, e a pessoa fica perdida, não sabe.

Título: Dificuldade no ambiente familiar.

Inquérito

P - E o que vai acontecer depois?

Ela - Essa dificuldade vai se resolver, está procurando ajuda pra resolver, espero né?

Unidade de produção 4

Num apartamento pequeno, mas bastante sol, simples, mas aconchegante, com muita planta, muita música, muita conversa, muita alegria, muitos amigos, muitos planos, só.

Título: Minha família.

Inquérito

E onde eles estão?

Tem que desenhar?

...

Ah, não vou não, eles podem estar ou podem ter saído.

Muito chato.

***Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai -
segunda aplicação***

Unidade de produção 1

Pai, mãe, dois filhos

D perto da mãe (mais velho)

O mais novo perto do pai

O pessoal tá alegre, vai passear. Vão ao shopping. Um gosta do shopping, outro também e os pais acompanham - importante é dar uma volta. Depois vão na Pizza Hut lanchar. Foi um domingo típico do paulista, né?

Título: Um passeio numa tarde de domingo.

Unidade de produção 2

Tamos saindo para dar um passeio, fazer uma compra no Carrefour ou visitar o sobrinho. Filho mais novo, pai, mãe, filho mais velho sempre do lado da mãe, procura

sempre, né? É importante tirar de dentro de casa né? Dentro de casa fica muito monótono, muita rotina, televisão.

Título: A família, a minha família.

Unidade de produção 3

Pai, *D*, mãe, o mais novo

Vão levar o *D* no médico, sentiu um problema estomacal, então vamos levá-lo. Sempre o mesmo bonequinho, não consigo fazer outro. Vamos esperar o conceito do médico, fazer exames. A gente acha que é bom por causa dos remédios dos vermes. Não é nada grave não. Parece mais que é um pretexto para não ir à escola. Ele vai perder a aula. Ele já reclamou de alguma coisa e nós não ligamos e ele deu problema na escola - sentiu mal. Ele comentou que quando o pequeno reclama, fica em casa, ele não. E ele deitou e dormiu, então é sinal que tava indisposto mesmo.

Título: Saída ao médico.

Unidade de produção 4

Vou desenhar a mesma coisa, não vou mudar nada.

Minha família: *D* não,

O mais novo, eu, mãe, *D*

Formação oficial - o pequeno mais ligado a mim, o maior mais à mãe e a gente tentando ficar junto e estamos conseguindo bastante. Eu posso ter mudado, mas a mãe é que mudou muito, agora a gente conversa mais. Eu continuo chato do mesmo jeito, a minha mulher mudou bastante, ela tá mais compreensiva. Essa vinda dela pra casa foi importante. Todos acham isso, a família está mais alegre, participativa, mas as características dela permanecem, ela é desligada. Talvez ligue, mas liga pouco, ela gosta mais de ficar estudando, mas a gente tá contornando, tamos distribuindo tarefas, tamos fazendo junto.

Título: A minha família.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai - primeira aplicação

Unidade de produção 1

Filho mais novo, eu, a esposa, *D* (o filho mais velho)

É um retrato, não devia estar mais junto. Isso é uma retratação da família, um filho tá mais perto do pai, outro da mãe. Vão sair juntos visitar um parente, na tia, vai. Apesar que eu tô de mala, essa mala me compõe. Seria um dia de semana. Eles gostam de ir na tia.

Título: O retrato cotidiano.

Inquérito

P - Como estão se sentindo as pessoas?

Ele - Tão meio tristes, o pequenininho está meio aéreo.

Unidade de produção 2

Pai, filho mais velho (*D*), filho mais novo, mãe

Tem que ser cigano pra adivinhar, eu não consegui colocar no espaço. Eu tentei fazer uma família numa sala, sentada numa poltrona, dialogando e as crianças brincando, tipo assim, relaxando.

Inquérito

P - Sobre o que falam?

Ele - Abobrinha, jogando conversa fora, você quer um assunto, um passeio, estão programando um passeio pro fim de semana. O que levar de presente para um, a permanência lá, a acomodação. Os pais querem ir porque é aniversário do sobrinho. Os filhos, eles vão brincar de carrinho, não tão escutando a conversa, mas o menorzinho interfere.

Título: Um fim de tarde.

Unidade de produção 3

D (o filho mais velho), mãe, pai, menorzinho.

É um retrato assim grotesco, mas ele tá acamado - pus ele porque ele é que ficou doente recentemente.

P - Qual é a doença?

Ele - O físico né? A pneumonia, e o problema psicológico, o terror noturno lá né que assustou a gente um pouco. Nós buscamos ajuda da pessoa especializada, levou na homeopatia, no alopata, floral né, e pensamos a prioridade do tratamento.

Título: Momentos de tristeza.

Inquérito

P - O que vai acontecer?

Ele - O filho vai buscar ajuda, acha que vai dar certo, mas não tem certeza. O pequenininho não tá entendendo muito bem, tá no mundinho dele lá.

Unidade de produção 4

Pai, mãe, maiorzinho, menorzinho, o tradicional

Tamos saindo pra um passeio, uma compra. Tão animados porque eles vão sair, estão juntos, eles gostam bastante de ficar juntos. Vão no supermercado, eles atrapalham, querem ficar nos brinquedos, querem sair. Eles não levam lista, atrapalha, não se concentram. Os pais dão sempre uma lembrancinha, né?

Título: A família.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) - pai e mãe - primeira aplicação

Ambos, tanto o pai como a mãe, parecem não ter recursos para enfrentar suas próprias emoções, o que os coloca impossibilitados de confrontar-se com as de seu filho. Os dois captam o vazio de sua casa interior, a falta de espaço e possíveis ressentimentos e mágoas, talvez por isso o projetem no exterior, quando falam do aperto externo, do ar pesado, da sensação da opressão, da prisão. Esses sentimentos estão dentro, mas como ficam insuportáveis são postos fora, daí podem se afastar quando saem. Isto porém dá ao dia a dia uma qualidade ruim, desfavorável, sufocante, ameaçadora, tem que fugir da própria vida.

Observa-se no pai um desconhecimento da realidade psíquica, uma dificuldade total de perceber-se e aos outros, e uma tendência a colocar os problemas na mulher ou no filho mais velho, preservando assim a ele e ao filho mais novo. Separa a família num par saudável e num par doente. Chama a atenção no desenho do pai, a perseverança na mesma representação, talvez uma pobreza interior ou uma forma de controle.

Já a mãe parece estar mais próxima do reconhecimento de que existe uma vida interior e que a alma pode adoecer - fala da sua e da do filho. Acrescenta como solução para as aflições, além das já citadas, a volta ao passado, a volta à casa dos pais, revelando assim sua imaturidade e o desejo infantil de ser acolhida. Revela sinais de ansiedade na sua forma de representação - desenha e escreve muito, precisa explicitar, clarear bem as coisas.

*Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) - pai e mãe -
segunda aplicação (seis meses depois)*

Nota-se aqui um certo enriquecimento, as figuras não são mais símbolos e as situações em que a família se encontra já não são mais as mesmas. Talvez esse pai esteja um pouquinho mais fortalecido ou ameaçado, o que lhe permitiu mais liberdade e criatividade. Parece também iniciar a descoberta de um mundo interior, de uma realidade psíquica, pois já coloca como possível o filho ter problemas desta ordem e precisar de tratamento específico - uma nova visão da criança e seu sintoma.

Além disso, já pode olhar para o ambiente externo e ver coisas boas, como a aproximação da mulher para atender o filho e já não precisa formar os pares sistematicamente para suportar as angústias. A mãe já coloca em si e no marido a esperança de construir uma vida melhor, sem ter que recorrer ao passado para recuperar o que perdeu. Está contando mais consigo mesma, com seus recursos, não com o de seus pais. Já fala aqui de um ambiente melhor, menos ameaçador, menos hostil. Começa a aparecer o espírito de colaboração em substituição ao agressivo e pesado.

Parece menos ansiosa, não precisa escrever tanto enquanto desenha. Além de ver-se com mais esperança, vê também mais possibilidades no filho e no tratamento dele. A crença em si, no filho e na vida está mais fortalecida.

Síntese

D apresenta uma dificuldade de contato e um vínculo de dependência com a mãe, sinais claros de insegurança, falta de confiança em si e a necessidade de buscar na fantasia conforto para suas ansiedades, uma vez que seu ambiente familiar é muito pouco favorável e qualitativamente inferior à sua necessidade. A mãe também é muito frágil, carente de afeto e continência, e o pai intolerante, também com recursos escassos para lidar com a situação, reage com desespero e violência. Todos pioram com a vinda do irmão mais novo de *D* - ele e os pais, o que denota que estavam já esgotados em suas possibilidades, atribuições e funções. Entraram em crise, mas parece que o representante que ficou é *D*. Sua dificuldade alimentar e os rituais que mantém revelam a presença de ansiedades persecutórias que são desta forma contidas.

É também uma forma de aproximar a mãe, pois esse ritual obriga a sua presença, mesmo que a qualidade da relação não seja satisfatória. O mesmo acontece na hora de dormir, parte do corpo da mãe que ele acaricia o faz senti-la próxima e acalma, sem terrores noturnos intensos.

Num primeiro contato sente-se ameaçado, olha de longe, mas se sente acolhido, pois dorme na sessão. Estava menos perseguido nesse primeiro encontro. Apresenta-se um menino com faltas básicas, necessitando ser preenchido, mas que só percebe reasseguramentos externos. Identifica-se com Bat Simpsons, um menino revoltado, cujo pai não entende nada e que tem uma mãe que só liga pro irmão - forte sentimento de solidão e incompreensão. Sente-se uma criança desamparada, abandonada, também como seus pais demonstram em suas histórias de vida (identificado com Chaves). Para sair desse estado de sofrimento interior e desespero usa a fantasia do herói que tudo

pode, que de nada vira tudo e, principalmente, ajuda sua parte frágil (identificado com o Chapolim).

Além dessa forma, reage à dor de não se sentir acolhido com hostilidade, agressividade e às vezes até com violência, tornando-se uma companhia difícil e criando sérias dificuldades no relacionamento com crianças e adultos.

Sobre a família

Quando *D* foi trazido ao consultório para uma avaliação, toda a família parecia precisar de ajuda. O pai mostrava-se agressivo, revoltado, esgotado pelos problemas, a mãe desvitalizada, confusa e também esgotada. Sentiam-se com poucas condições internas e externas, sendo mais exigidos que nunca, incapazes de lidar com a vida e com os problemas de seu filho.

Apesar disso, especialmente o pai, mostrava-se muito resistente. Participava do processo por ter-lhe sido imposto como condição de permanência do filho na escola. Veio, mas contrariado. Entendemos essa atitude mais como uma manifestação de sua precariedade de condições psíquicas e um pouco de ignorância a respeito do que estava acontecendo com seu filho.

Quando menino, esse pai viveu várias perdas e separações importantes em sua vida, que o marcaram profundamente, que se por um lado poderiam aproximá-lo da dor do filho (uma falta básica de mãe e pai), fazem-no confrontar-se com sua própria dor, da qual vem tentando fugir desde pequeno, construindo de si mesmo a imagem do forte que deu a volta por cima e reconstruiu sua vida. A revolta que sente pelas faltas é grande e o endurece a tal ponto que se posiciona frente aos problemas psíquicos da esposa e filho,

sem tolerância, com irritabilidade e, às vezes, violentamente. A mãe teve uma vida mais confortável do ponto de vista material, mas internamente apresenta-se pobre de recursos, incapaz de aproveitar seu potencial, sem força. Sua sensibilidade não pode ser utilizada porque há momentos em que identificada com o filho, reage com desespero e tende à inércia ou paralisação.

É nessa família onde o peso do passado, as falhas, as mágoas são intensas e a falta de condições emocionais dos pais é visível, que nasce *D*, um menino com condições pessoais precárias, muito necessitado de um contato consistente, capaz de conter e minimizar a força de seus fortes impulsos, sua voracidade e agressividade, e suas ansiedades persecutórias.

Notávamos um certo desleixo do pai, como víamos no filho no seu cuidado pessoal.

Reflexões sobre o trabalho familiar

Ao terminar a avaliação foi sugerido à família, que nos acompanhou nesse processo e, portanto compreendia nosso encaminhamento da necessidade da família continuar um trabalho, especialmente o casal e *D* iniciar um tratamento individual.

O atendimento durou a partir desta data por volta de sete meses. Os encontros inicialmente eram bastante penosos, era preciso vivenciar a hostilidade e agressividade do pai e o vazio e a distância da mãe de *D*, ambos intensos. À medida que isso foi podendo ser trabalhado a comunicação entre eles começou a aparecer, já era possível a eles conversar de algo sem se defender pelo ataque ou negação.

As verdadeiras emoções, aos poucos, iam substituindo as defesas e eles iam podendo expor seus sentimentos, seus medos, sua impotência. Esses eram recebidos por nós sem desespero ou crítica, o que aos poucos foi favorecendo a possibilidade deles entrarem em contato com elas. Com isso iam se explicitando as faltas individuais e o que precisava ser desenvolvido em cada um. Aos poucos, os pais iam se sentindo mais comprometidos com as reações de seu filho.

Um resultado que consideramos muito importante, até mesmo fundamental nessa família é ter sido desenvolvido o respeito mútuo, especialmente o respeito às deficiências pessoais de cada um, a possibilidade de uma relação mais humana. Neste caso, afora nossas observações clínicas, nosso relato da experiência, isso pode ser observado na reaplicação do DF-E nos pais, que revelam seu enriquecimento, um pouco da força pessoal (a que é possível alcançar) nesse trabalho e uma certa esperança na vida.

Ambos sabiam de suas necessidades individuais de desenvolvimento e tratamento das suas emoções.

DE (1)
Dg D

U.P.
(2) 3.6

20
(3) E.A.

DE(1)
2.1

Familia

2° pina (foglia)
primo re
foglia di papav.
gr. d'acqua tra una
e l'altra casa, la 1° si
dà, l'amaro, molto
poco o
nessuno.

$$\frac{dF}{d\alpha} = \frac{dF}{d\alpha} \frac{d\alpha}{d\beta}$$

2- family

Il fin de semaine Mr case la au.

[illegible]

Dear Sir,

na is down go

but in a
musical manner
a - chording to a
repeated in
a - chording to a

isde pizenda.

invenit 30/1-02

1911

تاریخ : ۱۳۹۵/۱۰/۱۰

1900

27-0-1961

aproveitadas por crianças
e crianças. E, por isso,
se uma criança morde
ou danifica coisa:

prospetto al n. 100
chioda e il mal
stabile in ma
rait. 999.

2000. 2000. 2000.

Interview tips

... ..

Leaves green

•
•
•
•

DF-E par
15.08.

DFE per
app.

Ides

Not

Sex

Ides

Sex

Ides

Sex

Ides

Sex

Ides

Not

Sex

Ides

Sex

Ides

Sex

Caso 3

Identificação

Nome: *N*

Sexo: masculino

Idade: 5 anos e 11 meses

Escolaridade: pré-escola

Mãe: *H*

Idade: 33 anos

Profissão: do lar

Escolaridade: superior

Pai: *I*

Idade: 37 anos

Profissão: docente

Escolaridade: superior

Primeira entrevista individual com N

N chega, nos apresentamos, vamos para a sala. Ele se aproxima da caixa de brinquedos e vai tirando os brinquedos da caixa. Pega os bonecos de pano. Uma mulher, que diz ser esquisita, e leva para o telhado da casinha de madeira da sala. Outra mulher, diz que é esquisita, faz ela subir pela escada imitando: "Ai, tô caindo, ai, tô caindo". "Também vai para o telhado fazer limpeza", diz. Tira as escadas. Põe o nenê no berço e o menino na cama.

Tudo acontece no telhado. As tintas ele coloca em cima da chaminé, uma sobre a outra, fazendo uma pirâmide. Coloca as escadas dando acesso ao telhado e estaciona os carros nele.

Desce um carro e sobre outro com uma mulher, que cai. N diz: "está com sangue", e larga a mulher. Faz uma pirâmide de tintas, coloca mais e diz: "vai cair, quer ver" ...

P - E a mulher?

N - Vai morrer. Cai tudo e ele ri

A casa muda de lugar e começou a cair tudo. Foi um terremoto. Faz tudo ir caindo e põe tudo dentro da caixa, dizendo: "é porque vai vir uma chuvarada!". "O nenê, ai que medo! Os nenês têm medo de chuva".

"O homem tava quase entrando e aí fechou a caixa, ele ficou de fora". As mulheres ficam dentro da caixa, N tira as crianças. Diz: "eles vão ficar juntos, dentro de casa não chove. Eles vão arrumar a casa para quando eles chegarem.

"Aí parou a chuva, tava de noite, todo mundo foi pra sua cama. Aí quando eles chegaram tava tudo arrumadinho. Aí eles ficaram de bem".

P - Quem?

N - O pai, o nenê, a empregada, a mulher, o menino.

Observo que N é cuidadoso com os brinquedos, arruma tudo antes de sair.

Segunda entrevista individual com N

N chega e a mãe pede para entrar um pouco, precisa falar uma coisa sobre ele.

Diz: "ele tem muitas novidades, não é N?".

P - Ele poderia me contar, não é N?

A mãe continua dizendo que saíram juntos, foram ao shopping, ele brincou e também ultimamente ele tem falado do avô, o meu pai. Era isso que eu queria contar. Ela sai e ele me conta que fez um teste e passou, vai começar a nadar no clube, porque já tem seis anos. Parece contente. Conta também que teve um bolo de aniversário: "é de morango, couve-flor, uva, cenoura com salgadinhos no meio. Veio meu primo e minha irmã pra comer. Eles comeram bolo em cima do telhado".

Depois me conta que vem uma coisa que vai do céu para o inferno.

P - O que é o inferno?

N - Um lugar cheio de veado, aquele que tem chifre aqui e aqui (aponta para o corpo todo) e que chifra".

P - Vive alguém lá?

N - É pra quem morre, morre e vai para o inferno, quem é má".

P - E os outros?

N - Vão pro céu.

P - Você sabe de alguém que foi pro céu?

N - Meu vô... Outro dia tinha uma lua grande, eu olhei e parecia que tinha uma mulher costurando sentada numa cadeira que faz assim (demonstra se balançando). É a mãe de Jesus...

P - Você viu mais alguma coisa?

N - Meu vô

...

Enquanto conversava ia pintando.

E continua.

N - Ontem eu assisti João e o pé de feijão. Tinha um gigante que morava no céu, que era bem grande (demonstra), ia até lá em cima e comia as criancinhas, a mãe delas não. Ele andava, tremia tudo, é de conto de fadas.

...

N - Ah, eu vou te contar uma piada: era uma vez dois tomates, aí o carro passou em cima de um - PUF e do outro PUF. Ele ri. Aí veio um gigante e passou em cima de vários tomates e um explodiu e pegou fogo no gigante.

Conversamos do desenho:

N - Aqui é uma onda, o sol, as montanhas

N - A onda vai, ela só tá descansando, depois ela vai cair na rua”.

Coloca o seu desenho para secar e diz que vai escrever a estória. Escreve uma porção de letras. Olha para mim e diz pra eu escrever: “A bruxa não era má, nem o gigante”.

Cada coisa que usa, guarda, limpa as mãos, o pincel, fecha as tintas e guarda na caixa. Pega as tintas em bloco e deixa cair na caixa, dizendo: “o prédio caiu”. Diz que vai

brincar na casinha. Pega os bonecos, faz um jardim com as flores, põe o nenê sentado. Despeja todos os brinquedos e diz: "está uma confusão".

Encerramos e ele põe os brinquedos na caixa.

Terceira entrevista individual com N

N faltou porque ao vir para o consultório a mãe atropelou uma criança. Ele vinha trazendo um tambor.

Quarta entrevista individual com N

N chega e me fala do atropelamento, por isso não veio. A mãe diz que ele nem quis trazer o tambor. Hoje trouxe o Pluto.

Entramos e ele brinca comigo como se o Pluto falasse, na língua do au-au, e como se fosse nenê. Diz: "é mais o Pluto que caiu, se machuca, levanta, o pai trata e ele morre... é um monstro, atirou nele e morreu".

Hoje N parece mais confuso e agitado. Vai para a lousa e diz que vai escrever.

A handwritten signature or scribble, possibly reading 'Ramon', is written between two horizontal lines. The lines are drawn with a thick black marker.

Vai falando: “o motorista atropelou o Alf e o motorista morreu, não, foi o monstro. Vou desenhar uma baleia, não um dente, não, é mentira, é um cachorro”.

Proponho a ele contar histórias de alguns desenhos, ele aceita. Apresento algumas pranchas do C.A.T.. Aplicamos a forma simplificada: pranchas 1, 3, 5, 7 e 9.

Prancha 1

Era uma vez os três pintinhos, que só comiam minhóquinhos (representa). Aí ele comeu, comeu, aí ele pintou todo o vaso da mãe, tava apagado.

Título: A história do pincel

Inquérito:

P - E depois?

N - Depois foram brincar. Acabou a história e se quiser outra, pede pra sua avó.

P - E o pai?

N - Ele tinha morrido há tanto tempo.

Prancha 3

Um leão que tinha um palácio só pra ele e só ficava vendo aquele palácio. Tinha um ratinho bonitinho, que era azulzinho, rosinha, verde-claro, azul, todas as corinhas. Aí chegou um gigante que destruiu ele, o castelo. Aí o ratinho lutou (representa) mas ele era fraquinho. O gigante queria brincar com o leão que era fortão, aí brincou com o ratinho e foram felizes para sempre.

Título: O leão fortão e o ratinho fraquinho e o gigante fortão.

Prancha 5

Outro urso, dois. Quero desenhar. Pega uma folha e desenha. Diz que é um siri. O siri tá andando na caverna do urso. É uma taturana, tá passando aí. Faz outro desenho, o do cachorro, com um sol e uma árvore.

Quinta entrevista individual com N

Conversamos e continuamos o C.A.T..

Prancha 7

Não tem nada, só cama. Olha de novo, ri e diz: "tem um ursinho". Era uma vez um ursinho que vivia sozinho, sozinho, prenderam ele com um elástico assim

(demonstra). Aí os donos voltaram, viram que o macaco não tava mais ali. Aí eles pegaram o ladrão que tava ali.

Título: O ursinho

Prancha 9

Era uma vez um coelho que vivia muito feliz amarrado, ele gostava de ser amarrado. Aí um dia ele desamarrou (faz ruídos). Droga, não quero ficar assim, eu vou morrer. Aí caiu uns homens (representa), um chamava Calison e outro Ericson. Eram homens que gostavam de comer coelho. Aí de repente (faz um som) jogam água no coelho. Aí acabou.

Título: O coelho homem, o coelho e o homem que morreu.

Inquérito:

P - Quem é esse homem?

N - O homem que morreu é o que soltou o coelhinho.

N pega todos os bonecos de pano, vai para a casinha. Tira tudo de dentro, pede minha ajuda. Diz que é uma mudança. Os bonecos ficam jogados no chão. Coloca os móveis fechando todas as entradas do quarto, o resto da casa fica vazio. Diz que tudo tem que ficar fechado para não entrar ladrão.

P - Quem mora aqui?

N - Ninguém.

P - Para onde foram?

N - Morreram

Depois de um tempo diz: "Ninguém morreu, foi embora". Faz um jardim, com flores, cerca-o com as escadas da casinha. Põe o nenê aí sentado e diz que ele gosta da natureza.

Terminamos essa sessão e nos despedimos.

Observação familiar

N pega inicialmente o gato. O pai se aproxima e identifica os bonecos - o menino, a menina, o homem, a mulher. Depois o vô, a vó, o pai e a mãe.

A irmã identifica os bonecos com sua família - *N*, eu, papai e mamãe, e *N* identifica os avós e o gato, a quem dá o nome de Pituco.

A mãe beija todos e faz todos se beijarem, dando "bom dia" e convidando todos para tomar café. Senta todos à mesa.

A irmã avisa que já comeu. Vai escovar os dentes, quer se levantar, a mãe segura. Diz que depois todos vão escovar os dentes.

N escolhe ser o Pituco (o gato) e isso incomoda a todos na família. Tentam convencê-lo, mas ele não dá atenção e anda com o gato de um lado para o outro. A mãe propõe que seja segunda-feira e todos vão para a escola. A irmã pergunta "onde vai ser?". Ao que a mãe responde: "aqui mesmo, use a imaginação" e transforma a casa em escola.

N mostra a TV para a irmã, ambos ficam vendo, a mãe tenta chamar. *N* se isola na TV. Mãe - "Vamos decidir se é meio período ou período integral". Irmã - "Tá bom, é segunda-feira e é meio período ou período integral".

As crianças vão para a escola (*N* fica com o gato). A mãe diz que é a professora, a irmã diz que não, que ela é a professora chata. Enquanto isso *N* dá mamadeira para o gato, anda com ele de carro, leva ao banheiro. O pai deita no chão, diz que está mal, está cansado. *N* põe o gato para dormir no berço, põe também o vaso de flor, a mãe tira.

Mãe - "Bom, já que vocês não resolvem, eu e a vovó vamos fazer o almoço". Põe a mesa e chama todos.

N - "O Félix, é o gato, vai comer na cama".

A mãe derruba a estante e diz: "Êta nóis, *N*". Ao que ele (*N*) responde: "Não fui eu".

A irmã vai buscar o pai, dizendo "acorda, pai", e grita: "Mãe, o *N* está sem chinelo".

Mãe - "*N* põe o chinelo, anda *N*".

N ri, e a mãe continua: "quem comer tudo vai ter direito à sobremesa".

Irmã - "O que é sobremesa, mãe?".

Mãe - "É tudo o que se come depois do almoço".

Irmã - "Isso eu sei, mas o que vai ter?".

Mãe - "Pode ser um doce, uma fruta, sorvete, tá amor, você se decide".

N - A vovó vai dormir e minha irmã vai ver TV e põe o pai na cama.

Mãe - "O que vocês querem fazer?". A irmã quer patinar, L também, depois querem tomar lanche no McDonald's. *N* não solta o gato.

Pai - E você *N*, não vai patinar?

N faz o gato patinar.

Pai - "Não ele, você", diz o pai irritado.

N quer patinar com a mãe, que não sabe patinar direito, cai e pede ajuda ao pai.

N ri.

A irmã diz que a casa está uma bagunça.

Mãe - É, vocês deixaram a casa numa bagunça. Entra na casa e cumprimenta a avó com beijos.

Mãe - Ih! Nem convidamos a vovó. Que coisa! (faz sinal de desaprovação com a cabeça)

Nem despedimos...

N pega o gato e umas plantas, faz um jardim e leva a mamadeira. A irmã o ajuda. O pai oferece milkshake, "quem quer?"

N levanta o gato, o pai mostra que não gosta. A mãe derruba uma água e diz para o pai de N: "Ih, pai, olha o que você fez!"

Irmã - Não foi ele mãe, foi você.

Mãe - O que vamos comer?

Irmã - Hamburger, não, é melhor sopa.

N tira o berço e uma panela e leva pro jardim.

Mãe - N, o que você vai ser quando crescer?

N não responde.

Pai - Veterinário.

Mãe - Jardineiro.

Pai - Paisagista.

N coloca o menino e o gato no berço. não quer ir para o quarto, apesar da insistência dos pais. Quer ficar fora. A irmã pega a cama para levar pro quarto, ele segura forte, diz que não.

Irmã - Mãe, ele não quer brincar direito.

A mãe tenta convencer. Ele não aceita.

Pai - *N*, brinca direito, tá bôbo? (irritado)

Mãe - Não quero ninguém indo pra cama do vovô de noite tá?

Os pais vão dormir.

A irmã convida *N* pra ir pro quarto do avô e pra atacar a geladeira. Os dois se juntam. A irmão sugere subir no telhado escondido dos pais. Eles riem e se divertem, riem. O pai sai do quarto e diz que vai morder a bochecha deles.

N - Você não é o Papai Noel pra entrar pela janela.

O pai volta para o quarto. *N* pega o gato e faz ele pular fazendo Pum-Pum-Pum em todas as partes da casa, sem parar.

Mãe - Do que você quer brincar?

N - Fala ela. (aponta a irmã)

Mãe - Não, você.

N - Você.

Mãe - É ela que vai falar do que você vai brincar?

N - De pula-pula.

Mãe - Isso não.

L - De carrinho.

Mãe - Uai, *L*, você nunca brincou de carrinho em casa!

N pega o carro e faz ele andar dentro de casa.

Pai - É um carro voador.

N ri e continua, faz som e movimenta o carro. A irmão começa a arrumar a casa.

Mãe - *N*, vamos ler um pouco, vamos mostrar para o papai como nós temos estudado juntos?

A mãe escreve na lousa g - a = ga, t - o = to, gato.

Pai para filha - Como se escreve Itaquaquetuba? Ri. Ele escreve.

A mãe continua com *N*: p - a = pa, t - o = to, pato.

Ele lê.

A irmão vai fazer comida e *N* pega o carro e continua brincando, como se fosse o gato.

Põe o gato na cama, dizendo: "vou dormir".

Todos ajudam a arrumar a casa

Algumas sessões da família

Uma das sessões do quarto mês

Todos na sala de espera, *N* traz uma bola de casa e me mostra assim que me vê. Os pais cumprimentam com beijos, chama *I* para que também o faça e *N* faz caretas, como de seu hábito. Entramos na sala, todos se sentam, *N* escolhe sentar numa cadeira grande, eu pego outra para mim; ele segura a bola. Sentam na seguinte disposição: *N*, pai, *I*, mãe, logo de início, mas quase seguidamente trocam para *I*, pai, *N*, mãe. *I* também seguidamente se levanta e vai para a mesinha e começa a escrever o nome do pai e da mãe, em sílabas gigantescas, separadas em folhas individuais (o que observamos mais adiante na sessão).

T - A família, como vai indo?

Mãe - Bem, mas em casa as coisas não vão bem, a sogra e o sogro andam brigando muito, o clima está muito pesado. Cada vez mais a gente tá sentindo que tem que mudar de casa (conta em tom mais baixo, como se desejasse que as crianças não ouvissem sobre as brigas dos sogros e da agressividade presente nelas que chega a assustá-los).

T - Uma família já tem suas dificuldades, duas juntas parece mais complicado. Ainda mais é preciso abrandar as dificuldades de relacionamento dos avós, como parece ser sua preocupação.

Mãe - É, cada vez mais estamos sentindo que temos que ter a nossa casa.

Pai - Sempre pensamos, não tem dado, mas para o ano ...

Mãe - É que agora nós estamos investindo no nosso novo negócio (contam). Vai abrir logo

T - É você quem vai cuidar...

Mãe - Eu, meu cunhado e minha cunhada.

Pai - Eu só entrei com o capital (ri).

T - Não vai participar, com sua ginástica.

Mãe - Não, é com aparelhos.

Pai - A política é sem esforço (ri), eu não entro nisso.

Mãe - Meu cunhado entrou como médico.

Enquanto isso as crianças começam a jogar a bola um para o outro, atrás de nós. Faço sinal ao *N* e entro no jogo, e logo em seguida incluo os pais, sem dizer nada. Ficamos jogando um pouco assim, até que *N* sugere o jogo da batata quente. Começa com a *I*. Eu começo fazendo parte e, quando a família está aquecida, eu saio. O jogo transcorre assim um tempo e aos poucos vai mudando.

Jogo inicial - batata quente, quente, quente, quente, quente, queimou (com mais quentes, na maior parte das vezes).

Evolução:

Batata quente, quente, quente, quente, queimou.

Batata quente, quente, quente, queimou.

Batata quente, quente, queimou.

Batata quente, queimou.

Batata queimou.

Ba quente, queimou.

Ba que, queimou.

Ba, queimou.

Esta evolução é feita com muito riso, eles parecem se divertir. Houve outras mudanças na formulação do jogo, como, por exemplo: *N* introduz novo texto batata cozida, cozida queimou; o pai, outro texto : batata caliente, caliente... O jogo vai mudando e a primeira pessoa a fazer as mudanças foi a mãe, que encurta o tempo de jogo aproximando o queimou da batata e todos gostam e passam a seguir esta nova forma e até evoluem até que o pai se coloca, interrompendo o jogo.

Pai - Assim não dá, se fizer assim não tem mais jogo (mostra-se contrariado).

Irmã - Mas tá engraçado.

T - Observo que todos, cada um à sua maneira, foram mudando o jogo.

Irmã - Assim fica mais legal.

Mãe - Fui eu que comecei a mudar.

Pai - Em casa também é assim, não se respeita as regras do jogo.

Mãe - Mas o jogo tava chato e ficou mais legal depois, ficou mais animado, divertido, tudo certinho, enche.

Pai - Esse é o problema, você sempre muda as regras, faz o que as crianças querem como no almoço, se não tem o que elas gostam, você faz outra coisa, como é que ele vão aprender?

Mãe - Ah, amor, também não é assim, é só de vez em quando (de forma sedutora).

Pai - É sempre.

T - Você está dizendo que ela procura agradar as crianças e evita frustrá-las.

Pai - É.

Enquanto acontece esse diálogo, as crianças falam junto, jogam a bola e o pai me mostra isso como exemplo de que ninguém se respeita. *N* ataca a bola forte no rosto da irmã, o pai interrompe o discurso para chamar a atenção de *N*, que agora ouve de cabeça baixa. Nesse momento a irmã então chora, a mãe se aproxima e pega sua cabeça e leva para seu colo e vai aninhando e conversando como se ela fosse um nenê. Enquanto isso *N* e o pai continuam conversando. O pai pergunta se ele acha bonito isso, tratar a irmã assim, ele diz que estava brincando, o pai diz para ele pedir desculpas, ele pede.

T - Bem, agora *N* é quem se torna o centro das atenções, é ele o que não segue as regras do jogo e é para ele que se voltam as hostilidades e repreensões... Como no jogo, começa tudo dentro das regras propostas, e em algum momento possivelmente quando as emoções se intensificam, para evitar o descontrole, muda-se as regras do jogo. ... Na

vida familiar, como no jogo, começam conversando, acabam brigando. Será então que as regras e as novas regras estão servindo para controlar as brigas, e que as brigas são do casal, e quem acaba brigando são as crianças?

Pai - Eu não sei, mas tudo termina em bagunça ou briga, não é possível conversar.

Todos ficam em silêncio e aviso que terminamos. Combinamos o próximo dia do próximo mês.

Análise

O essencial para que nós nesse encontro foi perceber como a mudança das regras serve para o controle da agressividade e das explosões do grupo e observar como as crianças, especialmente N, lhes organiza os problemas e faz o movimento de reparação, ele é que atua. Há uma história terrivelmente agressiva, por isso a necessidade de encontrar formas de controle eficazes e bastante disfarçados, pois parece que a família se diverte, mas o risco é mais de descarga que de alegria.

Uma das sessões do quinto mês

Havíamos combinado uma sessão com o casal, que não compareceu. Ela telefona avisando que o marido está com crise renal e que possivelmente será internado. Ofereço possibilidades de reposição se eles puderem. Ela telefona posteriormente e comunica que não poderá vir porque marido já havia faltado no trabalho na semana anterior e que ela também está muito ocupada com as instalações de seu novo negócio.

Uma das sessões do sexto mês

Comparece o casal, ela se apresenta elegantemente arrumada, maquiada, e ele, como sempre esportivo, como quem vem do trabalho ou vai fazer esporte.

T - Já faz tempo que não nos encontramos.

Casal - (ambos contam um de cada vez, mas ambos reforçando a impossibilidade própria e do outro em comparecer à sessão anterior) Contam dos últimos acontecimentos, ela que está ocupada, começou seu trabalho: ele que está melhor, passou por maus momentos, com problemas de saúde importantes, mas está melhor. Falam muito do trabalho, cada um do seu, que estão sobrecarregados, não têm tempo para nada, estão cada vez mais ocupados, mas ao mesmo tempo mais felizes, mais motivados.

T - Agora pelo que estou percebendo vocês se uniram para justificar porque as regras do nosso jogo mudaram, e os motivos são tão reias - trabalho, doença - que só me restaria concordar e até lamentar com vocês e até quem sabe me desculpar por ainda marcar um horário a mais na semana para vocês. Eles riem e continuam com as justificativas, dizendo que queriam vir mas não deu mesmo, as coisas têm se complicado, o tempo está cada vez mais apertado.

T - Bem, eu estou vendo, porque como na sessão anterior as regras do jogo vão mudando de tal forma, até que o jogo seja interrompido, como os nossos encontros, foram ficando tão mais escassos que até deixaram de acontecer.

O casal reinicia as justificativas, um protegendo o outro, dizendo que está impossível...

T - Mostro-lhes como está difícil penetrar nesta relação, pois ambos sustentam as justificativas do outro. Como vocês estão unidos nisso!

Ela - É mesmo, eu concordo com você, mas não sei o que fazer.

T - Você percebe como usa os acontecimentos para justificar suas faltas, ou seja, toma-os como aliados para se justificar.

Ele - Mas não é assim, não é a vida, eu vivo do meu trabalho e não posso deixar de trabalhar, pois sou eu que sustento a família e além do mais fiquei doente.

T - Puxa, como você é ocupado, então pra trabalhar com você tem que ser como você determinar, ou seja, você é quem vai marcar o dia em que poderemos nos encontrar e estou vendo que é cada vez menos. Assim vai acabar o jogo, eu estou saindo, mas ainda bem que eu não sou nem *N* nem a irmã.

Ela - Eu tô entendendo o que você tá dizendo - é assim que nós somos, a gente topa a proposta e depois não consegue realizar.

Ele - Eu concordo porque eu tô levando a sério o trabalho, quero continuar vindo, tá me fazendo muito bem ; o *N* mudou muito, está mais feliz, nós dois estamos conseguindo conversar mais e a família está mais unida.

T - Você está dizendo que quando nós trabalhamos, nos encontramos, vocês aproveitam, mas então o que será que acontece, o que os leva a se afastarem?

Ela - Sem dúvida estou me descobrindo, está nascendo a A.L, eu estou me apresentando assim, não sou mais a D (apelido), aquela que aceita tudo, estou também dizendo o que eu penso.

T - Você parece entusiasmada com a A.T., está gostando dessa sua parte guardada.

Ela - Ô, se estou, meu cunhado é que não, ele perdeu a exclusividade, antes só ele me chamava assim. Agora em me apresento assim, eu não gostava do meu nome, mas estou começando a gostar dele.

Ele - Eu continuo chamando de paixão.

T - Quer exclusividade!

Ele - (ri e concorda) É, né! Mas tá bem melhor agora.

T - Por que?

Ele - Como ela está ocupada com as coisas dela, tá deixando mais as crianças, eles estão ficando mais independentes e, por outro lado estão cuidadas pela avó, que tá dando a maior força e também estão ficando mais comigo.

Ela - Eu tô mais ocupada, ele tá tendo que ajudar, está mais com as crianças, tem ido buscá-las aqui e lá.

T - A família está em plena mudança.

Casal - É, e como! Mas tá muito bom!

T - Por que será então que não tem sido possível dar continuidade aos nossos encontros. Começamos a proposta de uma vez por semana, passamos para duas por mês, para uma, para nenhuma - o jogo quase acabou.

Ela - De jeito nenhum, eu não quero parar, tem sido importante.

Ele - Nem eu, nós estamos vendo resultados.

T - Será que então é assim que vocês têm levado sua vida - começam entusiasmados e, na medida em que vão aparecendo as complicações, vocês mudam a regra do jogo - ora um, ora outro, de comum acordo?

...

Ela - Mas as crianças tem as atividades (elucida), o marido é muito ocupado e eu agora também. Estamos numa fase difícil e você também não tem muito horário.

T - O que nós temos não tá bom?

Ela - Agora não, porque fim de tarde tem cliente.

T - A questão não me parece ser o horário...

Ela - Acho que duas vezes por mês até dá, a gente pode fazer assim uma vez com a família toda e outra só o casal.

T - Mudando as regras de novo, hein A.T.?

Ela - (Ri) É que não sei como fazer

Ele - (Começa de novo a se justificar dizendo do trabalho, da carga horária, da responsabilidade do cargo, etc...)

T - Bem, estou vendo que não será possível nosso encontro, uma vez que vocês priorizam outras coisas ao tratamento de suas dificuldades familiares - os esportes das crianças, dedicação excessiva ao trabalho, jornada dupla - e que não conseguem conciliar.

Ela - (Pergunta de um horário de almoço)

Eu ofereço, ele fica em dúvida, ela acha bom.

T - Puxa. como é difícil jogar com essa família.

Ambos riem.

Ela - Nós vamos encontrar um jeito.

Ele - Então a gente decide e liga pra ela na segunda para confirmar se ficamos com esse horário do almoço ou nosso horário antigo.

T - Um trabalho com a família só é possível com a família presente, senão o que acontece não pode ser incluído e tratado (como essas doenças físicas, ou chateações, brigas) e acabam levando a um sofrimento que não pode ser aproveitado.

Ela - É mesmo, tem horas que é bom e tem horas que dá medo...

T - Então eu aguardo um retorno de vocês.

Já na porta da saída do consultório, ela me oferece cartões do seu novo negócio, ele também, cada um com seu respectivo nome e ela então me diz: "Tô aqui conversando com ele que você poderia ir ao nosso local de trabalho e fazer o encontro lá".

T - Preciso ficar atenta com vocês, não perdem a chance de mudar as regras do jogo!

Eles riem e se despedem.

Análise

A família, aos poucos, vai aumentando sua percepção de que mecanismos utiliza para não lidar com situações de angústia. Vem se confirmando a hipótese de que o casal tem tido, por sua imaturidade, muita dificuldade de administrar conflitos decorrentes do casamento e da educação dos filhos. Como tem ficado claro nessas duas sessões assumem as propostas, mas não conseguem se responsabilizar pelas suas implicações. Defendem-se invertendo o jogo, ou melhor, invertendo os papéis - de filhos passam a pais autoritários, obrigando o terapeuta a se submeter à contra-proposta que, de uma certa forma, vem para inverter os papéis, resituá-los como os que controlam, provavelmente porque se sentem ameaçados pelas descobertas, inseguros e assustados quanto à possibilidade de mudanças.

Síntese

Desde o primeiro momento *N* deixa transparecer como tudo se passa na sua cabeça - uma confusão de idéias, onde se misturam objetos da realidade e a fantasia (brinca muito no teto da casinha). Apresenta traços aparentes de ansiedade - fala, anda, movimenta os brinquedos ao mesmo tempo.

Observa-se a presença de aspectos destrutivos não só na fala, no jogo (tá caindo, tem sangue), como na auto-agressão. Sua estabilidade parece constantemente ameaçada (terremoto). Expõe seu medo, sua insegurança, sua necessidade de acolhimento e continência.

É bastante cuidadoso com o material, deixa sempre tudo arrumado, atitude talvez compensatória de seus impulsos agressivos e também uma forma de reparação. Demonstra toda sua sensibilidade, suas deficiências desde bebê e a necessidade de apoio (sua dificuldade respiratória, sua ligação com plantas e animais).

Com sua independência, revela sua fragilidade e impotência para lidar com o que sente e com a vida. Mostra sinais de voracidade na forma como usa seu tempo nas sessões (história 1 do CAT). A figura paterna é vista como ausente, fraca.

Apresenta-se como um menino sozinho, assustado, com medo, ameaçado e coloca como solução talvez um vínculo patológico com a mãe (amarrado). Embora demonstre estar sufocado por esta forma de relação, não parece ter outra saída. Ou fica sufocado pelo excesso de cuidados ou ameaçado, desesperado pela falta. Encontra um pouco de alento na natureza, nos animais e nos avós, talvez mais constantes no afeto.

Chama nossa atenção na entrevista familiar sua insistência em se identificar com o gato, que tanto incomoda a família. Ser o diferente talvez seja a forma de encontrar seu

lugar, sua identidade e poder dar a si mesmo um ambiente mais agradável, favorecedor. Parece não sentir que há espaço para ele nessa casa, onde só há lugar para formalismos, uma aparente harmonia, uma relação mais intelectualizada, sujeita a regras e expectativas, as quais *N* não preenche. Se sente um “peixe fora d’água”, procurando seu ambiente, com medo de não poder respirar. Todos se tratam muito bem, com palavras amorosas, mas deixam passar a agressividade, ainda que contida ou disfarçada. Percebe-se a intolerância e desaprovação dos pais, mais interessados em enquadrá-lo que em compreendê-lo.

Os pais mostram-se prepotentes, especialmente o pai, e esse filho vem tirando seu sossego, pois não segue o que é passado nas entrelinhas com uma falsa delicadeza, mas reage à não aceitação com hostilidade, a paralisação de seu desenvolvimento, a dependência.

Talvez por isso *N* seja tão ligado aos avós, que o tratam com mais compreensão, aceitam suas fraquezas e oferecem carinho e atenção.

N é uma criança que, pelas suas características, cresce com uma falta básica, falta de amor, de aceitação e por isso, depara-se com o vazio de si mesmo e se desespera. Nasceu numa família onde os pais são incapazes, pelas suas próprias faltas afetivas, de continência emocional e amparo, colaborando assim para o aumento da aflição interna e a fuga da realidade para a fantasia.

A família desde o início chamava a atenção pela “aparente” harmonia, uma certa hipocrisia, ao mesmo tempo que a expressão autêntica de *N*, que vinha para o encontro exatamente como era ou se sentia: apresentava-se como um menino mal cuidado na aparência, machucado, com um olhar triste. Ele e o pai pareciam fazer o par relaxado, a mãe e a irmã o par arrumado.

Embora assim na apresentação, quando começavam a se relacionar os grupos se modificavam. De um lado os três - pai, mãe e filha com idéias avançadas, bem educados, saudáveis, de outro o grupo unitário de N, menino pobre de idéias, representante da loucura e da inadequação. Apesar de ser muito atendido em função de suas impossibilidades de lidar com suas questões de desenvolvimento, ser dependente, tem a presença física do adulto, mas a falta da presença afetiva, continente, capaz de ajudá-lo a crescer. Essa carência se apresenta na sua agitação, na sua confusão, na sua expressão.

Os pais deceidiram ao casar, morar com os avós paternos temporariamente até construirem seus próprios recursos, mas foram ficando e se acomodaram à situação. A mãe, uma pessoa assustada, preocupada com um "bom clima", vai se calando, se adaptando por fora, mas armazenando muita raiva por dentro e muita mágoa do marido, para quem essa situação não aborrece, está perfeitamente bem acomodado. Na relação isso aparece racionalizado "docemente" - tratam-se cordialmente para não se confrontarem com os sentimentos reais. As queixas são recíprocas e intensas. A auto-imagem da mãe é muito ruim, sente-se fraca, impotente e impelida a educar "bem" os filhos (falar baixo, sentar à mesa, estudar, fazer lição) para ficar bem vista. Faz de tudo para agradar a todos e consegue de marido a desvalorização e crítica, da qual se ressent.

O pai, por outro lado, coloca-se como um homem muito ocupado com seu trabalho, sem tempo para discutir e tratar desses problemas das crianças. Sua dedicação às crianças é pouca, quando está em casa, está pouco disposto, "precisa descansar".

A relação de casamento vem se desgastando, os encontros sexuais são poucos, já quase não têm muito o que dividir. Ele diz que ela só quer dividir problemas, ela diz que ele só quer saber do lado bom das coisas - o desencontro é grande.

A agressividade é perceptível em cada encontro, mas muito controlada, pois ambos aspiram um relacionamento idealizado - com muito amor, amizade. Como não conseguem, vão se segurando e esperando que o tempo resolva essas questões. Foi o filho *N* que os fez parar esse processo, na medida em que suas dificuldades foram se somando e intensificando. Está claro desde o princípio o despreparo dos pais para a vida, pois se colocam como filhos, incapazes de dar conta de si mesmos, ainda mais da demanda externa, que os solicita como pais.

NP(1)3-C

AMIT V
TLOFA
LAGIST

WHTSMWZ
WNOBNCDA

26/10/93
sim
D-E(2)

D.E.(3)

to Kurore
26/04/92

ANOMWLH ACGE

ORU
NONORR

RUONMO
UXWZCH

D-E(4)

Caso 4

Identificação

Nome: L

Sexo: feminino

Idade: 9 anos

Escolaridade: 3ª série

Mãe: D

Idade: 43 anos

Escolaridade: superior

Profissão: docente

Pai: O

Idade: 45 anos

Escolaridade: superior

Profissão: empresário

Aplicação do C.A.T.

Prancha 1

Era uma vez uma galinha que tinha três pintinhos e ela era pobre, não tinha nada o que comer. Um dia um caçador matou um galo e deixou lá. Então a galinha pegou o galo e fez um cozido. Ela deu de comer a seus pintinhos e a ela. Sobrou bastante do galo, então passou uma galinha e bateu na porta e disse:

- Dona galinha você tem alguma coisa para mim comer?

A galinha disse:

- Tenho sim, quer um cozido de galo?

A outra galinha agradeceu. Como tinha muito cozido de galo sobrou para todos os dias. Até que um dia o cozido de galo acabou. Então mais caçador matou mais um galo. Depois que o cozido de galo da galinha acabou, ela tinha que pegar aquele. Então, começou tudo de novo.

Título: Cozido de galo.

Inquérito

P - O que ela faria se não aparecesse o caçador?

Ela - Se não aparecesse o caçador ela catava minhoca. Os pintinhos também gostavam de cozido.

Prancha 2

Um dia a família urso estava muito triste porque não tinha o que fazer. Existia uma menina chamada Ana, uma princesa que morava do lado da casa do urso. Ana tinha uma balança, a balança era de corda. Quando a balança de corda quebrou, Ana deixou a corda lá e falou que nunca mais ia querer pegar naquela corda. Então os ursos, pegaram: mamãe urso e o filhinho acharam a corda, mas papai disse que achou primeiro. Então, mamãe falou assim:

- Agora já temos o que fazer.

Papai perguntou:

- Mas isso é um passatempo, uma brincadeira.

Aí o filhinho falou:

- Ela pode se chamar cabo-de-guerra.

Uma hora a corda arrebentou de tanto puxar.

Mamãe costurou a corda e começaram a brincar novamente e daí por diante puderam ser felizes.

Título: Cabo-de-guerra.

Inquérito

P - O que aconteceu com eles quando a corda arrebentou?

Ela - Quando a corda arrebentou, eles caíram.

P - Eles conheciam a Ana?

Ela - Eles conheciam a Ana só de vista.

P - A Ana soube da corda?

Ela - Ana ficou sem saber sobre a corda.

P - Por que os ursos estavam tristes?

Ela - Antes os ursos não tinham com que brincar, por isso eram tristes.

Prancha 3

Suspira.

Era uma vez um leão muito convencido e mentiroso. Um dia ele falou para seu amigo que um rato tinha aparecido na casa dele. Como todos lá tinham medo de rato, todo mundo saiu correndo e ele ficou rindo. Mas uma vez ele os enganou falando novamente que tinha um rato na casa dele. Então todos fugiram e o leão ria, ria, ria.

Título: O leão mentiroso.

Inquérito

P - Por que ele fazia isso?

Ela - Ele fazia isso porque ele gostava de assustar as pessoas. Quando apareceu um rato de verdade ele foi falar para os amigos. Nenhum deles acreditou, mas desta vez era verdade. Ninguém quis ajudá-lo. Desse dia em diante ele não teve mais medo de ratos e ficou sozinho sem ter o que fazer.

P - E o que aconteceu depois?

Ela - Ficaram os dois morando juntos.

P - Por que ele morava sozinho?

Ela - A família dele abandonou ele porque ele ficava mentindo.

Prancha 4

O canguru... Polly estava cansado de viver na África por causa do frio. Então pegou suas coisas porque queria saber como era o calor. Empacotou suas coisas e foi com seus dois filhos para o deserto. Ficou um mês lá, mas não aguentou tanto calor. Foi para o Brasil, quer dizer, São Paulo e não aguentou a poluição. Então foi para a Alemanha não gostou dali porque as crianças tacavam bolinhas de neve em mim. Então resolveu voltar para a África. Depois de um mês achou que estava muito frio. Então decidiu passar uma semana no deserto e uma na África. De semana em semana mudava de lugar.

Título: O Canguru que fugiu da África para o deserto.

Prancha 5

Suspira. Pergunta as horas. Mais estória. Parece cansada.

Era uma vez, quatro ursos — a mãe, o pai e seus dois filhos. Todos viviam numa alegre casa, quando seus pais acharam que não tinham condições de cuidar de seus filhos. Então numa noite puseram-nos para dormir (fica muito agitada, mexe nos cabelos e se mexe na cadeira) e foram embora. Quando acordaram de manhã perceberam que seus pais não estavam lá. Então ficaram no berço chorando. Dois anos depois quando já tinham crescido, seus pais voltaram para dizer tchau para sempre porque eles já estavam velhos demais e iam morrer. Uma semana depois, os seus pais morreram. Depois de anos, anos e anos aprenderam a fazer suas próprias coisas.

Quando tiveram seus filhos também abandonaram e começou outra vez tudo de novo. Abandonaram, ficam sozinhos, depois seus pais morrem.

Título: Dois ursos abandonados pelos pais.

Inquérito

P - Quantos anos tinham os filhos quando os pais os abandonaram?

Ela - Eles tinham seis anos quando foram abandonados.

Prancha 6

Esse aqui são dois ursos?

Era uma vez uma caverna muito grande que ficava debaixo de umas raízes de uma árvore. Três ursos que não tinham onde morar procuraram muitas cavernas e nenhuma delas eram boas. Até que enfim encontraram uma, onde eles pudessem dormir. O filho deles dormiu no lugar mais aconchegante, em cima de um monte de folhas e seus pais no fundo da caverna.

Uma vez houve um terremoto e desmoronou a caverna. Então eles procuraram mais uma caverna, mas não existia mais nenhuma porque o terremoto foi muito grande e voltaram a viver sem nenhum abrigo.

Construíram uma estrada os homens né, e precisaram fazer um túnel. Cavaram muita parte do túnel. Uma hora ficou duro e não deu mais para cavar. Desistiram de fazer a estrada com o túnel. Os três ursos avistaram o túnel e puderam ter um abrigo.

Título: O abrigo de três ursos.

Prancha 7

O tigre chamado “O Faminto” estava procurando uma comida para comer. Avistou uma paca e correu atrás dela. Como não conseguiu pegar a paca, decidiu pegar o macaco. O macaco tentou se defender, mas não conseguiu, foi comido pelo tigre (silêncio, parecia ter terminado a estória).

Mas a fome do tigre não passou, então correu atrás de outro macaco. O macaco conseguiu se defender. Com seu dentinho mordeu o nariz do tigre (o dentinho é afiado!) e com seu rabo fechou a boca dele. Com seu dente furou os olhos do tigre. O tigre morreu. Desse dia em diante todo mundo ficou feliz porque não tinha ninguém mais para perturbar.

Título: O tigre faminto.

Prancha 8

Numa casa moravam três macacos e um macaco pequeno. O macaco pequeno era muito malcriado e sapeca. Levava bronca toda hora. Então saiu para poder se divertir, se livrar das broncas. Aprontou uma malandrice com seus amigos. Quando o pai soube, ficou uma fera. O pequeno macaco ficou de castigo por um dia. Depois de ser castigado compreendeu que não podia mais fazer malandrices. Desse dia em diante nunca mais fez malandrices, então ganhou um prêmio — ganhou um estilingue e esse era um brinquedo de molecagem. Então voltou a fazer molecagem e assim, começou tudo de novo, o pai dá bronca, ganha castigo e ganha um prêmio de molecagem e torna a fazer molecagem.

Título: O pequeno macaco.

Inquérito

P: Qual foi a malandrice?

Ela: Estava jogando bola, quebrou o vidro da vizinha por querer; fazia isso porque era moleque.

P: O que a família pensava disso?

Ela: A família pensava que ele era um pentelho, um malandro.

Prancha 9

Uma coelhinha parálitica não podia andar, ficava o dia inteiro em sua cama, não tinha ninguém com quem brincar. Um dia sua amiga foi atropelada e também ficou parálitica. Então as duas sempre podiam passar o dia juntas. De semana em semana alguém era atropelado e ficava parálítico. Um dia se juntaram quinze coelhos parálíticos, então a coelhinha já tinha com quem brincar.

Título: O coelho doente.

Inquérito

P: Elas eram atropeladas por que?

Ela: Eles não prestavam atenção para atravessar a rua.

P: Como a coelha ficou parálitica?

Ela: Ela foi atropelada.

P: Quem cuidava dela?

Ela: A mãe dela.

P: Como foi que aconteceu?

Ela: Tinha cinco anos. Tava na banca de revistas de um lado da rua. A mãe foi à padaria do outro lado.

P: E as outras?

Ela: As demais iam comprar pão para a mãe, pegar filmes.

P: Como ela se sentiu quando ficou paralítica?

Ela: Quando aconteceu. Se sentiu triste e sozinha.

Prancha 10

Era uma vez um cachorrinho bem pequenininho que ainda não sabia fazer xixi no lugar certo. Então sua mãe sempre lhe dava banho. Um dia a mãe ficou de saco cheio e resolveu dar um castigo — fazer xixi na privada de pessoa. O cachorrinho não conseguiu. Então aprendeu que tinha que fazer xixi no lugar correto. Espalhou para os seus amigos para que eles não levassem bronca, mas os amigos não acreditaram. Quando a mãe deles fez isso com eles começaram a acreditar. Desse dia em diante nenhum cachorrinho da rua fazia xixi em qualquer lugar — sempre no jardim ou no canto do jardim. Depois punham areia em cima.

Título: O cachorrinho bem educado.

Síntese

L parece não saber quem é, está em busca de sua identidade: ora imita uma irmã, ora outra, ora fica na turma da pequena, ora na turma da grande e nunca na sua, que parece ser o lugar mais desagradável. É ciumenta, insegura, não aceita as diferenças entre as irmãs, sente-se desprivilegiada, principalmente no afeto que vem da mãe e não compreende e se sente agredida pela forma de relação do pai. Torna-se irritadiça, agressiva, intolerante. Ainda assim, seu contato é melhor com o pai que com a mãe. “Eles são parecidos, se entendem” (sic mãe).

Apresenta-se uma criança voraz, carente de muita atenção, embora quando bebê, fosse tranquila, não mostrasse seu aspecto reivindicador. Como parece querer muito e não obter, preenche seu vazio com a fantasia de ter o que quiser (tira o que é do outro). Não admite perante os pais porque parece não perceber o que fez (inconsciente). Reagiu mal à sua separação da mãe, que provavelmente despertou “sua fera adormecida” (ênfase nossa), pois demonstra fortes sentimentos destrutivos aliados à intensa sensação de abandono e descuido. Parece estar, segundo a mãe, identificada com o pai. É para ela então, que se deslocam os sentimentos hostis da mãe. *L* parece ser a depositária das queixas da mãe sobre o marido, a quem de certa forma teme e se afasta..

L coloca-se bem como o desejo da mãe — as coisas vão bem se a agrada. Revela reconhecer na figura paterna seus aspectos sádicos, sua prepotência e também sua fragilidade encoberta (é vencido pela mãe, pelas filhas). Talvez por isso às vezes reage a ele também com hostilidade, fica sem alguém que a defenda.

Revela-se uma criança incapaz de conter seus próprios impulsos, sua agressividade e paixão — marca da sua instabilidade e da labilidade de humor — que a

ameaçam, trazem muita angústia. A ameaça é de perda, desintegração, do caos. Tendo nascido numa família onde os pais são incapazes de conter-se e de conter ao outro, sente-se só e ameaçada. Busca desesperadamente o contato, a proximidade, um vínculo que não parece existir em nenhum dos seus familiares. Às vezes encontra algum apoio no pai. Isso parece criar um clima de hostilidade, onde ela atua o que não é esperado pelos pais e mantém determinados comportamentos infantis como forma substituta de ter a proximidade (aspectos sado-masoquistas).

Pela manutenção da dependência consegue obter a atenção da mãe. Atende a uma necessidade afetiva básica de um lado e constrói sua desgraça de outro, pois fica com uma imagem negativa, alvo de toda agressividade familiar.

Apresenta-se muito insegura, carente de aprovação, sem liberdade para se expressar. Ansiosa, fala o tempo todo, preenche todos os espaços demonstrando sua dificuldade de lidar com os vazios, que despertam muita angústia.

Capta também a insatisfação da mãe, que parece não estar bem em lugar nenhum e se sente atrelada a esse sentimento, provavelmente também o seu. Ao mesmo tempo é também a fonte de frustração, que se observa pelas suas inadequações as quais reconhece mas não consegue evitar.

Chama nossa atenção o aspecto incoerente dos pais: que por um lado expressam pela linguagem um desejo e na atitude estimulam as inadequações. Para uma criança como *L*, mais frágil e confusa, fica impossível discriminar o que é para ser feito, ao mesmo tempo que não pode contar consigo mesma para ter uma iniciativa e uma ação mais adequada. O estado de ansiedade cresce muito e a ameaça, sensação que não é tratada pelos pais que nem a percebem.

L revela pelo seu material e história de vida uma falta de cuidados, uma paralisação no desenvolvimento e usa isso para ter atenção. Usa sua agressividade também contra si mesma, se enfraquece, se empobrece, como forma de encontrar o seu objeto de amor.

Uma criança como *L* precisa ainda mais de pais consistentes e encontra uma mãe e um pai mais preocupados consigo mesmos, em viver suas próprias necessidades e pouco disponíveis às crianças (estão voltados para suas crianças internas). Colocam-se desta forma pouco disponíveis, incoerentes e inconstantes.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai

Unidade de Produção 1

A minha. É uma qualquer, eu fiz a minha. A *D*, minhas quatro meninas e eu numa situação que eu considero ideal, unidos não necessariamente nesta ordem. A idéia é de equilíbrio.

Pai - de costas.

1 - não consegue identificar.

2 - A mais nova - (pelo tamanho).

3- Mãe.

4 - A segunda ou a primeira.

5 - *L* (pela roupa).

Ele - Não sei o que estão fazendo é a idéia de equilíbrio, uma coisa fechada, uma situação de tensão - equilíbrio, como barco a vela com vento, carro na curva, bici andando, a idéia é de movimento.

Título: Estrela de seis pontas, luz, brilho, amor, paz.

Unidade de Produção 2

Vou fazer o mesmo. O primeiro é que eu idealizei.

Estória:

Continuei idealizando isso mesmo, a mesma forma: o ideal o que eu idealizo para minha família, o que eu idealizo para mim mesmo — equilíbrio na saúde, entre nós, proteção nas emoções e uma boa dose de espiritualidade, uma coisa não tão materialista, alegria. Não importa onde estão. Não precisa estar junto, mas a essência é esta. Fiz um chão pra cada um.

Título: O querer (é o que eu quero).

Unidade de produção 3

Alguém que não está bem. Não precisa ser saúde. Está triste. Não está bem.

Tem gente de fora — pode ser a Celia. Aceito ajuda de fora.

P - Quem está com a tristeza?

Ele - Qualquer um ... Eu as vezes estou triste — uma notícia ruim, eu não estou satisfeito comigo, alguma coisa que me contrariou, pode ser uma discussão, um fato, uma lembrança, doença, as brigas me deixam triste, a impotência ante certas circunstâncias.

Inquérito

P: A família percebe?

Ele: Eu não mostro, a família não vê.

P: O que faria voltar a alegria dissipar a tristeza?

Ele: Cessar a causa. Na doença, a pessoa sarasse.

P - Como está a família?

Ele - A família está mais pra alegre, são sondáveis

P - Quem poderia ser a pessoas de fora?

Ele - A outra pessoa — um parente, um pai, um amigo, um médico, uma idéia, uma inspiração

Título: Apreensão.

Unidade de produção 4

Ele - Eu não me pus né. A idéia era me por, eu não me incluí aqui. Ao contrário dos outros, é mais um retrato de Santa Ceia. Associei a ontem na mesa, eu me senti excluído, aqui eu me excluí com a eterna discussão de sentar direito, comer direito. Eu vi

na mãe ela não se importar com o que eu me importo na mesa — olhei pra ela, ela tá no time de lá de novo, desgraçada. Tá alegrinha, tão alegrinhas, não estão tristes porque normalmente elas são alegrinhas. (Levanta o desenho se põe de frente pra ele). Seria uma bela foto também, eu gosto de olhar a foto

Título: Queridas!!

Análise do DF-E pelo pai

Coloca claramente a sensação de estar fora da relação familiar, não aceito em suas colocações e idéias. Deixa transparecer seu sentimento de ódio pela exclusão. É ele quem não está bem nessa família, que não é percebido e visto em suas necessidades (uma criança carente) Revela-se uma pessoa com baixa tolerância à frustração, impotente às vezes com dificuldade de aceitar suas limitações.

Seu discurso parece vago, intelectualizado, preso a idéias evoluídas, mas na prática mostra-se paralisado talvez até pelos seus sentimentos e faltas, não sabe como entrar na relação e interferir. Ao contemplar seu último desenho onde não se coloca, revela seu sarcasmo (aspecto agressivo), talvez numa tentativa de transformar o que vê no oposto, o que deseja — estar no grupo. É uma família para olhar, não para viver.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pela mãe

Unidade de Produção 1

Cassildinha!!!!

Aparentemente eu diria que é uma família pelo menos sorridente, nenhum carrancudo. Eles tinham na mente que se curtiam pra caramba, e outros momentos de brigas que não sabia como se ajeitar. Eu diria que o pai e a mãe estão próximos - dois grupos, os filhos, a idéia é cada um ter seu espaço, depois todos juntos. Curtir pra caramba quando um não enche o saco do outro, quando um permite o outro ser como é; é pau quando acontece a falta de respeito. Eles precisam aprender a escutar, a olhar e saber devolver o porque de alguma coisa e manter firme a posição porque sim, porque não.

Título: Os indefinidos.

Unidade de Produção 2

Blá, blá, blá... quando existe muita conversa indefinida. Janela indica abertura; palhacinho, feliz; cores, feliz, unida; borboleta, liberdade. Não que não possam haver desavenças nessa família, que seja criativa (lâmpada) e que dentro disso cada um pode ter sua individualidade.

Título: Que Família Legal!!!

Inicialmente não pensei em por todas. A segunda, à direita da mãe, é a menor pelo desenho. Primeiro a mais velha; terceira *L*; última é a segunda.

Unidade de Produção 3

Alguém instável — tem horas que ri, fica de saco cheio ... e os que vivem dentro deste ambiente com cara de espanto. Oh! O que será que está acontecendo com esta instabilidade de comportamento. A cara de espanto - é da mãe e dos filhos e a instabilidade é do pai. Se é pra falar da minha família falta a mais nova. Todos percebem o pai instável. O pai instável não percebe a cara de espanto. Instável é ele em relação a ele mesmo, ao trabalho, à mulher, aos filhos. Para esse pai, um deslize é capaz de deixar ele puto, tem uma mudança de comportamento brusca.

Sugestão - puxar a conversa, tentar fazer o pai falar, eventualmente repartir os problemas, por a par a mulher e os filhos, deixar um pouco mais claro. O grupo que se espanta, se sente um pouco injustiçado. O pai não está interessado.

Título: O conflito.

Unidade de Produção 4

L, o pai, a mais velha, a mais nova, a mãe, a segunda

Todo mundo na mesma casa, mas cada um no seu mundo, pensando nas suas coisas, sem levar em consideração o outro. Sempre tentando o que é melhor pra si. A família tá na casa todo mundo junto, pensando cada qual voando no seu aviãozinho.

P: Por que tão juntos?

Ela: Porque se gostam, se gostam, tá faltando abrir a portinha do avião e passar de um pro outro.

Pus a mais nova e a mais velha mais perto do pai, enquanto a segunda e a terceira mais perto de mim. Todas sabem que o pai existe mas recorrem mais à mãe, por outro lado é capaz de abraçar e beijar o pai. A segunda é afetuosa, mas não fala com o pai.

Título: A família desfamiliada.

Análise do DF-E pela mãe

Apresenta em seu material, gráfico e temático, a indiferenciação de adultos e crianças, todos precisando de continência, talvez todos identificados com as crianças. Revela a falta de disponibilidade e aceitação de todos na relação com o outro. As agregações parecem mais ser por identificação. Todos vão bem quando não há conflito e quando eles aparecem ninguém sabe como resolver.

Coloca a instabilidade e fragilidade de todos, mas concentra-a no pai, destacando-o como o mais responsável pela instabilidade da família. Deixa transparecer seu sentimento de medo pela reação do marido e coloca as filhas ao seu lado, para protegê-las e para proteger-se. Apóia-se nelas para sentir-se melhor, menos só e ameaçada.

Fala da solidão individual de cada um, da falta de contato, da falta de continência de todos. Além disso, é possível perceber a falta de adultos preparados

emocionalmente para lidar com a vida e educar as crianças. Demonstra certa dificuldade de expressão.

Sobre a família

Quando a família chegou, tudo estava depositado em *L*, era ela quem estava preocupando os pais, especialmente a mãe, com quem tinha atritos mais freqüentemente. Foi através dela que pudemos nos aproximar de toda a família, perceber a agressividade de suas irmãs, principalmente a mais velha, a aliança da mãe com a irmã mais nova, a distância do pai e seu sarcasmo, a aflição e irritação da mãe.

Estivemos juntos uns quatro meses, aos poucos tudo isso foi aparecendo nas sessões, foi sendo trabalhado com a família, até que ficou mais dirigido ao casal, que continuou por quatro meses. No início só haviam queixas e acusações, todos se isentaram de suas responsabilidades. O ressentimento, a mágoa, a hostilidade eram visíveis, agressões verbais constantes e pesadas, muitas discussões. Observava-se também uma igualdade na relação, todos pareciam crianças egoístas, agiam como: só queriam se divertir, não aguentavam um aborrecimento, desistiam da brincadeira quando frustrados, destruíam os jogos, emburravam, às vezes, até saíam da sala (inclusive os adultos), choravam, não chegavam a um acordo. Pareciam um grupo sem regras de organização, o que inviabilizava o contato e o desenvolvimento de qualquer coisa - tudo acabava em briga e mágoa. Todos pareciam só querer ser satisfeitos.

O trabalho inicialmente foi de criar um clima possível para o encontro, onde pudesse acontecer algo mais que descarga e irritação. Aos poucos os depoimentos individuais iam acontecendo, começou a ser instalada uma situação de receptividade

menos defensiva. Eles se sentiam menos ameaçados. O que acontecia nas sessões também acontecia em casa - um caos ou a paralisação.

À medida que a comunicação foi ampliada, foi possível ao pai revelar como se sentia e estabelecer as semelhanças das sensações de *L*, daí haver entre eles melhor contato e haver por parte da mãe uma dificuldade maior com ela (de algum modo representante do marido distante que não pode atender a mulher).

O casal apesar de na palavra falar de amizade, de solidariedade, na prática não se entendiam, brigavam e às vezes se fecham, ficam sem comunicação, um clima tenso. O envolvimento sexual era pequeno, procuravam não se encontrar, quando não as crianças eram uma desculpa.

DF-E mae
11 (total)

(7)

1

2

11/10/1970

3

DF-E pai
(coro L)

4

Caso 5

Identificação

Nome: A

Idade: 12 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: 6ª série

Pai: V

Idade: 43 anos

Escolaridade: superior incompleto

Profissão: comerciante

Mãe: M

Idade 35 anos

Escolaridade: 2º grau

Profissão: prendas domésticas

Aplicação do C.A.T.

Prancha 1

Comentários

A: É um pintinho?

P: O que você vê?

A: A galinha e os pintinhos.

Eram três irmãos, eles estavam querendo fazer surpresa pra mãe. Só que a mãe estava demorando muito. Aí dois já estavam querendo comer, aí um falou: Não, vamos esperar até a mãe chegar. Aí esperaram. A mãe viu tudo na mesa e ficou contente e comeram todos juntos.

Título: Esperando.

Inquérito

P: Eles decidiram esperar a mãe...

A: Era aniversário dela, eles tiveram a idéia de fazer a comida e o mais velho deu a sugestão de esperar pela mãe.

Prancha 2

Aqui aconteceu uma briga entre dois ursos. O pai e a mãe tava tirando força para ver quem ganhava pra ficar com o filho. Daí o filho começou a ajudar a mãe e o pai ficou espantado. Aí a mãe e o filho ganharam e viveram separados.

Título: Marido e mulher.

Inquérito

P: Quem viveu separado?

A: O marido e a mulher.

P: E como foi a vida deles?

A: No final acabam se unindo de novo. A mãe tinha ido procurar comida pro filho e o pai foi caçar.

P: Por que se separaram?

A: Marido e mulher discutiram e se separaram. Isto era comum pra eles.

Prancha 3

Um leão vivia numa casa muito velha. Ele foi despedido do emprego, ficou sem dinheiro pra comprar alimento. Quando ele resolveu ir à dispensa, viu que tava tudo vazio. Daí ele viu um rato de lado e foi tentar pegar, só que quando ele ia pegar, o rato entrava na toca e ficaram assim a tarde inteira. Até que o leão resolveu sentar e esperar até que o rato saísse. E o rato muito experiente esperava o leão dar uma dormida para sair. E foi assim até que o leão morreu e ele não conseguiu pegar o rato.

Título: Pega rato.

Prancha 4

Essa canguru teve três filhotes e um desses fugiu quando ela, a mãe, saiu. Daí quando ela chegou do trabalho, ela percebeu que tava faltando um filho. Daí ela pegou os filhos, pôs um na bolsa e o outro teve uma idéia melhor — em vez de ir a pé, ele ia de bicicleta. Daí rodaram quase a floresta inteira até que o filho que estava na bicicleta começou a pensar onde ele deveria estar. Aí ele pensou, pensou bastante e teve uma idéia — que o irmão tava dormindo no quarto e a mãe não tinha ido lá. Quando eles voltaram, ele tava lá dormindo.

Título: Procurando o filho.

Inquérito

P: Qual o filho que estava sendo procurado?

A: O mais novo.

P: O que aconteceu quando chegaram em casa?

A: A mãe percebeu que tinha que olhar bem primeiro, foi uma lição, mas ela não ficou com raiva não.

Prancha 5

Aqui era um casal, né, eles iam ter um filhinho. Aí quando chegou oito meses e meio a bolsa da mulher já tinha estourado. Aí o pai falou: Vamos correndo para o hospital. Daí eles saíram correndo, chegaram no hospital e o filho nasceu, foi tudo

normal. Ai o pai pensou na cama de casal, no bercinho, como seria. Ai o médico chegou e falou que o filho tinha nascido e tava tudo em ordem.

Título: Esperando o filho.

Inquérito

P: Que filho era, do casal?

A: O primeiro filho, nasceu menina.

Prancha 6

Aqui eram dois ursos e o filho, um filho só. O filho tava aqui atrás dos dois e o filho queria passar e os dois não tavam querendo deixar. Daí ele esperou até tarde e quando os pais dele estavam dormindo, ele conseguiu sair, queria tomar ar, brincar um pouquinho. Depois voltou e os pais continuavam dormindo.

Título: A fronteira.

Inquérito

P: Por que os pais não queriam deixá-lo sair?

A: Porque ele tava aprontando muito com os amigos e os pais iam dormir e não tinha ninguém para olhar ele.

P: E os pais não perceberam que ele saiu?

A: Não, não perceberam.

Prancha 7

Aqui era uma floresta. Vivia um macaquinho e ele vivia dando sopa pros tigres, pras onças, sempre conseguia fugir, mas sempre dando sopa. Aí apareceu um tigre camuflado se escondendo na mata e o macaquinho não percebeu. Quando o tigre tava pronto pra dar o bote, o macaquinho conseguiu fugir e agora não fica dando sopa por aí.

Título: Nunca mais dando sopa.

Inquérito

P: Por que faziam isto?

A: Eles gostavam de provocar os tigres.

Prancha 8

Era uma casa, né, e essa a mãe, o filho e os tios. Aí a mãe resolveu convidar os tios para tomar café à tarde. Aí os tios chegaram, a mãe foi atender, entraram e já foram tomando café. Aí o filho apareceu e a mãe disse pro filho voltar pro quarto e estudar. Aí o tio e a tia comentaram entre os dois: como ela é chata, obriga o filho a estudar. Daí a mãe ouviu. Ela falou pro filho ir pro quarto e ela falou pros tios que ela briga, briga, mas tem retorno, o filho nunca ficou de recuperação, nem repetiu de ano.

Título: Briga compensa.

Inquérito

P: O que o filho achou disso?

A: O filho pensou que a mãe tinha razão.

Prancha 9

Era um coelhinho que tava dormindo e ele tava sonhando com os monstros e um tava chegando na porta e ela tava imaginando que o monstro ia pegar ela. Só que quando o monstro ia pegar ela, ela acordou assustada. Aí ela virou, olhou para a porta e não viu nada. Daí ela pensou - isso é só imaginação, é só um sonho. Virou e dormiu de novo.

Título: A imaginação.

Inquérito

P: Quantos anos ela tinha?

A: Tinha oito anos.

P: Com quem morava?

A: Morava com os pais, mas eles tinham saído, ela estava sozinha. Eles tinham ido num jantar.

P: E ela?

A: Não foi porque precisava estudar.

Prancha 10

Era uma mãe que tava ensinando o filhote a fazer xixi na privada. Aí ela tava explicando pra ele. Aí o filho falou tá bom, eu vou fazer. A mãe foi dar uma volta e ele

fez xixi no jardim. Aí a mãe pegou e deu uma palmada nele e agora ele aprendeu que é aqui (mostra) e não precisa mais bater nele.

Título: Fazer xixi na privada é bom.

Inquérito

P: O que o filho achou disto?

A: O filho achou bom porque a mãe deu uma lição nele.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) por A

Unidade de produção 1

Estória:

São dois e o pai, não tem mãe. Quando esse, o menor era pequeno, sofreram um acidente. A mãe foi pegar uma coisa no porta-malas do carro — uns sanduíches, e voou, saiu pra fora do carro. No começo sentiram muita falta dela, agora vivem com a empregada e a arrumadeira e conseguem viver felizes. O mais velho recebeu o apelido de Pernudo, porque ele tem a perna muito grande.

Título: Sem mãe.

Inquérito

P: Quando aconteceu o acidente, qual a idade dos filhos?

Ele: O menor tinha um e o mais velho tinha quatro, e agora o menor tem seis e o maior tem nove.

P: Como era o relacionamento com o pai?

Ele: Bom.

Unidade de produção 2

Estória:

São dois meninos, um de quatorze e um de dezesseis, o pai e a mãe. Essa família se entende bem, vivem numa casa grande, tem cachorro, gostam dele, os pais também. A mãe trabalha numa indústria e o pai é empresário. Eles gostam de sair à noite. Quando saem, gostam de levar o cachorro junto.

P: E os pais, como vivem?

Ele: Os pais se entendem bem e os irmãos também. Em feriados sempre viajam para a casa de praia que eles costumam ter e levam o cachorro.

Título: A família buscapé.

Inquérito

P: Quem era o dono do cachorro?

Ele: Era de todos.

Unidade de produção 3

Comentários:

Ele: Alguém que não está bem?

P: É.

Ele: Tá doente?

P: Como você decidir.

Estória:

Eles estão no hospital. O pai e a mãe estão dentro do hospital, não, o pai e a filha estão dentro, a filha deu mau jeito, vai ter que engessar o pé. A mãe e o filho estão esperando do lado de fora. A irmã tava correndo na quadra, jogando tênis e pisou de mau jeito. Vai ter que ficar um mês engessada. Os pais ficaram assustados, mas depois ficaram mais tranquilos. Pensaram que era grave, o pé tava muito inchado.

Título: O pé machucado.

Inquérito

P: Quem dos filhos era o mais velho?

Ele: A irmã que machucou.

P: O que vai acontecer com ela?

Ele: Ela vai ficar boa, vai tirar o gesso.

Unidade de produção 4

Comentários:

Ele: De novo?

P: É, agora é para você fazer a sua família.

Ele: O cachorro também? Não vou nem falar porque não sei desenhar cachorro.

Estória:

É minha irmã menor, minha irmã maior e eu, minha mãe e meu pai. Eles estão esperando os primos, os pais; os avós no caso, para ir num restaurante. Os tios de Ribeirão... e agora... É domingo, vão todos almoçar e o filho gosta muito do tio. Sempre vou pra lá nas férias, dirijo motocicleta, ando de trator.

Título: Uma família feliz.

Inquérito

P: Que vão fazer depois?

Ele: Todo mundo vai pra minha casa ou pra casa da minha avó, fica vendo filme e o avô dorme.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pela mãe - primeira aplicação.

Unidade de produção 1

Estória

Essa família tem tudo para ser uma família feliz mas falta um pedaço para se encaixar; não é impossível?, mas falta. É uma família bonita, saudável. O que falta nessa família é mais diálogo, mais amizade.

Título: Uma família querendo se reconstruir.

Inquérito

P: Por que não tem diálogo?

M: A aproximação é difícil, há uma barreira muito grande. Isso acontece mais entre o pai e a mãe.

P: O que poderia ajudá-los?

M: Os pais serem amigos.

Unidade de produção 2

Comentários:

M: Ih, que difícil é mais ou menos o mesmo desenho. Sei lá. Acho que é a mesma família: pai, mãe, três filhos (um menino e duas meninas).

Estória

O pai e a mãe mais unidos e os filhos também, mas mais o pai e a mãe serem amigos, mais carinho.

Título: Os filhos unidos.

Inquérito

P: Por que os pais mais unidos?

M: Porque não são.

P: O que está impedindo?

M: Os filhos, talvez. Os filhos estão jogando alguma coisa e os dois, sei lá, sentados, conversando. Eu não pensei nos dois, só nas crianças jogando bola, talvez os três juntos.

Unidade de produção 3

Comentários:

Pai, três filhos, mulher.

Estória

O doente é o homem. Ele está muito amargo, descontente, desanimado, tá com tudo o homem. Desde quando ele perdeu o emprego, uma coisa assim. Ele gostava do emprego. Aí ele ficou amargo. Tem já uns seis meses. A mulher não sabe o que fazer, não tem um amigo para conversar, para desabafar, para trocar idéia. Ela põe os filhos perto do pai pra ter mais aproximação, mas os filhos não percebem a coisa. Precisa é mais diálogo. Acho que conversando, ambos essa amargura vai embora.

Título: O homem doente.

Unidade de produção 4

Comentários:

Não é como está, é como eu gostaria, né!

Estória:

É a família passeando à noite. Esse aqui é o cachorro. Eles tão andando pela praça perto de casa. A gente fazia muito isso, saía, andava, depois foi esquecido. Os dois esqueceram, todos. Hoje ninguém correndo, às vezes a do meio, mas a mãe se desculpa que está ocupada. Ou às vezes a gente ia comer sorvete, era perto de casa. Acho que é isso que falta. Sair, andar. Fizemos isso um tempinho, depois parou. Parou esse ano, o pai e a mãe ficaram mais tristes e separados.

Título: A família em busca de alguma coisa, da felicidade.

Análise do DF-E da Mãe

Chama a atenção sua forma de desenhar infantil, romântica e idealizada, principalmente na Unidade de produção 4 — todos de mãos dadas. Ressalta também no grafismo os olhos vazados e uma certa depressão da mulher na Unidade de Produção 3, único desenho onde os filhos estão entre o casal.

Em suas estórias demonstra a falta de vínculo com o marido e também com os filhos, talvez revelando seus despreparo para exercer suas funções. Não parece deparar-se com isso pois não se coloca em nenhum momento como centro da análise, mas o homem, embora fale do seu vazio, da sua falta de contato, o tempo todo. Parece uma família despreparada para lidar com as questões que a vida vai colocando — a convivência, o nascimento dos filhos, o desemprego — situações que frustram de um lado, fazem exigências de outro, mas levam ao crescimento se tomadas com tolerância e amor.

Há, sem dúvida, um desencontro, uma falta de contato. *M* se preocupa com o distanciamento, mas não se sente em condições de fazer algo e solicita para isso as crianças, que entram e, na maioria das vezes, se sobrecarregam, como é o caso de *A*.

Os filhos, para *M*, vieram para interpor-se entre ela e o marido, este como o representante do objeto de amor primário, um obstáculo ao seu desejo de união total, o vínculo infantil idealizado.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai - primeira aplicação

Unidade de produção 1

Estória:

É o funcionamento de uma granja de suínos, maternidade onde a porca fica quando pare com os leitões (à esquerda). Normalmente parem em grupos, são colocadas em gaiolas. Depois de certo tempo os leitões vão para creche — aí são separadas as fêmeas que vão pro galpão da gestação. Os machos ficam sempre separados das fêmeas. Saem no período do cio identificam as fêmeas e depois voltam pras baias deles. Uma família completa, pai, mãe, bebê, com os ciclos deles.

Título: Uma criação de suínos.

(Ele conta que esteve no sítio, está desmontando isso. Acha os porcos limpos, tudo bonito).

Unidade de produção 2*Estória:*

Um pai que não está se dando com a mãe, que tem três crianças, que talvez não tenha se separado dessa pessoa por causa das crianças. Está acontecendo falta de entrosamento. Uma mulher que não reconhece a sua parte, acha que não precisa mudar porque acha que está certa e o homem está desanimado. E os filhos? As meninas acho que passam e não percebem. O A é que percebe mais; mas não consegue falar. Isso está interferindo nele e não sei quando vai interferir nelas. Solução: ou mudanças no casal ou separação.

Título: Uma família sem comunicação.

Unidade de produção 3*Estória:*

É um pai que não está nem bem nem mal. Uma mãe que acha que está bem, mas não está. Um filho que teve problemas, já esteve mal, mas está superando, está bem melhor do que estava antes. E duas meninas que estão sempre alegres. Um pai... está tendo problemas com a mulher, com o filho, às vezes acaba enchendo.

Título: Reestruturação de uma família.

Unidade de produção 4*Estória:*

Uma família unida, que todos estão se entendendo. Talvez uma viagem sem brigas, todos concordando com o mesmo destino da viagem. E lá não haveria brigas, tem que haver entendimento, compreensão, aceitar a pessoa como ela é.

Título: A minha família amanhã.

Análise do DF-E do Pai

A verbalização e o desenho servem, desde o início, mais para dispersar que para revelar sentimentos. Tanto que trata do tema família como o lugar da procriação, algo concreto que o afasta da angústia da relação, troca pelo ritual. De qualquer forma o encontro sexual só serve para fazer filhos, nessa visão. O vínculo é estabelecido pelas crianças. Mostra-se mais consciente das dificuldades de relacionamento, especialmente com a mulher e, embora negue, no discurso, acha que quem precisa mais é o outro, no caso, ela. Embora não se coloque como alguém que está bem, parece atribuir o seu mal estar ao fato de “suportar a folgada da sua mulher”, que não faz a parte dela. Reconhece a interferência disso no desenvolvimento de A, mas está paralisado, sabe onde quer chegar, mas não sabe como. Capta uma confusão, parece irritar-se com isso. Tem uma boa análise da situação, mas não sabe como elaborar suas emoções para que hajam mudanças. Ao invés disso, se fecha, desanima, se distancia.

Chama a atenção seu desenho da Unidade de Produção 3, onde o lugar da mulher é representado por um sinal de dúvida — ela fica ou não. Acreditando que o

problema é ela, se ela sai acaba o problema. Projeta os sentimentos hostis na mulher, a insuficiência, a incapacidade e depois se desfaz dela, e demonstre como possibilidade de resolução dos conflitos internos, tomada de posições externas.

Procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E) pela mãe - segunda aplicação.

Unidade de produção 1

Comentários:

Não sei desenhar.

Estória:

Um casal só. Essa família é só a mulher, um casal mesmo sem filhos. Tão namorando, né. São casados há uns cinco anos e por enquanto não querem filhos. Eles viajam muito. Eles vivem bem, são amigos.

Título: O casal perfeito.

Unidade de produção 2

Comentários:

Vich, esse desenho aqui tá... péssimo desenho, a forma tá terrível!

Estória:

Os três jogando bola. Os pais estão vendo, estão sorrindo, estão achando engraçado. O momento é de relaxamento, de prazer, estão brincando, é um sábado ou durante a semana. A família vive bem.

Título: A família em harmonia.

Unidade de produção 3

Estória:

Os pais conversando sobre o filho que não está bem. O filho é adolescente, ele está numa fase que não está se entendendo com a mãe. O que faz eles não se entenderem é a rebeldia do filho e a incompreensão da mãe. O marido tá falando pra mãe que o filho tem que viver uma boa adolescência. Como vai resolver isso? A mãe vai conversar com o filho sobre esse problema que eles estão enfrentando — a mãe e o filho por que está esse conflito. E como vai terminar? Eles se entendendo, a mãe entendendo o filho, mais a mãe, não o filho entendendo a mãe.

Título: Conflitos mãe-filho. (Pequenos, não são conflitos graves).

Unidade de produção 4

Comentários:

Ela: Como está agora? Desenha o que a família está fazendo também?

P: Como você quiser.

Estória:

O pai bem próximo aos filhos. A mãe do lado, não interfere na conversa deles. A mãe tá fora, não como antes, não está distante, tá mais sossegada. Os filhos estão mais próximos do pai, a mãe está refletindo.

Título: Amizade, uma boa família.

Análise do DF-E da Mãe

Nesta segunda aplicação, *M* mostra uma mudança de atitude frente à família e aos seus sentimentos. Parece agora conhecer-se melhor, identifica seu desejo de uma relação do passado (DF-E 1), mas aceita melhor a presença dos filhos na convivência com o casal. Já pode olhar para o filho como alguém que precisa de ajuda, mas reconhece que tem uma parte sua, até maior, a ser desenvolvida. Coloca-se também com tarefas para o desenvolvimento de uma relação mais madura com o marido, ao mesmo tempo que se sente mais responsável para acompanhar o seu filho.

Revela que a distância do marido em relação aos filhos tinha a ver com o fato dela unir-se a eles, como vítima da depressão e indiferença do marido. Essa atitude da mãe dificultava o acesso dos filhos ao pai e estimulava uma imagem distorcida dele.

*Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai -
segunda aplicação.*

Unidade de produção 1

Estória:

A praia de Barra do Sahy, A e a irmã jogando frescobol, a mais nova brincando na areia. Eu sentado numa cadeira e a mãe do outro. É um período de férias. As pessoas tão alegres, descontraídas.

Título: Férias no Sahy.

Unidade de produção 2

Estória:

No primeiro desenho já está exposto isso, né. Uma família junto; todos se dando bem; porque se não estão bem tendem a se afastar. Acho que da outra vez desenhei um porco, porque é mais difícil desenhar pessoa, cabeça, corpo... Ah, sei lá, pra mim é isso. Da esquerda pra direita — pai para filha mais nova.

Título: Família unida.

Unidade de produção 3*Estória:*

A idéia pra mim é mais fácil que por no papel. Eu penso assim: quatro mais de um lado e um sozinho. É o A que está com dificuldade de relacionamento. Difícil conversar, aceitar as coisas, muito teimoso e com isso tende a se isolar, com as irmãs quer forçar as coisas, com a mãe também, apesar que a mãe está tendendo a conversar. Mas a gente percebe que olhando pra trás tá difícil, mas não tanto quanto antes.

O que mudou? Ele já escuta, já aceita a mãe, tá tentando conversar direito mas tá longe.

A solução — continuar com o trabalho com o A e com a mãe, porque está tendo resultado.

Título: Problema de relacionamento.

Unidade de produção 4*Comentários:*

Ele: Eu faria como na primeira, a família numa situação de lazer como eu gosto.

P: Então está bem... então faça como quiser.

Ele: Sorri e diz: Vou fazer diferente agora. Botei uma família e mais algumas pessoas.

Título: Fazendo o que se gosta.

Estória:

Tem esses pesqueiros agora. O A gosta... Ele com um amigo pescando. As meninas com amigas na piscina. A mãe com amigas sentada conversando ou lendo, coisa que gosta de fazer e eu mexendo com pomar, sei lá.

Inquérito

P: Onde você vê maior mudança?

Ele: A mãe se aproximando — mudança principal.

Análise do DF-E do Pai

Parece estar podendo aproximar-se mais de suas emoções, está menos hostil ao contato. Parece já olhar para o outro também com olhos menos críticos, até um pouco amorosos. Ainda coloca como possibilidade de relação cada um fazendo uma coisa, mostrando suas dificuldades na convivência. Coloca-se ainda como alguém mais voltado para o exterior na seguinte relação — se fora vai bem, ele fica bem. Muito dependente do ambiente, precisa se desenvolver para poder oferecer suas contribuições e enriquecer o contato. Já pode olhar para o filho como alguém que necessita de ajuda. Parece estar ao lado da mulher, mais colaborador, menos exigente e hostil, o que favorece também uma nova atitude da mãe.

Mostra uma perspectiva de mudança, uma possibilidade de contato com outras pessoas, maior respeito às necessidades individuais de seus familiares. Assim não leva todos ao isolamento, sua forma de proteger-se do contato. Reconhece sua dificuldade e permite aos outros a expansão.

Até o grafismo é mais vitalizado.

Entrevista final com A

Sugeri que enquanto conversássemos ele fizesse um desenho. Ele vai contando fatos atuais ao mesmo tempo que inicia um desenho: um campo de futebol vazio quando termina, peço uma estória.

Estória:

É como se fosse um jogo de 2 times: de um lado está a terapia e do outro o sentimento ruim. Se não vencer o sentimento ruim, vai ficar sempre o mal estar. Se fizer a terapia, vai poder cuidar disso e se sentir melhor. Eu quero me sentir melhor.

Título: Terapia x sentimento ruim.

Conversamos sobre essa percepção que agora era dele. Ele aprendeu nesse tempo nas sessões com sua família e nas suas individuais que há sentimentos negativos dentro dele e que o impedem de realizar seus objetivos de menino pré-adolescente que é e que, por outro lado o deixam ansioso, nervoso e agitado. É desses sentimentos que estão dentro dele que ele vai tratar numa terapia. Assim ele poderá voltar para o seu lugar de menino e ir atrás de seus interesses.

Síntese do Caso 5

Há um fator comum ao pai, mãe e filho que é os três serem o filho mais velho, onde pelas histórias, parece recair a exigência ou o desejo de serem “bons filhos”, “que cumprem seu papel”. A submissão ao que é proposto pelos pais de *V* e *M* é bem clara na história de suas vidas. Por uma possível falta de experiência emocional, a esses pais não

parece possível tratar o filho como uma pessoa com necessidades próprias, mas parecem vê-lo apenas como alguém que está fora do esperado e que os solicita além do que eles podem dar, sente-se esgotados. Eles não entendem o que acontece, porque mesmo dando tudo, ele apresenta esses comportamentos.

Em seu material clínico aqui apresentado (C.A.T. e DF-E), *A* revela o distanciamento das figuras materna e paterna, que se aproximam em situações de castigo e punição ou cobrança. Por outro lado, demonstra falta de cuidado, de contenção e acompanhamento no desenvolvimento de suas emoções e autonomia. Sente-se perseguido, exigido pelos pais que esperam dele mais resultados positivos. Não sente sua preocupação com ele. Evidencia, tanto num material quanto no outro, seu conflito edípico, a dificuldade de abandonar seu objeto primário de amor para se identificar com o pai. Às vezes aparece um certo conflito até de identidade sexual — troca ele, por ela. Isto pode estar acontecendo pela forma como a mãe se vincula a ele (como substituto do seu próprio objeto de amor — é frustrada na relação com o marido) e pelo distanciamento da figura paterna.

Essa falta de acolhimento materno e fraqueza da figura paterna, levam *A* a sentir-se desamparado, mal atendido, levando possivelmente a reações hostis e agressivas em relação a eles e ao mundo. Sente-se só, perseguido por suas próprias ansiedades e desejos. Lida com isso por descargas, fuga da realidade, através da onipotência torna-se o filho onisciente, em sua fantasia toma o lugar dos pais e “quer educá-los”. Reage a esse sentimento com agressividade e através da atuação que aproxima seus pais de si, obrigando-os a presença e embora seja para adverti-lo parecem acalmá-lo de outras necessidades — as afetivas.

A apresenta-se desde bebê com aspectos de voracidade, carente de atenção, e limite, necessitando ainda mais de pais continentos, acolhedores e presentes. Depara-se, no entanto, com pais imaturos com pouca vivência emocional, não vistos e não compreendidos que tem a oferecer o que receberam — exigências, repreensões, uma vida material.

M é a mãe que amamenta o filho, suprindo-o de suas necessidades fisiológicas, mas não é capaz de um contato afetivo. Também revela falta de acolhimento do marido, que a observa mais como avaliador e cobrador, que como um companheiro que a auxilia.

Uma Breve Reflexão

Quando esta família chegou trazida por *A*, mostrava sinais de cansaço, desânimo e muita irritação pela falta de resposta positiva de *A* aos investimentos já feitos, como dieta alimentar, psicoterapia dele.

A, por seu lado, estava saturado das reclamações que faziam dele e não conseguia fazer nada e estava se recusando a entrar num novo tratamento. A depressão era geral a ansiedade muito grande, de todos.

Ao observá-los neste processo, incluí a todos no tratamento, que aconteceu durante 6 meses, com sessões familiares, de casal e individual com *A*.

Observamos, o que comprovamos em nossa prática e confrontamos neste caso com a reaplicação do DF-E e o desenho livre de *A*, que houve uma mudança de visão de toda a família, especialmente do pai, da mãe e de *A*, além da conscientização de que cada um tinha em si coisas para desenvolver. A resistência ao trabalho pessoal diminuiu muito, *A* iniciou sua terapia e a mãe também. O clima de tensão e acusação cedeu lugar a um

clima de colaboração e ajuda; a hostilidade perdeu um pouco sua força para dar lugar a alguns encontros mais amorosos. O medo ao contato e a fuga para a fantasia foi substituído por investimento na aproximação. O pai que se sentia um "bicho papão" de quem os filhos tinham que ser protegidos conseguiu chegar a *A* e vice-versa e já começavam as primeiras relações. A mãe, por sua vez passou a cuidar mais de suas falhas sem esperar o preenchimento delas pelo marido. Saiu do lugar de anteparo dos filhos, permitindo maior acesso deles ao pai.

Estabeleceu-se uma nova organização, mais humana, mais vitalizada e o aparecimento da disposição de cada um de lidar com seus problemas.

1

3

2

1

3

DF-E mae
8:20 p

1

3

Família que trabalha alocado bem

Família que trabalha de ter

11 família Família

Handwritten symbols and characters, possibly representing a sequence of events or a process.

1

3

Handwritten symbols and characters, possibly representing a sequence of events or a process.

Handwritten symbols and characters, possibly representing a sequence of events or a process.

DFE per

2

4

1

HO +

Mapa X Anticuarios

Entrada Firda

Caso 6

Identificação

Nome: *E*

Idade: 15 anos

Sexo: masculino

Escolaridade: 8ª série

Pai: *H*

Idade: 42 anos

Escolaridade: até a 6ª série

Profissão: empresário

Mãe: *S*

Idade: 39 anos

Escolaridade: superior

Profissão: psicóloga

Inquérito

P: O que aconteceu com as famílias?

E: Morreram todos de doença, acidente, desapareceram.

Prancha 8

Todos presos, tão trabalhando, agora é hora do almoço, eles estão descansando um pouquinho. É uma estrada, eles cortam mato da estrada.

Título: Os presidiários.

Inquérito

P: Por que foram presos?

E: Três roubaram banco e um matou um cara.

P: O que vai acontecer com eles?

E: Vai ficar cortando grama por vinte, trinta anos.

P: Como estão se sentindo?

E: Mal, queriam fugir, mas vão ficar presos, tem muito policial. Não podem ver ninguém, nem a família.

Prancha 9

Tão cortando o cara porque ele tomou um tiro, vão tirar a bala. Eles eram assaltantes. O da frente é o líder do grupo, não faz nada (ri), ele que organizou tudo, os outros três são capangas.

*Desenhos de Famílias com Estórias por E***Unidade de produção 1**

Pede a borracha, diz que errou na mesa. Eu não lhe dou e lhe ofereço outra folha, ele não aceita, diz que vai deixar assim.

Verbalização:

A mãe, o pai, dois filhos estão comendo e tem um dormindo. Todos tem doze anos, são trigêmeos e homens. Eles estão almoçando, depende do dia é em casa. Os dois trabalham. A família vive bem.

Título: A casa.

Inquérito

P: De quem é a casa?

Ele: É deles.

P: Como vive o casal?

Ele: O casal vive bem, está casado há quatorze anos.

Unidade de produção 2

É canhoto, começa da direita para a esquerda; postura do lápis é ao contrário.

Verbalização:

É meu pai, eu, minha irmã mais velha e minha mãe. Todos tão posando pra foto pra guardar no álbum de família. Todos vivem bem, estão felizes, são unidos.

Título: Família.

Unidade de produção 3

Pai, mãe, filho de vinte, filho de dezessete, filho de sete, filho de um ano.

Verbalização:

O pai não tá bem. Tá todo mundo tirando retrato de família. O pai tá triste, ele gosta de ver TV; até na hora de tirar foto, vê TV.

Título: Televisão.

Inquérito

P: O que a família acha disso?

Ele: Eles reclamam, acham isso ruim, porque ele fica muito distanciado. A mulher acha ruim, mas não demonstra.

P: O que está deixando o pai triste?

Ele: Não sei.

P: Como isso vai terminar?

Ele: Esse problema não vai resolver.

Unidade de produção 4

Meu pai, eu, minha irmã e minha mãe.

Verbalização:

Vivem bem, são separados porque brigavam muito, a mãe e o pai. Aí separaram. Aí a irmã escolheu morar com a mãe e o filho escolheu morar com o pai. Aí não tá dando certo, aí fui morar com a minha mãe.

Título: Família.

Inquérito

P: Como será no futuro?

Ele: O futuro será assim: filhos com a mãe, pai sozinho.

P: O que os filhos acharam disso?

Ele: Os filhos acharam mais ou menos porque os pais pararam de brigar, mas a família é ruim separada.

Aplicação do T.A.T.

Prancha 1

Acho que ele foi tocar um pouco de violino para treinar e aí ele desistiu e ficou olhando.

Título: O garoto triste.

Inquérito

P: Por que desistiu?

E: Não tava conseguindo, não conseguia por os dedos nas cordas certas.

P: E o que vai acontecer depois?

E: Ele vai tentar de novo, aí ele vai conseguir um pouco melhor.

Prancha 2

Uma fazenda, tem o pessoal trabalhando. Aí acabou o dia, aí eles jantam, vão dormir, no outro dia vão fazer tudo de novo. É tipo uma cooperativa, todo mundo trabalha: garota, velhinha, o cavalo e um cara. Cada um é de uma família, se conhecem do trabalho.

Título: Fazenda.

Inquérito

P: Como é a família deles?

E: A moça mora com dez pessoas: os avós paternos e maternos, pai, mãe e mais três irmãos, é a menor; a velhinha não tem família e o homem tem dois irmãos, morreu o resto da família.

Prancha 3

É uma mulher e ela tá descansando num banco.

Título: O sono.

Inquérito

P: O que ela estava fazendo antes?

E: Tava trabalhando de secretária. Ela não dormiu direito, ficou vendo TV. Ela não gosta muito de TV, mas ficou e ficou cansada, era um filme bom.

P: E o que ela vai fazer depois?

E: Ela vai trabalhar um pouco mais.

P: Quantos anos ela tem e onde vive?

E: Ela tem vinte e cinco anos, mora sozinha, tem pais, mas optou por morar sozinha.

Prancha 4

O cara tava indo ver um negócio e a mulher falou pra ele não ir. Ele tava indo ver um cachorro, ela ficou com medo, não queria que ele fosse e aí acabou.

Título: Cachorro.

Inquérito

P: E o que a mulher vai fazer?

E: Nada, ela vai ficar aí parada, meio assustada.

Prancha 5

Uma mulher está entrando pra arrumar a casa. A mulher é a empregada, acabou de chegar pra arrumar a casa, aí vai arrumar a casa e depois vai embora.

Título: Casa.

Inquérito

P: De quem é a casa?

E: É de um cara, uma família de três pessoas — pai, mãe e o filho. Todos saíram, os pais foram trabalhar e o filho foi pra escola.

Prancha 6

A velhinha tomou veneno e o cara tá arrependido de ter dado veneno pra velhinha.

Título: O veneno.

Inquérito

P: Que tem a ver um com o outro?

E: Não são nada um do outro. Ele envenenou porque é da Máfia. A Máfia quer que a velhinha morra porque não quer vender uma loja dela.

P: E o que vai acontecer depois?

E: Nada, ele vai continuar trabalhando pra Máfia e a velhinha vai morrer.

Prancha 7

Os caras trabalham juntos e aí eles não tem família, aí eles estão vendo um negócio para ir viajar.

Título: A viagem.

Título: O assalto.

Inquérito

P: O que vai acontecer com o cara?

E: Ele vai ficar bom.

P: O que eles estavam assaltando?

E: Eles estavam assaltando um banco, não conseguiram, eles fugiram, mas a polícia tá atrás deles.

P: E o que vai acontecer?

E: Eles vão ser presos e vão se juntar ao grupo anterior.

Prancha 10

O cara tá cochichando no ouvido do outro. Tinham sido presos por uns caras, eles estavam combinando de fugir, baixinho. Aí começou vir um gás, começou uma sonolência e eles morreram.

Título: A vingança.

Inquérito

P: Quem eram eles, os que morreram?

E: Eles trabalhavam juntos, eram da polícia. Os bandidos é que prenderam. Eles receberam um telefonema anônimo pra ir neste lugar.

P: Por que queriam eles mortos?

E: Porque tinham prendido um amigo deles e eles ficaram com raiva.

P: O que vai acontecer depois?

E: Eles vão jogar o corpo fora e vão continuar assaltantes.

Prancha 11 (em branco)

Comenta: "Esse é complexo".

O cara tava andando na rua. Aí explodiu um negócio muito grande e veio muito branco assim e é isso que ele tá vendo aí.

Título: A explosão.

Inquérito

P: E o que explodiu?

E: Ele não ficou sabendo, foi muito rápido ele achou que era E.T. Ele ficou curioso e com medo, aí o prédio caiu na cabeça dele e ele morreu.

P: Ele tinha família?

E: Tinha, morreu tudo com a explosão, era perto da casa dele.

*Procedimento de Desenhos com Estórias (D-E) por E***Unidade de produção 1**

Paisagem não conhecida. É um lugar que eu nunca vi, menos urbano, um lugar agradável. É de dia, o tempo... tem algumas nuvens mas tá bom. Parece que vai ficar bom.

P: Tá faltando alguma coisa?

H: Uns bichos.

P: Quais?

H: Selvagens

Título: Não sei. Árvore.

Unidade de produção 2

Quando fiz lembrei da minha cachorra, morreu faz um ano e pouquinho problema do coração. Tinha câncer e não podia fazer a operação. Ficou velhinha e o coração fraco. Moravam com uma família há doze anos.

Título: Cachorra.

Unidade de produção 3

Som que eu tenho, está em casa, no meu quarto. Funciona quando dá vontade.

Pink Floyd — Pop.

Título: Som

Unidade de produção 4

É um pássaro. Tem umas nuvens, uma árvore, um chão de grama. É um lugar agradável que eu ia quando pequeno.

Título: Pássaro.

Unidade de produção 5

Uma cidade do tipo São Paulo - prédio e casa. No meio, entre o centro e a parte afastada, inspira rotina, às vezes é agradável, às vezes desagradável. Tem trânsito e poluição.

Título: A cidade

Síntese

E, desde o início, busca evadir-se da tarefa tirá-la da frente o quanto antes, o que denota sinais de ansiedade, ou pela generalização que encurta o tempo (todos por um), ou todos parados não fazendo nada ou acabando tudo em tragédia. Apresenta seus

sentimentos de vazio e agressividade, que talvez fiquem contidos nas sua paralisação. A tendência conciliatória expressa pelos pais, talvez seja decorrente do medo de entrar em contato com a realidade dos próprios sentimentos, que se apresentam intensos.

Quando pode deixar passar algo, revela o distanciamento da figura paterna, até mesmo sua alienação e sua falta de esperança tanto no pai quanto na mãe, que nem sequer demonstra seu desagrado.

Percebe sua situação atual preocupa-se com a solidão do pai, talvez a sua mesmo não vê solução para isso, mas reconhece, por outro lado, que ainda precisa de cuidados, de alguém que o ajude. A saída que dá para o conflito que é repartir a família para todos serem felizes (saída idealizada) não funciona. Sobre o confronto com a realidade externa e principalmente interna, que parece difícil e sem solução, pois não são esses os seus desejos ou suas possibilidades.

Apresenta-se frágil, solitário, incapaz de conter-se ou ser contido pelos familiares. Todos parecem livrar-se da angústia por descarga e retraimento, a fuga do contato. Suas emoções e a da sua família mostram-se primitivas, não desenvolvidas e contidas quando o são, é pelo controle.

Coloca-se no mundo como uma criança que não teve pais, os quais parecem envoltos por seus próprios conflitos, e lida com os sentimentos de aflição, perda e desamparo pela anestesia, inércia e desmotivação.

Por outro lado, observa-se em *E* uma tendência à voracidade, a presença de fortes impulsos agressivos e, portanto, uma necessidade ainda maior de ser contido e limitado para poder crescer dentro de si mesmo. Não tendo encontrado a presença de pais consistentes, capazes de contê-lo, fecha-se para o contato com a realidade externa, alia-se a suas fantasias, faz seu mundo particular — constrói seu isolamento, usa-se

apenas como objeto onipotente que pode ser útil ao pai (sua presença o consola) ou à mãe e irmã (aplaca os ânimos) provável defesa do sentimento de impotência, desorganização, caos interior.

Entrevista final com E

Conversamos, ele conta que venceu seus problemas nesse ano, conseguiu superar suas dificuldades. Apresenta-se bem cuidado e às vezes até esboça um sorriso. Sugerimos que ele faça um desenho e que conversemos sobre ele.

Desenho:

E faz alguns animais — pássaro, patos, tamanduá, cobra, árvore, grama, nuvens, sol.

Verbalização:

É um monte de animais numa floresta. Está um dia de sol não muito quente. Eles ficam lá. Às vezes a cobra come os filhotes dos patos, os patinhos, o tamanduá come as formiguinhas e os pássaros não sei o que comem.

Título: Os animais.

Inquérito

P: E o pato o que faz?

E: O pato quando vê, defende os filhotes e bica e às vezes a cobra come o pato.

Análise do desenho

Ressalta a cisão em todos os elementos do desenho e estória: pato x cobra — aspectos mais tranquilos, suaves, vivência em família de um lado; agressividade, destruição, egoísmo de outro. Parecem aspectos ambivalentes dele mesmo, que também poderiam representar as figuras do pai e da mãe. A passividade, fragilidade mais no homem, a atividade, força mais na mulher

Síntese

Como os pais eram separados a família foi atendida assim: numa semana o pai e os filhos, noutra a mãe e os filhos, por seis meses. Não havia de nossa parte pretensão de colocá-los — marido e mulher em confronto, uma vez que os conflitos eram intensos. Não é nossa intenção nesse trabalho sugerir o que não está proposto pela realidade, mas aceitá-la.

Observávamos nas entrevistas com o pai uma certa limitação dele em compreender que dentro das pessoas há sentimentos, inclusive dentro dele. Ele colocava-se como alguém simples, de visão estreita, mas foi importante para os filhos poderem sentir e expressar isso na presença do terapeuta. A comunicação aumentou muito — o pai se dispunha mais a ouvir e os filhos não abandonavam tão facilmente o desejo de alcançá-lo.

Com a mãe, por outro lado, explicitou o clima de brigas, discordâncias e agressões, especialmente entre mãe e filha, ambas queixando-se do desrespeito, da falta de consideração, bem como a paralisação de *E* diante da cena. Sua própria agressividade

o continha. No trabalho com ele, ora apontávamos e interpretávamos os sentimentos de um, ora do outro, até que todos pudessem se ouvir e serem ouvidos. Isso, aos poucos foi criando um clima de continência e muito lentamente cada um foi se apercebendo de sua intolerância e da incapacidade de conter suas próprias emoções. No caso de *E*, foi-se dando o oposto, ele começou a se revelar, mostrar o seu cansaço, esgotamento e também sua agressividade, expôs seus limites.

Ao final do trabalho a disposição para a compreensão tinha começado a aparecer, já havia mais colaboração e cada um sabia da necessidade de um trabalho pessoal.

Quando *E* chegou apresentava-se paralisado frente aos deveres escolares, seu rendimento era muito baixo, sua motivação para aprender zero e estava um pouco obeso e descuidado na aparência. Ao longo do trabalho foi tomando para si as suas tarefas, recuperou-se na escola, atingiu a aprovação com seu grande esforço, iniciou uma dieta alimentar, estava com a aparência mais bem cuidada, até sorria, lutava pelo seu espaço.

Ressaltamos nele a presença de elementos vivos, em interação e movimento, até elementos de calor (o sol). Notamos muita diferença dos primeiros desenhos, que apresentam o vazio, a falta de calor, a destrutividade.

Ao tomarmos esse desenho com o realizado na unidade 4 do D-E, cujo tema também inclui o Pássaro, há perspectivas claras de buscas de saída da depressão, como se começasse a ter alguma esperança, não sem medo de arriscar.

Neste último, embora também haja agressividade, parece uma questão mais natural. Ainda apresenta dificuldade de lidar com os sentimentos que são de alguma forma captados pela consciência e busca temas em que o confronto parece não ser com

ele. Fala ainda que na terra há perigo (talvez a convivência com as pessoas) e que no céu (como o pássaro) poderia sentir-se mais livre e mais seguro, mas já se arrisca.

Foi-lhe indicada uma análise pessoal para tratar dessas cisões que faz, mas no momento, prevaleciam as suas conquistas:

- melhora da auto-estima.
- aumento da consciência de si mesmo.
- uma visão mais realista da sua situação familiar, de seus impulsos agressivos e de suas necessidades afetivas.
- a motivação substituindo a depressão, o vazio.
- possibilidade de expressão.
- uma visão mais inteira.

J-E (1)
de E

J-E (2)
de E

D-E (3)
DE

(17) 3P.C

(17) 3P.C

D-E(5)
de

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Entrevista Final
de E

Caso 7

Identificação

Nome: *H*

Idade: 12 anos

Sexo: feminino

Escolaridade: 6ª série

Pai: *S*

Idade: 42 anos

Escolaridade: superior

Profissão: engenheiro

Mãe: *M*

Idade: 40 anos

Escolaridade: superior

Profissão: advogada

Aplicação do T.A.T.

Prancha 1

Comentários:

H: O que é isso?

P: O que você acha?

H: Um violino.

Um menino que a irmã tocava violino e ele também queria tocar, então toda hora ele queria pegar. Ficava olhando, aí ele pegou e estragou. Aí ele resolveu pegar e como não sabia, quebrou o violino, quebrou as cordas. Aí ela ficou brava porque precisava tocar, pediu emprestado para uma amiga, mas não tocou tão bem. Mesmo assim conseguiu tocar mais ou menos.

Título: O violino.

Inquérito

P: Como a família reagiu?

H: Na hora não fez nada, não brigou porque ele queria experimentar, né?

P: E o menino como ficou?

H: Ficou chateado, a intenção era tocar.

Prancha 2

Uma menina morava numa fazenda e que ela era moça — uns dezesseis anos. Todo dia ia pra escola. Daí teve uma vez que a mãe precisou dela, que ajudasse a plantar, porque tava em falta, precisava de comida, ia chegar o sogro dela, o cunhado e a cunhada. Daí era dia de prova na escola dela. Daí ela falou isso — Como é que eu fico que eu tenho prova. A mãe disse que falaria com o professor para repor no dia seguinte. Daí no dia seguinte ela fez a prova e foi bem na prova.

Título: A colheita.

Prancha 3

Era uma vez uma mulher que brigou com o marido porque ela queria levar os filhos para passear na loja de autorama. Daí o marido não queria porque ele não queria gastar, tinha que economizar dinheiro. Daí a mulher começou a brigar, brigar e ele mandou ela ir embora de casa. Ela ficou muito triste, começou a chorar, arrumou as coisas dela e dos filhos e foi morar na casa dos pais dela.

Título: O homem chato.

Prancha 4

Uma vez à noite dois amigos, um casal de amigos ligou pra convidar eles pra jantar fora, num restaurante. Daí... sei lá... Eles aceitaram o convite. Eles ficaram

conversando, conversando e depois chegou a comida. Daí eles precisavam ir embora porque de manhã eles tinham um campeonato de natação do filho deles.

Título: A pressa.

Inquérito

P: O que eles acharam do convite?

H: Eles foram porque ia ficar chato, fazia tempo que eles não se viam.

P: Sobre o que conversavam?

H: Conversavam sobre coisas agradáveis.

Prancha 5

Era hora do almoço, daí ela foi chamar a filha que tava fazendo lição no quarto dela. Daí ela foi almoçar.

Inquérito

P: Quem foi chamar?

H: A mãe, abre a porta e entra.

Prancha 6

Eles estavam na biblioteca da casa. Eles queriam achar uma palavra desconhecida no dicionário. Ele achou a palavra e deu para o filho.

Título: A palavra desconhecida

Inquérito

P: Eles quem?

H: O filho e o pai.

P: E a mãe?

H: Estava lendo.

P: Qual a palavra que eles procuravam?

H: Não sei.

P: Quantos anos tem o filho?

H: O filho tem doze anos. Linguística é a palavra que eles procuravam.

Prancha 7

Uma menina gostava muito de uma boneca que ganhou de aniversário. Tinha uma babá e pediu pra ela contar história para a boneca dormir. Daí ela dormiu no pensamento dela.

Título: A boneca dorminhoca.

Ela continua: A boneca dormiu só no pensamento dela, mas a babá contou a história.

Inquérito

P: Com quem ela mora?

H: Com os pais dela.

P: Como ela está se sentindo?

H: Feliz.

P: Onde estão os pais?

H: Pela casa.

P: Quantos anos ela tem?

H: Sete.

Prancha 8

Uma menina olhando pra outra coisa. Tá olhando uma árvore, achou ela bonita.

Ela tá no terraço da casa dela.

Título: O olhar.

Inquérito

P: Quantos anos ela tem?

H: Vinte e cinco anos.

P: Com quem ela vive?

H: Com a mãe dela... com o pai dela.

Prancha 9

Eram duas meninas que tavam brincando de esconde-esconde, daí ela se escondeu atrás da árvore na casa da tia dela num almoço que tinha lá. Elas resolveram

brincar. Depois elas vão almoçar com o pai, a mãe, o tio, a tia e as primas. As duas eram irmãs, uma tinha onze, a outra dez.

Título: A brincadeira.

Prancha 10

Era uma mulher e um homem que eram casados. Eles iam dar uma festa e tinham convidado um monte de gente. O homem queria convidar um amigo e falou no ouvido da mulher se podia, ela falou que tudo bem. Esse amigo tava perto e era pra não ficar chato.

Título: O convite.

Prancha 11

Era uma menina que tava na escola. Tava tendo aula. Daí ela é chamada pra fazer uma lição porque ela era a primeira da lista. Daí deu o sinal e ela foi embora.

Título: A lição.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) por H

Unidade de produção 1

Verbalização:

Eles vivem bem, vão indo pro clube. Eles vão levar as duas menores para um parquinho, e o maior vai nadar. Eles ficam olhando, não a mãe fica olhando e o pai vai nadar na piscina junto com o filho. Depois eles vão pra casa.

Título: O passeio.

Inquérito

P: E num dia qualquer da semana como vivem?

H: Os pais trabalham e as duas crianças ficam com a avó.

P: E como se sentem?

H: Elas acham legal.

Unidade de produção 2

Comentários:

H: Que eu gostaria? (Repetindo a instrução, com certa ênfase).

P: É que você gostaria.

H: Posso dar um nome para as pessoas?

P: Como quiser.

H faz o desenho muito rápido e vai apresentando: duas meninas, uma de treze, uma de dezesseis; um menino de quinze, um menino de treze, uma menina de doze e um menino de nove anos.

Verbalização:

A casa deles é grande (arregala os olhos), cada um tem seu quarto. Os dois mais novos dividem o banheiro e os outros cada um tem um. Os pais são normais, aceitam a nota que o filho tira. Eles trabalham muito, o pai é engenheiro e a mãe é que nem a minha. Eles gostavam muito de criança, por isso tiveram muitos filhos. Gostavam que elas brincavam. Agora elas vão pra casa da avó da mãe e depois pra casa da avó do pai. A mais velha vai pra casa da amiga e os dois de quinze e dezesseis vão levar amigo em casa, só vão os três mais novos.

Título: A grande família.

Unidade de produção 3

Comentários:

H: Alguém que não está bem, como assim de doença?

P: Como você quiser.

H: Essa é a filha mais velha (mostra) de treze anos, o irmão do meio, de nove anos e a filha mais nova de cinco anos.

Verbalização:

A irmã mais nova tá doente. Tá com febre, enjoô. O médico vem todo o dia na casa e ele tá achando que ela está com infecção alimentar. Ela vai internada, vai operar do estômago que está infeccionado. Se operar vai desinfeccionar. Os pais estão preocupados, mostram isso muito discretamente. A filha não percebe porque ela é muito novinha. Os mais velhos percebem pelo jeito de falar, antes elas falavam carinhosamente e agora são arrogantes. Os irmãos não estão preocupados porque tem muitos deveres. Depois ela vai sarar e volta tudo ao normal.

Título: A doente.

Unidade de produção 4

Comentários:

H: Esse é meu irmão, eu, minha mãe e meu pai.

Verbalização:

É quinta-feira, eles vão jantar fora, porque é aniversário da minha tia. Sentam eu, meu pai, minha mãe, meu irmão. É uma tia do lado da minha mãe, a gente gosta muito dela, ela tá grávida do primeiro nenê. Aí a família vai para casa dormir. Chegam em casa e o pai fica vendo TV: meu irmão vai dormir, minha mãe então nem se fala e eu fico vendo TV e depois vou dormir senão minha mãe briga, mas nesse dia não teve briga. O pai quando acha que eu tenho que ir pra cama fala, mas ele não briga porque ele também gosta de ficar acordado.

Título: O jantar.

Entrevista Final com H

Ela se apresenta, ao chegar, a mesma menina fechada, sozinha e constrangida no primeiro contato. Notamos que ela é muito diferente quando está com a família, fica mais viva, participativa e se expressa muito bem.

Faz o desenho em silêncio. Ela desenha só uma flor e muito fraca, quase imperceptível. Faz o seguinte comentário:

Verbalização:

É uma flor que foi arrancada do jardim para enfeitar um vaso da casa. Só.

Título: A Flor.

Inquérito

P: Quem arrancou?

H: A menina.

Pega outra folha, corta ao meio numa parte faz uma escultura moderna e na outra escreve seu nome. A escultura diz que parece um dragão. É de metal.

Conversamos sobre vários pontos explícitos ou pela atitude dela ou por seus desenhos. Aponto-lhe algumas evidências que me parecem mais claras:

- a presença de aspectos mais delicados, mais amorosos (a flor), mas ainda tênue, fraco.
- a possibilidade de aceitar uma substituição sem sentir que só perde, ou viver a perda como uma catástrofe (a flor sai da terra para o vaso).

- a percepção de aspectos seus agressivos, sua participação ativa nos relacionamentos, como alguém que também pode atacar e se defender (o seu dragão).
- uma visão diferente de quando chegou — a vítima dos pais, sobrecarregada, exigida, cobrada.

H, por outro lado, mostrava-se também sufocada pelas queixas da mãe, esforçava-se mas não conseguia melhorar, atingir as expectativas dela, se sentia desvalorizada.

O pai parecia não saber nem como entrar nesse conflito, nem o que fazer e também se sentia desvalorizado, fraco, impotente, confuso.

O filho menor, um menino bem irritadiço, com muita dificuldade de suportar qualquer frustração, era extravagante em sua expressão, que era prontamente aplacada pela mãe para não ver mais explosão — era um menino grande, tratado como um bebê, assim ficava quietinho.

Os pais funcionavam mais como apacadores dos ânimos apaziguadores da intolerância e os filhos como reativos. A hostilidade circulava em toda expressão.

Ao longo do trabalho, que durou 8 meses, foi possível abordar essas várias situações — tanto o despreparo dos pais e sua impossibilidade de ajudar-se e aos filhos, como a sensação dos filhos de desamparo, irritação e revolta.

Cada um pode dar-se conta de seu estado pessoal e a cada um sobraram tarefas diferentes que num primeiro momento irritaram a todos, porque apontavam em sua direção e tirava o foco de um sobre o outro.

Observamos resultados muito favoráveis, tais como, o início da análise da mãe, que venceu as resistências e aceitou tratar das suas inadequações.

Síntese

H se apresenta como uma menina sobrecarregada, mal compreendida e insatisfeita. Apresenta várias semelhanças de personalidade com o pai, o que já a coloca mal vista pela mãe, que a identifica às vezes com ele e reage a ela, embora esteja em alguns momentos identificada com a mãe e ataque seus pontos de contato com o pai — fala como “mulherzinha” da casa e o humilha ou desautoriza. Seu lugar na família parece ser bem desagradável está entre os pais, envolvida no conflito do casal, ao mesmo tempo que ao ser criança-filha depara-se com a presença do irmão, que frustra sua liderança total, a coloca no seu lugar, ao qual ela reage. Parece que ele vem estragar seus sonhos onipotentes, que foram mantidos pelos seus pais superprotetores e gratificadores no passado. Ela se coloca como alguém que perde e sofre não se sentindo compreendida. Ao perceber-se sozinha, ataca o desejo dos pais e sua própria realização: chama a atenção pela inadequação, atitudes e maus resultados escolares. Essa imagem é a oposta desejada pela mãe, que foi a criança modelo dos pais. O vínculo com a mãe parece patológico — é de dependência e de hostilidade, tem aspectos de uma relação sádica.

H percebe o conflito do casal, teme a separação, uma ameaça iminente, muitas vezes explicitada pela mãe, ao mesmo tempo que aponta para uma relação formal, mantida por compromissos sociais, fala de falsos vínculos, ou vínculos de aparências, queixa-se da falta de relações verdadeiras. É o que também reproduz em seus relacionamentos, não revela suas necessidades, esconde-se atrás de suas reações

explosivas e não é atendida em suas necessidades reais. O contato com ela mesma parece inexistente. Vive uma ambivalência e preenche papéis, funciona por exigência, sem motivação, deprimida (desiludida).

Apresenta-se emocionalmente carente de uma atenção básica (os primeiros contatos com a mãe não foram satisfatórios). Filha de uma mulher que também não foi vista, só exigida, revive este tipo de relação — a mãe não pode dar o que não recebeu.

O pai de *H*, também se coloca como um homem que só é exigido, não é visto como pessoa em suas necessidades. Nessa situação fica identificado com a filha, não sabe como reagir às pressões da esposa, nem pode ajudar a filha. Sente-se indicado apenas para o papel de provedor e se ele não é eficiente, é atacado e humilhado.

A relação que se estabelece na família é de exigências e resultados e é como as pessoas são avaliadas — quem atende bem é valorizado, quem não atende, é atacado. Não se percebe uma relação entre pessoas, onde o individual de cada um pode ser acolhido e assim desenvolvido. O abastecimento que é feito é do que pode ser observado — o biológico, o físico, o que pode ser visto de fora.

O pai parece conhecer e estar um pouco mais próximo do eu interior e crer na realidade psíquica, mas é fraco, não tem forças para se impor e não interdita nada, nem coloca nada novo, ou quando tenta, se encontra resistência, desiste.

Observamos também em *H* a presença do conflito edípico, a presença de desejos que já poderiam ter sido superados, se a evolução seguisse seu curso. Por toda essas dificuldades no vínculo familiar, muitos desejos ficam sem interdição enquanto outros correm soltos, causando internamente um estado de aflição e incontinência. Os pais não exercem suas funções e *H* se sente só, desamparada e ameaçada pelo seu mundo interno e às vezes pela realidade externa. *H* também me pareceu uma criança que

apresenta, atualmente uma inibição intelectual; mostra-se pouco criativa, amarrada, talvez em função de descarregar todo o ódio que sente pela não compreensão sobre si mesma.

HP
(1) 3C

CARR FOUR

A B C D E
F G H I J K L M N O P Q
R S T U V W X Y Z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 ...

21

Desenho 1

Desenho 2

Caso 8

Identificação

Nome: O

Sexo: masculino

Idade: 19 anos

Escolaridade: universitário

Mãe: I

Idade: 44 anos

Escolaridade: superior

Profissão: pedagoga

Pai: R

Idade: 47 anos

Escolaridade: superior

Profissão: engenheiro

Sobre a família

Observamos nessa relação entre os pais e *O* um desencontro, como se andassem em paralelas - *O* precisa de algo e se mostra carente; os pais percebem a carência mas não sabem qual a “verdadeira demanda” (grifo nosso) e oferecem o que entendem como pedido, numa leitura mais superficial. Com isso os aspectos destrutivos de *O* vem sendo reforçados, ele vai ganhando cada vez mais espaço na família, vai dominando os pais e a família, vai ganhando uma relação sádica, tirânica - parece uma tortura recíproca, uma relação onde predomina o ódio.

Temos percebido nos pais, mais no pai, o desejo de que os filhos andem no caminho por ele considerado correto: que façam seus deveres, que não respondam aos pais, que seja afetivos, que se cuidem, etc. Por outro lado, parecem imaturos, inexperientes, carentes e têm o desejo de não repetir sua história pessoal de vida - de repressão, frustração, injustiças. Assim vão oferecendo lastro à voracidade de *O*, uma de suas características básicas, o alimentam naquilo em que ele deveria ser frustrado: o poder, a ambição, o controle, a inveja, a agressividade, aspectos que crescem pelo fermento familiar, e depois não sabem como lidar com ele, se assustam, o criticam, o atacam. Ficam na situação de pais, vítimas do caráter do filho, cujo domínio não é fácil e demandaria a presença de pais fortes, consistentes, capazes de frustrar, o que eles não são. De outro lado fica o filho, vítima do despreparo dos pais. Os pais têm muitas crenças que carregam de suas histórias individuais e de sua experiência de vida, mas que não estão sendo verificadas na realidade, então são faladas, mas fracas, inconsistentes e muitas vezes incoerentes. Ambos, tanto pai quanto a mãe, parecem ter muitos

ressentimentos de seus pais em função de suas visões pessoais do passado e pouca compreensão da vida real que tiveram.

Procedimento do Desenhos-Estórias (D-E) por O (aos doze anos) - primeira aplicação

Observação: não pudemos anexar os desenhos, só recuperamos as estórias, que julgamos significativas, e que nos permitiram estabelecer ligações com as estórias atuais.

Unidade de produção 1

Faz todos os rostos primeiro, da esquerda para a direita, depois o corpo de cada um, na mesma ordem: o pai, a mãe, dois filhos, um menino mais velho, uma menina mais nova.

É uma família de SP, que o pai trabalha o dia inteiro, a mãe meio período e os filhos vão para a escola todo dia. Eles estão assim, porque vão tirar foto de Natal, daí saíram todos juntos. Depois foram comer a ceia e abrir os presentes. Depois de abrir os presentes, eles agradeceram muito aos pais deles e foram brincar.

Título: Uma família feliz.

Unidade de produção 2

Comenta: "eu já tenho, é a minha família".

Faz todos os rostos primeiro, da esquerda para a direita, depois o corpo de cada um na mesma ordem: o pai, o menino, a mãe, a irmã mais nova, a irmã do meio.

Meu pai não é bravo, é honesto, trabalhador, paciente; minha mãe também, calma, trabalhadeira, paciente. A minha irmã é muito legal, como meu pai, minha mãe e minha outra irmã também, mas tem vezes que eles ficam chatos também. Essa minha irmã mesmo, a do meio, também é muito nervosa, qualquer coisa que eu faço ela já fica nervosa e começa a gritar: Manhê, olha o O! A minha outra irmã, a caçula, como todos também é muito legal e também muito engraçada, principalmente quando fica nervosa.

Título: Minha família.

Unidade de produção 3

Faz um filho na cama e ao lado, o pai e a irmã.

Paulo que é o menininho doente, estava muito resfriado e nem podia sair da cama... Ele pegou essa gripe... quando tomou chuva no dia anterior. Mas seus pais tinham alertado que podia ficar doente... e ele nem ligou e no dia seguinte amanheceu com todos os sintomas da gripe.

Título: A desobediência.

Inquérito

P - E o que aconteceu com ele?

O - Os pais deram remédio e ele sarou.

Unidade de produção 4

Faz as duas irmãs, ele, o pai, e a mãe. Faz o pai de mala, a mãe com a bolsa, ele, a irmã do meio e a menor juntas, brincando. Leva tempo, capricha nos detalhes.

Está é a minha família. Eu tenho duas irmãs e um pai e uma mãe. O meu pai ele é super legal como todo mundo da minha família. Meu pai gosta muito de trabalhar, consertar as coisas de casa. Minha mãe gosta de trabalhar e de cozinhar. Eu gosto de andar de skate, jogar bola, basquete, taco e todos os outros esportes. A minha irmã do meio gosta muito de dar aulinha para minha irmã menor. A minha irmã menor gosta também de brincar de bonecas.

Título: Minha família.

Síntese

O, no Procedimento de Desenhos-Estórias, nos mostra que, desde o princípio, traz sua temática principal, o que o preocupa, o perturba: sua fragilidade. No decorrer do DF-E, nos faz ver como lida com esses sentimentos, como tenta disfarçá-los para que sua identidade real não seja revelada, pois teme não ser aceito ao manifestar sentimentos de insegurança, impotência e fragilidade. Coloca-se, portanto, como superior a tudo isso quando utiliza subterfúgios para lidar com sua realidade, em que o outro é quem fica no lugar do medroso, do fraco, do enganado. Assim evita surpreender-se consigo mesmo,

com o que pensa que é. Mas vai percebendo que esses recursos já não satisfazem, que precisa substituí-los por outros menos infantis. Parece reconhecer que a solução seria libertar-se desses disfarces, assumindo sua identidade real e admitir a necessidade de ajuda para superar suas dificuldades, entre as quais angústia de castração.

Do ponto de vista familiar também observa pai, mãe, principalmente, de forma idealizada, são bons, trabalhadores, responsáveis, pacientes. Apresenta um clima bom de vivência familiar. O contato com as irmãs parece estar mais próximo da realidade - brincam, brigam, se chateiam, se gostam.

Procedimento de Desenhos - Estórias (D-E) de O (aos doze anos) - segunda aplicação

Unidade de produção 1

É um skatista... Se chama Mauro. No dia seguinte, quando acordou, estava decidido a dar um show na máfia que estava esperando na rua. Pegou o skate, abriu o portão e foi indo fazendo uma porção de manobras. Quando estava fazendo descendo a ladeira, ele viu que os amigos estavam na rampa. Os amigos de Mauro começaram a zoar com ele porque ele não conseguia saltar a rampa e quando tentou, caiu. Daí, passado algum tempo, ele teve muita força de vontade e conseguiu saltar a rampa.

Título: A força de vontade.

Inquérito

P - O que era a máfia?

O - O grupo.

Unidade de produção 2

É um caminhão de carga, de uma coisa que eu gosto, de chocolate. Quando ele tava saindo da fábrica de chocolate para levar aos supermercados, ao passar por um vilarejo, muitas pessoas vieram atrás dele. Ele parou para tomar cerveja no bar. Aí vieram pedir chocolate. Daí, como ele era um homem, ele distribuiu chocolate para todos e no fim do mês pagou com o salário dele. Daí, todo mês que passava por ali, distribuía chocolate e pagava com o salário dele. Daí deu a maior confusão, os supermercados reclamaram que o pedido chegava incompleto, faltavam coisas.

O motorista foi despedido e foi morar na vila onde ele dava o chocolate. Daí, o motorista que entrou no lugar dele também parava no vilarejo para tomar cerveja no bar o todo o pessoal da vila ia atrás pedir chocolate e o motorista que foi despedido também. Daí o motorista novo não deu chocolate para o povo, para o pessoal da vila e todo mundo xingou ele. E o motorista despedido não se arrependeu, porque ele achou que tava fazendo a coisa certa, uma coisa boa.

Título: A bondade.

Inquérito

P - E o que aconteceu com o motorista despedido?

O - O motorista despedido foi morar com a mãe dele, ajudava em casa e costurava. Tinha uns quarenta anos e morava com mais dois irmãos menores. Não se casou.

Unidade de produção 3

Paulo (da esquerda) sempre gostava de assustar todo mundo; as crianças, os tios, os avós; sempre fazendo arte. Colocava sapo na sala, rato para assustar todo mundo; fingia que tava morto. Colocava a máscara. Daí ele pôs uma máscara (o Pedro) e foi assustar o Paulo. Este não gostou. Daí ele disse que ele fazia com todo mundo, era para ele ver como era ruim.

Título: A lição.

Inquérito

P - E o que aconteceu depois?

O - Daí o Paulo parou de assustar também.

P - Porque ele fazia isso?

O - Paulo achava divertido assustar as pessoas.

Unidade de produção 4

Numa cidade do interior existia um menino muito mentiroso que se chamava Marcelo. Quando ele não tinha nada para fazer, ele entrava no quintal de sua tia, que tinha muita mata, e falava que tinha sido picado por uma cobra. Então vinha todo mundo da casa socorrê-lo e quando chegavam lá, ele começava a cantar: mentira, mentira!

Uma outra vez ele foi nadar num lago, começou a fingir que estava se afogando; daí todo mundo foi salvá-lo e aí ele começou a cantar a musiquinha de novo: mentira, mentira! Perto da casa de Marcelo existe um rio de águas limpas, bem fundo. E, num dia

ensolarado, ele resolveu ir brincar lá no rio. Quando ele estava nadando, ele sentiu no seu pé direito alguma coisa o puxando para baixo. Gritou “socorro” e ninguém atendia porque pensavam que era mais uma brincadeira, e ele morreu”.

Título: O mal da mentira.

Inquérito

P - Porque razão Marcelo mentiria?

O - Ele achava engraçado.

P - Com quem ele vivia?

O - Com sua família: pai, mãe e um irmão mais novo; ele achava que os pais davam mais atenção ao mais novo, e ele fazia isso para chamar a atenção.

Unidade de produção 5

Daniel, um menino que mora em apartamento na capital, não podia ter animais, certamente; mas um passarinho ele podia ter. Ele foi a uma loja onde vendia aves e comprou um bem-te-vi e o colocou dentro de uma gaiola bem apertada. Ele nunca cantou, sempre parecia que estava chorando. Uma vez, o pai de Daniel o chamou perto da gaiola e disse: Daniel, meu filho, olhe que judiação! Pássaro foi feito para voar e não para ficar dentro de gaiolas. Você já pensou em se colocar no lugar desse passarinho? Então Daniel disse: é mesmo, pai; vou soltá-lo agora mesmo. Então o pássaro deve ter ficado agradecido, pois vinha cantar todo dia na varanda de Daniel.

Título: A liberdade.

Síntese

Expressa sua dificuldade de auto-afirmação, sua fragilidade; que só pode ser superada com muito esforço e sofrimento. Para se defender desses sentimentos, propõe soluções onipotentes e idealizadas, aspectos estes que também estão presentes na parte gráfica, através do uso de muitas cores na execução do tema. Sente-se valorizado pelas coisas que dá, não por ele mesmo. Não se sente alguém pelo que ele próprio é. Para ser valorizado tem que dar as próprias coisas, buscando reassseguramento pessoal nisso; é uma forma de ser aceito. Desfaz-se do que tem a fim de ser valorizado.

Assustar pessoas é uma máscara usada para encobrir e disfarçar a identidade real; usa a máscara para não mostrar sua fragilidade. Fica no lugar do forte, enquanto causa no outro o medo, o susto. Se tira a máscara, pode se assustar consigo mesmo, com o que pensa que é.

Faz-se de fraco e infantil para receber vantagens afetivas. Procura dessa forma ser visto, chamar a atenção pra si; mas denota querer crescer e abandonar essa posição, talvez por perceber que esse recurso - a mentira, já não satisfaz. Quer deixar de receber as vantagens que obtém quando se apóia em subterfúgios infantis. Apresenta-se como menino castrado, que não pode ter um pênis, impedido de expressão. A identificação com a figura paterna, porém, possibilita a recuperação da identificação masculina, no momento em que aceita libertar o pássaro. No desenho, mostra que passa a ter um pênis, a ter expressão. Nesta unidade há clara menção da fantasia de cura onde, identificado com o pássaro preso, expressa o desejo de poder encontrar no psicólogo alguém que ajude a libertar-se, que lhe permita ser o que é e o desenvolver suas possibilidades.

Aplicação do T.A.T.

Prancha 1

Quando Alexandre era pequeno, seu pai Manoel gostava muito de tocar música. Ele tocava na orquestra da cidade onde morava. Seu instrumento era o violino. Alexandre adorava ver seu pai tocando violino e um dia ele pediu para seu Manoel ensinar-lhe a tocar violino. Alexandre parecia que estava aprendendo tudo mais depressa e pegava tudo com muita facilidade. Até estava parecendo que ele até já sabia tocar violino. Quando maior, depois de muito treino, ele fez um teste para entrar numa banda de praça, ele conseguiu com muita facilidade. Depois fez outro teste pra entrar para uma orquestra da cidade e novamente conseguiu. Todos os sábados ele ia tocar e ia toda sua família, mas o que Alexandre queria mesmo era fazer muito sucesso. Passado dois anos ele ficou sendo conhecido por todo mundo da sua cidade por ser o melhor violinista da orquestra.

Título: O sonho.

Inquérito

P - O que Alexandre mais queria?

O - Que todo mundo o conhecesse, ele seria mais feliz.

P - E o pai?

O - E o pai saiu da orquestra - ele foi trabalhar como pedreiro - tocava por prazer, saiu porque não tinha tempo pra treinar.

Prancha 2

Esta história aconteceu quando existia a escravidão no Brasil. Maria José, uma estudante muito esforçada, tinha em mente a libertação dos escravos, mas ela não contava para ninguém que tinha esse ideal porque tinha muito medo de seu pai. Quando adulta, Maria José organizou vários movimentos para libertação dos escravos, mas sempre fracassaram. Até que um dia chegou ao Brasil a princesa Isabel que depois de muitos acordos assinou a lei Áurea que libertou todos os escravos do Brasil. Então Maria José depois de muito velha sentia uma alegria tão grande que nunca tinha sentido antes.

Título: A escravidão.

Inquérito

P - Com quem vivia Maria José?

O - Maria José vivia com o pai, a mãe e um irmão mais novo. Ela era a dona da casa. Ela se preocupava porque eles eram iguais a todo mundo e igual a todas as pessoas. Ela escondia do pai, porque naquela época o pai tinha poder sobre tudo - a vida e a morte. Para ajudar convocava pessoas, fazia cartas ao governador.

Prancha 3

Fala da visita ao avô paterno: "Gosto dele, gosto de todo mundo igual".

Henrique que era um menino drogado, dependia muito das drogas pra viver. Como ele era um menino de rua, ele não tinha dinheiro pra comprar drogas e por isso ele começava a roubar. Cada dia que passava parecia que ele dependia de tudo das drogas, somente das drogas, e ia ficando cada vez mais triste, mais infeliz. Até que um dia passou uma pessoa bondosa e o levou para uma clínica de viciados, onde ele foi curado. Então ele viveu feliz pra sempre.

Título: O viciado.

Inquérito

P - Por que ele se drogava?

O - Ofereceram drogas a ele e ele não sabia que faziam mal.

P - E a família dele?

O - Não tinha família, ela morreu num desastre de trem. Tinha quatorze anos.

Prancha 4

Ernesto e Natália eram um casal muito feliz até mudarem para um cortiço. No cortiço, Ernesto criava muitas confusões - brigava, ficava bêbado, começava a bater nos outros. Uma vez Ernesto estava bebendo no bar e um cara o chamou pra brigar. A briga começou com empurrões e depois com socos, chutes, como uma briga de rua. Eles ficaram brigando mais ou menos uma hora. Ernesto bateu tanto na outra pessoa, que ela morreu. Natália chegou perto do seu marido e disse: vamos sair daqui, a polícia já vai chegar. Então ele fugiram e ninguém soube onde eles foram parar.

Título: A violência.

Inquérito

P - Por que mudaram para o cortiço?

O - Mudaram para o cortiço porque não tinha dinheiro. Ernesto foi despedido, arranhou encrenca no emprego. Sempre foi de briga, ele não era muito feliz. O que o estragou foi a bebida, antes brigava menos. A própria vida dele não era boa, não encontrava emprego, por causa que ninguém queria ele por causa que ele era briguento. Ficou briguento depois dos doze anos - a mãe dele morreu do coração. Ficou morando com o pai dele, não, não, com a avó materna.

Prancha 5

D. Maria era empregada doméstica que trabalhava naquela casa há mais de dez anos. Um dia ela estava na cozinha ajeitando as coisas e ouviu um monte de barulho no andar de cima. Então ela subiu correndo as escadas e foi revistar cada um dos quartos. Eram seis dormitórios e nos cinco não achou nada, só devia ser naquele sexto e o último, e quando abriu a porta viu vasos, livros, abajures, cadeiras voando pelo ar. Então ela desceu correndo e chamou sua patroa e quando sua patroa subiu para ver o que era, não estava mais acontecendo nada, e depois quando D. Maria estava fechando a porta, ela ouviu uma risada.

Título: O sobrenatural.

Inquérito

P - De quem era a risada?

O - A risada era do fantasma que fazia acontecer tudo isso. Ele só aparecia para D. Maria, pra assustar ela ou porque ela tinha capacidade de ver. Nunca tinha acontecido isso antes. A dona da casa achou achou tudo isso maluquice.

P - Quantos anos tinha D. Maria?

O - D. Maria tinha uns trinta a trinta e cinco anos.

P - De quem era o sexto quarto?

O - O sexto quarto era da filha da dona da casa que tinha morrido, ninguém soube, uma morte esquisita. Era a filha do meio, elas eram três, todas mulheres. Depois que ela morreu, o quarto ficou de lembrança.

Prancha 6

Joaquim que era um jovem de mais ou menos vinte e seis anos, conheceu e se apaixonou por uma jovem que tinha vinte e três anos. Eles começaram a namorar e ficaram só no namoro um ano e meio. Depois Joaquim a pediu em noivado. Uma coisa que esses dois jovens não sabiam é que suas famílias eram inimigas. Essa história tava parecendo Romeu e Julieta. Como as famílias não aprovaram o noivado, eles resolveram fugir e se casar numa cidadezinha bem pequena do interior.

Título: O namoro proibido.

Inquérito

P - Por que as famílias eram inimigas?

O - As famílias - pai do Joaquim e da noiva eram inimigos porque tinham muita concorrência no comércio. Depois que eles casaram, as famílias puseram polícia atrás deles, mas eles não foram encontrados. Daí eles escreveram aos pais. Aí bem velhos (cinquenta anos) eles voltaram.

Apresento a prancha 7. Ele demora mais que as outras, "tá difícil...?", e diz: "Dá pra trocar, depois eu faço essa". Passa então para a prancha 8.

Prancha 8

Seu Raimundo, que era uma pessoa de muito destaque, era muito "poderoso" falou para seu chofer para o levar a um restaurante. O chofer foi pegar a limusine na garagem. Então Seu Raimundo mandou seguir. Quando chegou no restaurante mandou o motorista ir pra casa que depois ia pegar um táxi. Passou uma noite, ele não tinha aparecido, a família estava ficando preocupada. Chegou a segunda noite e nada do Seu Raimundo. Chamaram a polícia para procurar, foram ao restaurante. Ninguém achava, já tinha passado uma semana, a família já não tinha esperança de vê-lo. Passaram-se anos e nada de Seu Raimundo, ele nunca mais apareceu. Mas um certo dia, dezessete anos depois, ele foi encontrado morto num caixão de metal num riacho. Ele havia sido esfaqueado. Seu Raimundo tinha muitas indústrias, muito dinheiro.

Título: Quem matou Seu Raimundo?

Prancha 9

Por volta de 1850, os professores de medicina pegavam cadáveres pra mostrar a parte teórica que eles ensinavam. Às vezes eles até matavam pra conseguir o cadáver, mas uma vez quando eles estavam envenenando uma pessoa, um menino de quinze anos viu um dos assistentes do médico pôr veneno na sua bebida. Então esse menino denunciou à polícia e o médico e seus assistentes foram condenados à prisão perpétua.

Título: O terror do médico Jacov.

Inquérito

P - Por que estavam envenenando uma pessoa?

O - Os médicos não tinham material para demonstrar a parte prática.

P - O que os médicos achavam da prisão?

O - Eles pensaram que a prisão era injusta.

P - Quem eles escolhiam, esses médicos?

O - Cadáveres, pessoas entre trinta e quarenta anos sadias, podia ser homem ou mulher.

Prancha 10

John, que era americano, feliz, ao completar dezoito anos foi pro exército e por infelicidade foi para a guerra e aprendeu a matar e não ter piedade de seus inimigos. Ele tinha até perdido as contas de quantas pessoas já tinha matado. John, quando voltou da guerra, conta que aquilo era a coisa mais feia que podia existir na terra - soldados

americanos sendo capturados e torturados, muito desespero, parecia um inferno. John teve que ser recuperado, pra se recuperar dos efeitos que a guerra fez sobre ele num sanatório.

Título: Um homem bom que aprendeu a matar

Inquérito

P - O aconteceu depois?

O - Saiu do sanatório e foi pra casa e ficou bom.

Prancha 7

Quero fazer a sete agora, antes disso, só que eu vou fazer cortinha. Faltam quantas? Só essa?

Paulo e Alessandra eram amigos desde a infância, cresceram juntos e quando ficaram jovens começaram a namorar. Depois se casaram e tiveram um filho, mas no dia do parto... (vou colocar só assim). O parto teve muito sucesso mas parecia que a criança tinha um problema muito sério no coração e que poderia morrer. Tinha uma hemorragia interna no coração e que não cicatrizava. Então o pai foi lá e começou a consolar Alessandra, que estava muito triste e foi conversar com Paulo, dizer que tudo ia acabar bem. E no fim de tudo nada aconteceu mesmo - a criança se curou e se tornou uma criança normal.

Título: A esperança.

Análise comparativa do DF-E de O (primeira e segunda aplicações)

Como já mencionamos anteriormente, estamos analisando comparativamente o material de que dispomos. Estando de posse das histórias da primeira aplicação do DF-E faremos algumas apreciações sobre as mudanças.

Ressaltamos como básico a ampliação da consciência de que existe um eu interior que precisa de ajuda, e que existe um mundo externo que também não pode ser negado. A descoberta dos dois mundos é um ponto crucial para a dedicação ao cuidado pessoal e a descoberta do outro.

A negação da realidade observada, pelo ataque ao que vê e não suporta (primeira aplicação), fez-lhe negar-se e aos seus sentimentos e mobilizou uma culpa destrutiva. Voltando-se contra ele e o ambiente familiar, esta culpa foi cada vez mais minando seus recursos internos para lidar com seus próprios impulsos; pelos ataques externos (a atuação) foi se colocando cada vez mais mal visto pela família, é motivo de zombaria e agressões. Nesse círculo neurótico de troca de ódio, sua auto-estima fica a zero.

Na segunda aplicação, no entanto, apesar de ainda manifestar sua fraqueza ao deparar-se com o que não gosta em si e no outro, apesar de ainda deixar-se influenciar pelo seu ódio, já consegue preservar certas percepções de si e da realidade externa. Constata sua depressão e a depressão dos pais, mas dá como saída a separação dos pais (separação concreta, física), embora coloca a importância de cuidar dele mesmo. Pode ver a figura paterna mais inteira, em seus aspectos bons e maus, provavelmente porque também já se vê mais assim. Não é o menino herói do passado, mas um rapaz que reconhece sua voracidade, sua "fome" de tudo e sua dificuldade de discriminar o que é

bom para si mesmo. Além disso leva em conta que esse seu modo de ser traz problemas para toda a família. Percebe também que à medida que cresce e se separa da mãe, esta vai ficando mais sozinha, talvez tenha sido sua companhia nestes anos, aquele que a faz funcionar e sentir-se útil. Provavelmente é desta ligação que está preso há anos e da qual só pode sair com a ajuda e aproximação do pai.

Sobre a família - antes

Observamos em *O* algumas características pessoais ainda não suficientemente trabalhadas, que se mantêm até hoje como a voracidade, a destrutividade, sua tendência impulsiva. Apresenta-se como um jovem vítima de um pai severo e incompreensivo, apoiado pela mãe, sem poder admitir qualquer participação sua nesse conflito de relações. Usa a família, especialmente o pai, para justificar suas descargas e atuações freqüentes, quase diárias (numa semana de oito dias, em dois fica sóbrio). Coloca-se na defensiva constantemente, mostrando sua falta de recursos para conter-se e conseqüente dificuldade de contato com a realidade.

Aquilo que lhe dizia respeito diretamente estava tocando mal: descuidado e negligente com a escola, com seus objetos pessoais que destruía, dava ou perdia. Suas crises de agressividade eram freqüentes, algumas bastante perigosas, pois lhe causavam danos físicos.

A família mostrava seu desespero, apreensão, desgaste e muita raiva por tudo o que estava acontecendo e colocava-se como ele, vítima desse filho louco e irresponsável. A troca de mágoas e ressentimentos era intensa e recíproca. A aproximação era sempre primitiva, de ataques e recriminações de ambas as partes, que se por um lado de nada

adiantavam para tratar das situações, de outro lado mantinham esse estado de coisas, todos punham lenha pra queimar e o fogo ardia alto.

Percebemos que nossa indicação de doze anos atrás, que poderia ter sido preventiva do estado atual, agora se fazia premente, talvez a única esperança da família que se entregava ao processo, não sem muita resistência explícita por parte dos pais e irmãs. Havia maior aceitação por parte da mãe e de *O*. O modo de pensar de todos, no entanto, era já uma resistência implícita ao tratamento, todos vinham, mas para *O* eu deveria tratar seus pais (mais o pai), deprimidos, fora da realidade, enquanto que para os pais eu deveria tratar *O*, um delinqüente atuador fazendo desgraças.

Sobre a família - depois

Notávamos, desde o princípio nesta família, uma comunicação bastante agressiva, uma linguagem depreciativa, destrutiva, caíam como flechas no peito, algumas dirigidas só a *O* e outras repartidas entre as irmãs e o pai. A mãe, ali diante de nós, mostrava-se controlada e ficava mais tentando acalmá-los e indicar novos caminhos, mas não era ouvida, embora revelasse que às vezes também se descontrolava.

Era difícil estar com a família - ora nos sentíamos no meio da destrutividade, fogo cruzado como na guerra, os ataques vinham de todo lado, a própria defesa era o ataque, ora numa profunda depressão, o vazio, o fundo do poço. Uma família de expressão intensa em cada um dos pólos. As pessoas sentiam-se ameaçadas e se defendiam desse sentimento.

A ameaça parecia ser de morte, desintegração, da confusão total. A situação estava totalmente fora de controle. Os pais fracos, incapazes de lidar com a situação, as

filhas pedindo desesperadamente que eles fizessem algo para conter a situação, apontavam para sua fragilidade e falta de autoridade perante *O* e a família.

Estavam assim - pais desacreditados, sem condições de liderança, os filhos onipotentes, tentando governar na inexperiência e no desespero - alguém tinha que fazer alguma coisa.

Nossos primeiros contatos com a família foram mais para acolher todo esse sofrimento e agressividade, para ir aos poucos construindo um espaço novo onde encontrar-se não fosse tão catastrófico e tão destrutivo, que favorecesse o surgimento das pessoas que existiam por trás das máscaras.

Embora toda a ênfase dos problemas fossem colocados em *O*, sua irmã mais próxima (a do meio), também vinha fazendo várias atuações, estava com problemas sérios de conduta na escola e preocupava muito os pais.

Reflexões sobre o trabalho

Observamos na história individual dos pais de *O*, uma vida pessoal difícil para cada um. Parecem pessoas que não foram descobertas por seus pais e por isso tratadas como outras. O pai sentia-se maltratado pela mãe, figura rude, austera e violenta, como um menino mau, portanto não visto no seu lado bom, e ignorado pelo pai, que não o protegia. A mãe, única mulher da casa, teve que crescer rápido para ajudar a família, pois os conflitos de seus pais levaram a mãe a mudar de casa, deixando a ela como a mulher que cuidaria da casa paterna (pai, irmãos e tio doente). Também foi exigida em coisas que ainda não tinha desenvolvidas, o que a sobrecarregou.

A falta de amor e atenção de que falam em suas vidas tem interferido muito na forma de educar seus filhos. Ambos queriam dar a eles todo o amor, um clima de paz, harmonia e a união dos pais (o que também perceberam como falta no passado).

Sua tendência sempre foi a superproteção e o mimo às crianças quando pequenas. A falta de contato com as personalidades individuais de seus filhos e o apego a pré-concepções e pactos que os fariam pais melhores do que os seus, os fez tratar todos por um (o filho idealizado dos pais idealizados) e não ajudar os filhos a lidar consigo mesmos. A tendência voraz de *O*, sua ambição, sua agressividade não foram contidas e resultado é sua inadequação atual, que hoje é muito mais difícil de ser contida, as atuações são mais graves, perigosas e representam perigo de vida.

Esse trabalho com a família vem sendo desenvolvido há dez meses, e apresenta na atualidade várias mudanças, sendo a principal a ampliação da visão de si e do mundo, uma visão mais integrada, onde já se pode ver e aparecer o bom de cada um e do outro. O foco que estava sobre *O* distribui-se para os demais elementos da família e cada um pode ir se percebendo.

As tendências à polarização, à radicalização e projeção ainda permanecem, mas são mais percebidas e podem ser tratadas mais diretamente. É como se já se pegassem fazendo, é possível suportar a consciência de si em alguns aspectos.

Os pais estão mais atentos às suas funções, vivendo mais o presente, portanto há uma aproximação entre os atos dos filhos e sua participação - só dão o que podem, frustram quando preciso, estão mais consistentes, mais fortalecidos.

Como o clima de ódio inicial foi acolhido, contido e interpretado, permitiu a entrada de novas e boas experiências por parte de todos. Entre eles citamos a entrada de *O* na faculdade, a iniciação dele no trabalho, a redução significativa de suas atuações, que

hoje têm a proporção inversa: seis dias sóbrio, em geral. Há semanas em que nem bebe, nem se droga e está começando a ter algum prazer nas experiências rotineiras. Sua aparência melhorou, proporcional ao aparecimento do interesse de cuidar-se. Destaca-se também a possibilidade do pai, em alguns momentos poder aproximar-se do filho mais amistosamente, já que o parabeniza e conseguiu ajudá-lo a comprar um carro, reconhece o esforço de *O*. Está se esforçando, pois já aceita seus modos rudes e sua intensa raiva, tenta não despejá-la em cima dos demais da família e usá-la para expressar seu desapontamento. A mãe tem procurado se interpor menos entre o pai e o filho, já consegue às vezes não mediar, parece estar começando a acreditar que eles não se matarão de tanta raiva que um tem do outro, pois já está podendo perceber outra forma de aproximação, um pouco mais amorosa.

Percebemos os pais mais coerentes e consistentes, comprometidos com suas palavras e atos, mais separados do passado, mais capazes de suportar suas frustrações e portanto, de frustrar os filhos. Estão começando a exercer suas funções de pai e mãe, os filhos reagem mas se sentem mais amparados e seguros (vide DF-E de *O*).

DE(1)

D.E (2)

DE (3)

DE(4)

D.E (5)
de 0

DF-E
20.4

3

1

2

Caso 9

Identificação

Nome: P

Sexo: masculino

Idade: 9 anos

Escolaridade: 4ª série do 1º grau

Mãe: S

Idade: 38 anos

Profissão: do lar

Escolaridade: superior

Pai: L

Idade: 43 anos

Escolaridade: superior

Profissão: empresário

Procedimento de Desenhos de Família com Estória (DF-E) pelo irmão mais velho - Y

Observação: Este material (DF-E) foi aplicado a todos da família em virtude ao marcar uma entrevista com *P*, a mãe ter mandado o mais velho. Percebi imediatamente a confusão da mãe, mas preferi não apontá-la e seguir nas observações, que muito me ajudaram nas conclusões do caso e no encaminhamento.

(Pedi para vir o *P*, a mãe me manda *Y*. Achei melhor atender e procurar observar melhor. Pensei que a mãe se sentiria perseguida se eu, de pronto, lhe revelasse sua confusão)

Unidade de produção 1

Antes de fazer o desenho, *Y* me conta da briga séria que teve com o irmão (*P*) e fala que tem que ficar sem falar com ele para ele aprender.

Pai, filho, mãe, filha mais velha

É uma família normal que de vez em quando tem seus problemas e resolvem seus problemas, sem problemas. São bem amigos, gostam de ficar junto em casa. No final de semana viajam, vão para o sítio e gostam de ficar juntos.

Título: O jantar de família

Inquérito:

P - Normal? Como assim?

Y - Familiares, normais - tem ciúme, pouco dinheiro, problemas com o filho, com a escola.

P - Como resolvem?

Y - Eles se colocam no lugar do outro e vêm pelo outro lado.

P - E o casal?

Y - Vive bem, são bem amigos.

Unidade de produção 2

Filha do meio, mãe, pai - um dos filhos (mais velho), o outro filho (caçula)

A filha brincando de boneca e o caçula brincando de carrinho (diferença de mais ou menos dois anos - treze - onze - nove). Estão num sábado de manhã, umas dez horas, em casa brincando no jardim. Tava tudo bem, as mulheres gostam de brincar e o pai e o filhos brincam juntos, passeiam juntos. O casal vive bem, mas cada um fica com as pessoas do mesmo sexo, a mãe fica com a filha, o marido brinca com os meninos.

Título: Sábado feliz.

Inquérito

P - Como estão os filhos?

Y - Os filhos tão bem, fazem o que querem, são felizes.

Unidade de produção 3

Filha, pai, mãe, filho, filho

A filha tá triste e o pai tá tentando ajudá-la. Ela brigou com uma amiga. O pai tá tentando ajudar a filha para fazer que todos brinquem e continue tudo bem. Os demais estão olhando para ver se conseguem fazer a filha feliz.

Título: A briga com a amiga.

Inquérito

P - Por que brigaram?

Y - A irmã e amiga ficaram sem falar por causa de um desentendimento.

P - E como vai resolver essa situação?

Y - Fazendo a filha voltar a ser amiga da amiga, que tudo volte ao normal.

P - O pai é que ajuda a filha?

Y - Na maioria das vezes, a mãe se aproxima, mas nessa vez foi o pai.

Unidade de produção 4

Mãe, filha, pai, filho mais velho, filho mais novo.

É um sábado de manhã - mesmo dia e a mesma hora. Cada um tá fazendo o que quer: mãe vê TV, filha fala no telefone, pai tá trabalhando, o mais velho tá jogando bola e o mais novo tá brincando de carrinho. Eles ficam felizes consigo mesmos, mas em

relação à família não se sentem felizes, não são unidos. Teria que ser como no outro desenho.

Título: Sábado normal.

Inquérito

P - Como assim?

Y - Cada um poderia pensar o que o outro queria fazer e fazer com outro. O pai pensar - meu filho tá jogando futebol sozinho, então vou lá jogar com ele. Todos deviam fazer isso. É mais ou menos um dia de sábado da família. As atividades podem não ser as mesmas, mas é mais ou menos assim em casa.

Procedimento de Desenhos de Família com Estória (DF-E) pela irmã - X

Unidade de produção 1

Mãe, filho mais velho, filha, filho mais novo, pai

O que o casal sente não posso dizer porque não tô na pele deles. Tem duas pessoas que tão mais ou menos, duas que tão bem e uma que tá mal. Eles vivem bem por causa da alegria que cada um passa para o outro.

Título: Minha família.

Inquérito

P - Quem são as pessoas que estão mais ou menos?

X - A mãe e o meu irmão mais novo estão mais ou menos, a mãe também sofre e ele é muito preocupado.

P - Quem está bem?

X - O meu irmão mais velho e eu são os que estão bem, tentam esquecer para viver bem.

P - Quem está mal?

X - O pai está pior por causa desse problema que ele tá vivendo, esse negócio com meu vô - meu vô quer passar todas as ações para o irmão e ele sempre trabalhou lá. Eu acho que essa situação só depende do meu vô.

Unidade de produção 2

Pai, mãe, irmão mais velho, eu, irmão mais novo e o resto da minha família dos dois lados - as tias, os tios, avós, primos

Essa família não teria mais problema, taria todo mundo feliz de novo, pela volta de todos, a união.

Título: A família unida.

Inquérito

P - Onde eles estão?

X - Eles estão conversando na casa de alguém da família - poderia ser a minha casa. As visitas serão: avós, tios, tias; era quase uma festa, tava comemorando a união de todos.

Unidade de produção 3

Mãe, irmão mais velho, eu, irmão mais velho

Na outra casa o meu pai, que é a pessoa que não tá bem. Sempre que ele fica nervoso, vai pro hotel pra ver se ele esquece os problemas. A família fica triste, daí cada um vai pro seu quarto e ficam pensando - se ele vai voltar, se vai melhorar.

Título: A desunião.

Inquérito

P - Como o pai reage quando fica nervoso?

X - Quando o pai nervoso - ele pega o carro e vai, não fala se vai voltar, não telefona. Em casa tem pessoas que sabem se ele tá nervoso, pela cara dele (a mãe, o irmão mais velho e eu). Ele fica mais sério, mais quieto, só o mais novo, não sabe, tem que explicar para ele.

P - Isso já aconteceu muitas vezes?

X - Ele só saiu dois vezes que eu me lembro, antes da gente começar vir aqui. Agora ele fica nervoso, não sai e vai deitar.

P - Qual seria a forma dessas coisas melhorarem?

X - A união é a única coisa que pode trazer a felicidade na família, é esse pai ficar em casa e todos o ajudarem.

Unidade de produção 4

Esquerda superior - mãe quando fica brava vai pra casa da minha avó

Esquerda inferior - pai

Gustavo superior - ou se tranca no quarto ou vai pra casa de um amigo

Guilherme inferior - ou se tranca no quarto

Eu fico no meio, não tenho saída, fico tentando fazer todos voltarem, tentando ajudar. O meu irmão mais velho, eu juntei ele a mim. Com o *P*, meu pai, minha mãe, eu tô tentando. Com minha mãe eu já consegui um pouco. Na hora da braveza todos são assim. (*P* - E você?) Eu também vou um pouco pro quarto, aí eu esqueço e volto. O meu irmão mais velho também é um pouco assim. Meu pai, minha mãe e o Gustavo tenta esquecer, mas não consegue.

Título: A reconciliação.

Inquérito

P - O que ajudaria a família?

X - O que ajudaria seria a união, tentando acalmar cada um primeiro, depois juntar. Todos tão interessados nisso, mas não tão conseguindo um jeito de unir.

P - Como era antes?

X - Antes - todos eram unidos, menos eu e o mais velho. Antes brigávamos por tudo quase, daí eu consegui um jeito de me unir a ele. Daí quando eu consegui isso, todo mundo se uniu. Teve uma época que todos eram amigos - há uns quatro anos.

P - Quem mudou para melhor?

X - Eu e o mais velho, mais ele, está vendo mais profundo. Nós vemos parecido.

P - Quem mudou para pior?

X - P hoje é mais nervoso, antes era mais calmo.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) por P

Unidade de produção 1

Pai, mãe, irmão (vinte e um), irmã (dezenove), irmã (quinze), irmão (dez)

Um irmão leva o outro para passear, a irmã mais velha leva a outra, e a mãe fica resolvendo problemas de casa e o pai trabalhando. É um fim de semana. Todos se dão bem. Eles gostam de nadar juntos. Estão se sentindo bem.

Título: O fim de semana.

Unidade de produção 2

Pai tá fazendo churrasco, eu e irmão mais velho jogando bola, e o pequeno brincando de carrinho e a irmã que tá nadando com a outra irmã. Ah! faltou a mãe (e a

desenha logo abaixo), ela tá almoçando. É um fim de semana e eles estão no jardim. Todos bem, orgulhosos da família, porque todo mundo faz tudo junto.

Título: O dia do churrasco.

Unidade de produção 3

Pai, mãe, filho

O filho não tá bem, ele tá com um problema, ele foi assaltado - ele tava andando, chegou uma pessoa e pegou o relógio dele. Depois ele foi pra casa. Ele tava se sentindo ruim, chegou e contou pra mãe. Ele tava sentindo medo. A mãe falou pra ele não se preocupar muito. Ele tava numa rua deserta, ele tava atravessando a rua, vinha da casa dele para a papelaria.

Título: A preocupação.

Inquérito

P - O que ele vai fazer?

Ele - Não vai mais por aquela rua.

P - E o pai? O que disse?

Ele - O pai falou que isso acontece. O filho vai esquecer e vai ficar tudo bem.

Unidade de produção 4

Pai, mãe, irmão, irmã, irmão

Tão se sentindo não muito bem, eles têm problema. O problema é que a mãe quer ir embora para Araraquara passar uns dias, e daí não tem quem cuide da casa. Todos ficam preocupados por que ela não tá feliz, e os outros também não estão felizes, meio felizes. Por causa que o filho tocou num assunto que a mãe não gostava. Daí a filha também falou que é obrigação da mãe. E eu acho que se ela ficar uns dias faz bem, para aliviar a cabeça, aí ela volta contente. Vai ser bom pra ela, mas pra mim não tão bom.

Título: O problema.

Inquérito

P - O que poderia ser feito para que a família vivesse bem?

Ele - Um não reclamar do outro.

Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) pelo pai

Unidade de produção 1

Eu, filho mais velho, o mais novo, filha do meio, mãe

Aqui tão unidos, eu pensei em fazer os pais dando a mão para os filhos, mas eu queria que o mais velho e o mais novo estivessem perto e pus assim. Eles estão bem... Eu desenhei a casa e o mundo e a família. Eu tô achando que eles não estão preparados pra fora de casa, pelo relacionamento deles (principalmente os homens) com terceiros.

Eu acho que eles deveriam ter mais liberdade, devíamos deixar ele verem mais sozinhos. Eles têm um pouco de medo do mundo de fora.

Título: Família e o mundo (sei lá).

Unidade de produção 2

Eu mais próximo da minha mulher. Os três filhos juntos e a gente junto, olhando para os três, dando a mesma coisa pros filhos. Pensei num dia de semana, num dia à tarde. Estaríamos passando um círculo de amizade maior, o pai dispendendo mais tempo pra família, ao invés de estar a semana inteira fora. Que os meninos soubessem partilhar o mesmo brinquedo, respeitando o momento de cada um, que nunca teve.

Título: O bem estar, o convívio, uma forma boa de estar junto.

Unidade de produção 3

pai

mãe

filha

filho mais velho

filho mais novo

A do meio - é a única que tá bem porque assimila bem a confusão minha e da mãe, um pouco mais compreensiva e está bem dentro de casa e fora. Eu e minha mulher não estamos bem, estamos com problemas dentro de casa, que eu acho que são pequenos, como levar tudo muito a sério, não pode sair muito do trilho, é um pretexto para iniciar uma discussão. A gente fica até com medo de errar, um clima de muita falta

de liberdade. E acho que isso também é com as crianças, eles também ficam pouco à vontade, os pais é que não permitem a experiência, que eles pensem o que querem, o que são.

Fora a casa, temos um problema com as famílias, a gente dá palpite e é mal interpretado e vice-versa, isto também é motivo de conflito, a gente leva pra dentro essas discussões. Os meninos sentem esse problema de casa, o mais velho toma partido, apóia mais o pai e acaba perdendo com isso, e nem sempre o apoio é justo e eles não falam sobre isso e o mais novo quer conciliar o casal - ambos ocupados com os pais.

A perspectiva é que possamos ver juntos, saber ouvir o outro e procurar a razão. Os meninos estão com problemas fora de casa, principalmente o mais velho com as contestações e o mais novo com a gagueira, que ele sofre muito fora de casa.

Título: É difícil o entendimento.

Unidade de produção 4

Pai, mãe, filho mais velho, filha do meio, filho mais novo

Minha família de novo, cada um fazendo o que gosta - o mais novo com a bola, a menina conversando, o mais velho com as ferramentas, a mulher com sua pintura, e eu ouvindo música. Estamos juntos em casa. Cada um gosta de um país. Aqui é um navio e um avião que é possível a todo mundo ir pros lugares, fazer o que gosta, poder falar e ser aceito. Tá todo mundo com um sorriso, feliz.

Título: Felicidade.

Procedimento de Desenhos de Família com Estória (DF-E) pela mãe

Unidade de produção 1

Um filho mais velho que brinca sozinho, mãe e o pai olhando as crianças brincando, os outros dois jogando bola.

Estão num jardim, num sábado à tarde, num domingo, num final de semana. A família tá começando a se sentir uma família, o único que tá resistindo à família é o mais velho.

Título: Minha família.

Unidade de produção 2

Eu, o meu marido mais próximo de mim, as crianças com vários amigos, a minha casa cheia, uma coisa que quase nunca fazem. O mais velho desde pequeno gostava de ir e voltar pro quarto dele, quando está com amigo, fica enjoado ou enciumado, talvez pelo pai dar atenção e cansa de fazer o que o outro quer. A filha gosta, mas sempre quer ser a figura principal, apesar de, às vezes, até permitir a outros, é a mais sociável. O mais novo fica na dependência de eu ligar, mas gosta que os amigos venham.

Título: A família que eu gostaria de ter.

Unidade de produção 3

Eu, as três crianças e o marido

Eu acho que o marido não está bem, e de certa forma nós todos estamos preocupados com ele, eu e as crianças. Eu acho que agora a audiência já foi marcada para julho. Antes ele saía cedo pro trabalho, agora não, antes era mais ativo, está se acomodando e não era isso que ele queria. Isso afeta, porque se o marido tá triste, você fica na sua. Quando ele chegava alegre mudava o clima, o ambiente. O pai dele e ele estão separados, a raiva vai diminuindo, mas ficou uma distância (o pai disse para ele: "Por infelicidade tenho você como filho"). Eu temo que sobre alguma doença com ele. Nós temos problemas lá em casa, mas esse no momento é o maior problema.

Título: Meu marido.

Inquérito

P - Você parece preocupada com seu marido...

Ela - Ele estando bem as crianças mudam, ele funciona como o elo emocional de todos nós; eu sou o elo do cuidado da casa, da saúde.

Unidade de produção 4

A minha família saiu de férias, saíram todos, os pais estão na frente, os filhos tão aqui. Saíram meio sem rumo, pegaram a estrada. Acho que eles tão bem, tão alegres, mais maduros, tiraram até férias da terapeuta.

Título: Férias.

Análise dos DF-E

A família parece muito apoiada no pai, que segundo a mãe representa o equilíbrio emocional. Na medida em que ele entrou numa crise pessoal, de uns anos para cá, a situação dele individual piorou e a do grupo mais ainda. A desestabilização foi revelando todos e criando vários conflitos, que todos são unânimes em dizer que se resolvem ou cada um por si, na sua, ou todos por um, a união é que salva. Ao depararem-se com a situação real da família, todos ficam muito aflitos.

O pai parece muito ligado à família de origem, especialmente ao pai e agora, tendo que lidar com a ruptura desse vínculo, se desespera e usa os filhos e a mulher como ajuda. *P* é a criança que nasce e cresce mais com esse pai atual revelado e apresenta sinais mais fortes de ansiedade; talvez isso o faça tão ligado à mãe, sua figura de apoio. Para o filho mais velho permanece a imagem do pai do passado, o gratificador-herói que resolve os problemas.

A filha do meio, talvez pela sua própria história de vida, tendo que aprender a conviver um pouco mais com seu sofrimento percebe a todos e os vê a cada um infelizes. De alguma forma também nega sua parte.

Ao final, observa-se que cada um vê o outro, mas não se vê, todos estão voltados para fora, ficam vomitando soluções para os problemas dos outros, mas não sabem o que fazer com os seus. É um jogo de empurra, todos têm medo, estão tensos, apavorados, como se o barco estivesse afundando, é preciso que todos remem, mas um espera pelo outro, não se faz nada.

Sobre a família (ao chegar)

É uma família que se mostra bem educada, compreensiva, amiga, mas ressalta aos olhos o controle pela fala, postura e conteúdo exposto. Vem por causa de *P*, de sua tensão, gagueira, mas aos poucos tudo vai tomando uma nova forma, o trabalho se encaminha diferente: todos ficam. O pai até diz, em casa todos têm o mesmo problema, eu fui gago, o mais velho também, a menina tem problemas...

Como diz *P* em uma de suas histórias, "todos reclamam, mas ninguém faz nada". A família estava toda voltada para o pai, que no momento passa por problemas emocionais, cuidando dele como se ele fosse um bebê desamparado e em colapso. Até aqui a vida parecia ir bem porque havia conforto, a satisfação das necessidades materiais, estéticas, físicas, que estavam sendo garantidas por esse pai.

A família já tinha tido o primeiro abalo no nascimento da filha, que nasceu com fissura labial. Os pais, especialmente a mãe, se assustaram muito. Ela ficou muito abalada, demorou para aceitar. Foi um período de revolta e descrença na vida. Isso já alterou bem o relacionamento e a felicidade do casal (ferida narcísica). Os sentimentos de indignação, agressividade começaram a aparecer, as acusações emergiam sutilmente, houve o fechamento. A rejeição da mãe para esta menina foi intensa, mas aos poucos elaborada, o pai grudou-se no filho mais velho, não soube o que fazer e é onde está agora.

É uma família bem narcísica, que a duras penas e por situações muito difíceis, teve que começar a lidar com fortes frustrações e a sensação de vazio - tinham tudo e agora nada. Ao nascer *P*, um menino bonito e saudável, a mãe se vincula a ele. Ficam assim divididos em pares e no meio fica a menina. É assim que se apresentam.

O momento que nos procuram é de caos, muita aflição, quem ajuda muito é a menina que nasceu desprivilegiada, mas que até por isso desenvolveu uma força interior que ajuda a família, coloca um pouco de esperança.

Há uma total falta de preparo dos pais, faltas internas em cada um, vazios e mágoas, ele não se sentem vistos pelos seus próprios pais, são ressentidos e não podem ver as crianças solitárias, à mercê de suas emoções. Agem como crianças - quando um filho faz alguma coisa que eles não gostam, ficam "de mal", não conversam e responsabilizam-nos pela sua tristeza e mal humor.

Como já foi colocado anteriormente e até explicitado pela mãe, há muitas discordâncias na forma de educar, que coloca o casal em freqüentes conflitos. É hábito deles também atribuírem aos filhos a causa deles, explicitamente. Os filhos aqui são tudo - fonte de satisfação e desprazer. Os pais disputam a liderança junto aos filhos e o poder de estar à frente, estão sempre pedindo aos filhos uma posição, ora a favor de um, ora do outro.

Quando começamos o trabalho de avaliação, os irmãos estavam sem se falar, tinham tido uma briga e isto incomodava muito aos pais, que propagam e defendem a harmonia, amizade, solidariedade e compreensão. Não conseguem admitir raiva, atrito, desencontro entre irmãos, embora revelem em sua histórias de vida suas dificuldades de relacionamento com os respectivos irmãos.

A grande luta da família, nos pareceu desde o princípio uma luta pelas aparências - a da família feliz, amorosa, adequada e não pela felicidade pessoal, autêntica de cada um.

Aplicação do C.A.T.

Prancha 1

Os pintinhos tavam com fome, daí a mãe deu comida, daí eles comeram bem e a mãe galinha ficou satisfeita.

Título: O almoço.

Inquérito

P - E depois?

Ele - Vão escovar os dentes e depois vão brincar.

P - Quem vive aí?

Ele - Os pintinhos, a galinha e o galo, que está trabalhando. É uma família que vive bem.

Prancha 2

Os 3 lobos estavam se divertindo de cabo de guerra (... olha fixamente). A brincadeira vai terminar empatando. De um lado é um lobo e do outro dois lobos, eles são amigos.

Título: O cabo de guerra.

Prancha 3

Um leão muito cansado, pois ele fica sentado olhando o tempo passar, até que ele descanse.

Título: O descanso.

Inquérito

P - Porque cansado?

Ele - Ele andou muito na praça porque ele tinha que emagrecer.

P - E depois?

Ele - Ele vai dormir.

P - E quando acordar?

Ele - Ele vai assistir TV.

Prancha 4

A mamãe hiena foi com seus dois filhos buscar comida para comer. Quando chega onde comprar, eles encontram o que iam comprar e eles voltam.

Título: O passeio.

Inquérito

Compraram: leite, iogurte e suco.

As crianças gostavam de ir com a mãe, eles compraram o que gostava.

Prancha 5

Enquanto estava noite, o bebê dorme com os pais e quando acorda ele vai tomar café, e na próxima noite ele dorme de novo.

Título: O sonho.

Inquérito

P - Como era o sono do bebê?

P - Às vezes ele acordava à noite e pensava no dia seguinte.

P - Por que o bebê com os pais?

P - Porque ele era bebê, fica mais perto, quando a criança chora a mãe vai mais rápido.

Prancha 6

Enquanto os pais dormem, o filho fica olhando o tempo passar... e quando os pais acordam, ele dorme e eles ficam olhando o tempo passar.

Título: A família urso.

Prancha 7

O tigre vai caçar a sua comida, e quando sai de casa, ele vê um macaco. Ele vai pegá-lo para comer e o macaco se defende, até que o tigre pegue ele. Daí o tigre pega o macaco e leva embora, e o tigre vai comer ele.

Título: A caçada.

Prancha 8

A família macaco convidou sua família para ir na festa enquanto a mãe fala pro filho ir ver se está pronto o bolo. Enquanto a visita fica conversando.

Título: O jantar.

Inquérito

P - Quem foi convidada?

P - A família toda.

P - Que festa?

P - Aniversário da mãe.

P - De que conversavam?

P - De notícias.

Prancha 9

Quando está de noite, o coelho dorme, até que acorda e fica na cama, só.

Título: A noite.

Inquérito

P - O coelho é grande ou pequeno?

P - O coelho é grande, dorme com o filho, ele é o pai.

P - Fica na cama fazendo o que?

P - Dormindo e depois que ele acorda, ele sonha o que aconteceu no mês.

P - Como ele se sente?

P - Ele está se sentindo bem.

Prancha 10

A mãe cachorra pede para o filho ir escovar os dentes para depois assistir o jornal com ela. Só.

Título: O dia.

Inquérito

P - Onde estão?

P - Estão na casa, na sala.

P - E a mãe?

P - A mãe está com ele no colo e ele vai sozinho escovar os dentes.

Sobre a criança - o menino de olho no mundo (ao chegar)

P apresenta sinais de voracidade e incontinência, um vazio interior, uma falta de vivências emocionais. Anseia por contato e coloca na presença física a companhia de que necessita o tempo todo. Procura representar sempre os pares, para que todos fiquem bem ou o controle onipotente da realidade. Demonstra sentimentos de perseguição, tanto advindos de seu interior como do mundo externo. A ameaça paira freqüentemente.

A segurança interior está atrelada à dependência, especialmente a materna e às vezes a fraterna (o irmão mais velho) e não está nele.

Para resolver sua ansiedade, seu medo, seu estado interior, lança mão de defesas como a onipotência, a negação, assim se sente mais forte e vê a realidade menos ameaçadora.

Sua dificuldade de expressão e contato verbal revelam seu estado emocional e de certa forma, garantem o vínculo simbiótico especialmente com a mãe, quase sua interprete. Possivelmente a gagueira seja uma evolução de seu quadro inicial e também a garantia da união entre ele e as pessoas - todos o olham, o aguardam, o ajudam, inclusive a irmã.

Em seu material clínico (especialmente e CAT) e no contato pessoal tem muita força o seu olhar - que parece controlar tudo que vem de fora ao mesmo tempo que mantém o outro atento. É como se fizesse com o olho o que outras crianças fazem com as mãos, ao tomar o rosto de outra pessoa e o voltarem para si. A urgência de contato e reconhecimento é visível.

Embora revele um ambiente externo supridor de suas necessidades básicas fisiológicas e materiais, revela a fragilidade e inconsistência das figuras parentais, seu despreparo para lidar com seus sentimentos, sua natureza, ele mesmo. Seus pais parecem oferecer saídas concretas, confortá-lo com palavras, mas incapaz de oferecer subsídios internos que o favoreçam no enfrentamento de seus problemas e aflições.

Demonstra perceber a fragilidade e instabilidade nas relações entre os pais, o clima de ameaça iminente de separação, que por sua vez o coloca em ansiedade, inseguro, muito em virtude deles, mais a mãe, serem ainda sua referência e não ele mesmo. Chama a atenção para o aspecto absoluto e radical das concepções dos pais,

onde um desentendimento pode significar uma ruptura, uma perda, o caos. Esse aspecto é observável em todos da sua família - pais, irmãos - e nele mesmo. A ligação, o vínculo está condicionado ao atendimento dos desejos pessoais, todos querem o prazer, fogem das frustrações - o desespero.

Esse sentimento também fica amenizado quando cada um se envolve com suas próprias coisas ou quando formam pares afins, onde a proposta é de interesse recíproco. Caso as relações suscitem qualquer frustração, o bom clima transforma-se num terremoto, a irritação cresce, a intolerância vem à tona e tudo acaba em agressões ou isolamentos.

Walmi.

1

2

feias

3

DF-E mac

4

1

2

3

DF-E per 4

DF-E imo

Caso 10

Identificação

Nome: E

Idade: 5 anos e 11 meses

Sexo: masculino

Escolaridade: jardim

Mãe: D

Idade: 30 anos

Escolaridade: superior incompleto

Profissão: do lar

Pai: N

Idade: 36 anos

Escolaridade: superior incompleto

Profissão: empresário

Primeira entrevista com E

Observamos desde o primeiro contato, antes mesmo de entrar na sala, uma agitação, ele andava pelo consultório, abria e fechava a porta da sala de espera, falava muito e alto. Sua fala mostrava-se infantilizada - “é aqui mamãe?”, perguntava.

Aceita muito prontamente me acompanhar, conversamos sobre sua vinda ao consultório. Dirige-se à caixa de brinquedos, separa o jogo de damas, dizendo:

Ele - Esse é o de comer?

P - É, você já conhece?

Ele - Já. Minha mãe me ensinou.

Ele arruma as peças, depois de me dizer que eu serei as brancas e ele as pretas. Ele começa o jogo e me surpreende - com quase 6 anos, joga muito bem, parece mais velho. Eu começo a comer, mas ele também come, o jogo é nivelado até que ele muda tudo - faz uma dama de duas cores e diz que “é uma dama maluca que faz o que quer, come quando quer e quantas quiser” (sic). Ela acaba com o jogo e eu fico sem função, não tenho mais que jogar. Aí ele diz que apareceu o “Moshing”. Eu pergunto quem é - o morto, ele responde, não, ele parece um furacão, vai passando e mudando tudo. Fica neste jogo durante um bom tempo.

Depois jogamos “Lince”, do jeito dele, com as regras que ele estabelece, eu sou incluída como um objeto que serve ora para representar um referência (se eu não sei, ele é que sabe), ora para ser o perdedor (ele fica o vencedor). Joga da seguinte forma: distribui as peças na mesa, pega uma, olha, pede que eu adivinhe, eu não acerto e ele diz qual é e assim vai ganhando todas. Também tira a minha vez, é sempre a vez dele.

Outras vezes ele me dá dicas sobre o que está escondido, eu descubro e aí ele muda a peça se eu acerto, e eu erro, então ele ri. Diverte-se ganhando, mesmo que seja uma construção. Assim, como fez na dama, põe regras e muda as regras se preciso para ser o vencedor. Se por um acaso eu acerto, ele dá pontos para nós dois. Blefa, modifica o jogo, desmancha e ri muitas vezes dizendo: "sou espertinho!". Terminamos esta sessão.

Segunda entrevista com E

Aplicação do C.A.T.

Prancha 1

Era uma vez três pintinhos e o papai era um galo e a mamãe era um passarinho (repete), não, era assim: os filhinhos eram passarinhos, o papai era um galo e a mamãe era passarinho. Daí os três filhinhos começaram a comer sopa de frango e daí eles foram brincar com os brinquedos e daí eles fizeram uma bagunça enorme, daí eles aprontaram uma brincadeira de jogar travesseiro no outro... Daí um belo dia, eles foram dar uma voadinha nos galhos de árvores perto de casa e daí no Natal eles foram dar uma voadinha com dez casaquinhos. Voltaram para comer seu mingau que tava na mesa que a mamãe já tinha aprontado, ele tinha cozinhado bastante, tava gostoso. E daí um belo dia eles foram dar uma volta na floresta para catar umas florzinhas para fazer mingau de aveia e deram pra mamãe fazer um mingau bem gostoso. E pra ela e pro marido dela uma salada

bem gostosa. Já pensou um passarinho e um galo comer salada? O galo comeu salada e rabanete. Aí acabou.

Título: Passarinho com papai e a mamãe viajando.

Prancha 2

Era uma vez três ursos, é o nome da história - "Os três ursos". Era uma vez um dia tão lindo e eles foram dar uma brincadeira de guerra. O papai sozinho e a mamãe com o filhinho. E daí teve um dia mais bonito que aquele, eles foram chutar futebol. O papai deu uma chutada tão grande... O pai era goleiro, a mãe também, o filho era juiz e os amiguinhos deles eram os jogadores - porco x peixe (Palmeiras x Santos). Quem ganhou foi o peixe. Daí trocou o juiz e daí eles fizeram uma escala para outro jogo que nunca fizeram... Esta história se chama três ursos, não se esqueça.

Inquérito

P - E o que aconteceu no jogo de guerra?

Ele - No jogo de guerra o papai ganhou e a mãe e o filho só corriam, e o filho nasce misturado com feijão e acabou a história e se chama "Os três ursos", você não pode esquecer.

Prancha 3

Ah não! Essa eu não gostei!

Era uma vez um leão que o rato ia comer o rabo. Aí o leão correu tão forte que o rato não conseguiu. E daí essa história acabou tão curtinha. Essa história chama:

Título: O leão velhinho, O leão fumador de cachimbo.

Inquérito

P - Por que o rato ia comer o rabo do leão?

Ele - O rato pensou que o leão ia comer ele e então foi tentar pegar o rabo dele.

Prancha 4

Era uma vez três cangurus que moravam dentro de uma caverna. Daí a mamãe amarrou um rabo numa bici, o filhinho montou na bici, aí levou o filhinho prum lugar pulando. Aí ela encontrou um canguru e o filhinho falou: olha mamãe, um canguru! O filhinho achou que era o papai, a mamãe achou que era o filhinho deles, não, achou que era uma fantasia. Daí acabou a história.

Título: Três cangurus.

Inquérito

P - E quem era o canguru que eles viram?

Ele - Afinal era o papai, o filhinho achou certo.

Prancha 5

Era uma vez um vulcão e daí o vulcão explodiu. Na primeira noite a cidade ficou enterrada, a cinza do vulcão que cobriu. Daí descobriram um monte de coisa

enterrada e a cidade enterrada. Fez um buraco no túnel, a cinza do vulcão cobriu. Acabou a cidade.

Título: O vulcão.

Inquérito

P - E os bichos e as pessoas da cidade?

Ele - Viraram pedra. Um saiu correndo e conseguiu, foi para outra cidade chamada Inglaterra. Acabou a história.

Terceira entrevista com E

Prancha 6

Era uma vez um urso. Acabou a história... O urso dormiu, chegou uma barata, o urso comeu, o cachorro bebeu, a foca engoliu, a foca dormiu. Quando ele acordou estava dentro da barriga do cachorro que bebeu ela, tentou sair e não conseguiu. Daí a foca comeu o cachorro. O urso comeu a foca, que tem o cachorro na barriga. Engraçado, né?

Título: Uma baratinha.

Prancha 7

Era uma vez um tigre que queria pegar o macaco e o macaco escapou e subiu pela árvore, e o tigre não conseguiu pegar e o macaco se salvou.

Título: Não tem nome... O macaco é o tigre

Inquérito

P - O que o tigre queria fazer com o macaco?

Ele - O tigre queria prender o macaco para ele ver, ficar olhando.

Prancha 8

É o "bundabum". É o macaco que fica fazendo cocô na calça, é "bundabum" e fazem cocô em cima do outro. E daí um caga em cima do outro e o outro caga em cima. E o vovô velhinho é que faz xixi em todo mundo e a vovó faz xixi. A avó fala com o filhote doido, ele fica fazendo a mão assim (demonstra com suas mãos), ele tá fazendo assim (abaixa), faz cocô no pé da avó. E daí o "bum" cagou no cocô. Daí o cô e o bum soltou pum. Daí o cô fez um pô e o xi fez xixi, daí o bum (e continua inúmeras vezes). Daí o cô fez cocô um na cabeça do outro. Pronto.

Título: Os cocozeiras, xixizeiras.

Prancha 9

Era uma vez um coelhinho que estava fazendo cocô no berço. Acabou a história.

Título: O bum cocô.

Inquérito

P - O que aconteceu?

Ele - A mãe deu um tapa no bumbum dele e daí ele fez cocô, fez xixi, fez cocô, fez xixi e não parou mais, e mamãe continuou dando tapa... ... continua ritmado, cantado:

Bum fez codum - cô solto pô

Bum fez chicodum - pai fez cocô

Bum chicolá - e o pai nasceu na barriga da mãe

Bum cotapum - o pai tinha morrido, a mãe tinha morrido, daí o pai nasceu na barriga da mãe dele.

... e o filho nunca deixou de fazer xi e cô e soltou pum, soltou pum.

Prancha 10

Era uma vez um filhote de cachorra que o marido da cachorra já morreu, que é namorado dela. E daí a mamãe foi dar tapa no bumbum do filho porque ele fez cocô na calça e daí ele fez bum e daí ele fez xixi no colo dela. E daí a mamãe deu um tapa no filho e ele fez cocô (pede para riscar) na mão dela e a mãe fugiu dele e ele foi atrás dela e fez cocô nela e daí o cô fez cocô e o xi fez xixi.

... cô fez pô, cô fez caiô, cachorro fez cô e daí cô cocô (repete inúmeras vezes, canta, dança acompanhando o ritmo).

Título: O dois caduns.

Quarta entrevista com E

Vai para a mesa, pega uma folha e as tintas guache e começa a desenhar. Faz todo o desenho e depois conta sobre ele: "O caracol está vendo uma pedra e passou um pinto voando, não... um pintinho em cima da cabeça dele" (pergunta se eu sei o que é pinto e ri, pede que eu risque a palavra pinto, aguarda, depois pega a minha caneta e risca dizendo que ele tem que desaparecer). E continua: "Ele, o caracol, está voltando para casa, ele tinha ido para a escola. Ele tá longe da casa dele, tá indo buscar o carro e ele tá saindo da escola e ela tá muito longe".

Título: O caracol chamado Chico Bento.

Inquérito

P - Como vive o caracol?

Ele - Bem, é feliz, gosta de fazer tudinho. A mãe dele é a Chica Benta e o pai dele é o Chico Bento.

Em seguida pega o meu caderno de anotações e minha caneta, faz uns desenhos, diz que é um menino jogando bola. Pega outra folha e começa a fazer números. À medida que vai colocando mais um dígito, vai me pedindo que leia. Admira-se e gosta muito. Depois pede que eu escreva o número que ele dita e em seguida me faz ler. Gosta muito dessa brincadeira. No final escreve seu nome.

Entrevista familiar diagnóstica

Todos se acomodam - pai, mãe, *E* e a irmã, cada um numa cadeira, as crianças mais próximas da casinha. O pai traz o celular ligado e se desculpa, dizendo que pode haver alguma chamada (atende a duas durante a sessão).

E pede Lego, eu não tenho e ele se decepçiona, mas vai para a casinha onde sua irmã já manuseia os bonecos, bastante desembaraçada, à vontade. Ela põe os bonecos dentro da casa: as crianças na cama, um menino para tomar banho.

E pega o nenê, dá banho nele e vai colocando ele em vários lugares: no vaso de flores, na panela, no liquidificador, em cima do armário, sempre imitando sons. A irmã e a mãe riem, o pai mantém-se distante e calado. A mãe está próxima e é colaboradora, ajuda a arrumar a casa dizendo: "O irmão dorme com a irmã".

E e a irmã identificam o pai e a mãe e a cozinheira. Neste momento, o pai chama *E* e pede para olhar sua garganta, e ele atende prontamente. O pai fala com a mãe que precisa cuidar, senão ele não vai poder fazer a cirurgia (que está marcada pelos próximos dias). *E* volta a brincar, pega o nenê e põe na chaminé, ele ri e a mãe ri também. Em seguida ele coloca o nenê em cima do armário, descendo a escada e diz chamando pela mãe: "Vem ver que doidura, olha só o nenê".

A irmã tenta tirar o nenê dele, o pai intercede, ela dá. *E* bate nela e o pai diz: "Que feio!", balançando a cabeça negativamente. A irmã chora desesperadamente, a mãe a acode, tenta acalmar, separa os filhos, diz para cada um fazer uma coisa. *E* volta a brincar, enquanto a irmã emburra - cruza os braços, vira de costas, não quer mais brincar e fica choramingando. Ela diz: "Só quero sozinha, tira ele".

Ela vai até ele, o empurra da cadeira, ele cede e sai e o pai diz: "Isso são modos? Que coisa feia!". Ela então diz que vai fazer comida, pergunta o que eles querem.

E, enquanto isso, pega o nenê e faz ele pôr a panela dentro do bule, dizendo: "Esse nenê é uma doidura!".

A irmã sai da cadeira, ele senta e continua com o nenê, agora põe ele no telhado, ele escorrega e cai no chão, *E* se diverte.

Mãe - Ele não se machuca, *E*?

Ele não responde, ela ri, ele ri. *E* imita a fala do nenê. A irmã vai narrando tudo que faz, não para de falar.

Mãe - A casa tá toda bagunçada, quem vai ajudar a mamãe a arrumar?

E - Eu vou pôr os pratos na mesa (e se aproxima).

A irmã diz que não, fica com raiva, grita e começa a atacar tudo nele. O pai e a mãe dizem que não, que ela é malcriada, ela continua, então o pai tira ela de perto dele, advertindo-a, dizendo que é feio. Ela só grita "não é, não é". A mãe diz que é, que não pode fazer isso e ela diz "pode sim" e começa a bater na mãe, enfrenta-a. A mãe também fica alterada, o pai põe ela de castigo, de costas, virada para a parede, ela também o enfrenta e diz "não, vou virar". Eles tentam conversar com ela, não adianta, ela só se opõe, ataca a mãe, o pai diz que não pode fazer assim, e então ela diz: "vou acabar com ela".

A mãe ri, diz que é do jeito dela, até parece gente grande e então se volta para *E* que nesse tempo todo continuou brincando com o nenê na casinha, pondo ele em vários lugares.

A irmã se exalta, volta pra casinha e diz aos gritos: "Vou guardar tudo", e vai jogando as partes da casa no chão. A mãe manda pegar, também muito brava, ela pega e coloca com força sobre a mesa.

O pai levanta-se (quinze minutos antes de terminar o horário), diz que não pode ficar mais, precisa ir trabalhar. A filha diz que não, começa a chorar, gruda no pai, diz que quer ir com ele. Ele diz que não pode, ela insiste. Ele dá tchau pro *E* que se volta para ele, dá um beijo dizendo: "Tchau, papai, bom trabalho".

Ele sai e ela chora alto num primeiro momento, depois se acalma um pouco no colo da mãe, mas choraminga até o fim do horário. *E* senta-se numa cadeira e diz pra mãe que o primo X não chora quando o pai trabalha e a mãe também trabalha. Depois deita nas almofadas e fica quieto. A mãe, ainda com a filha no colo, tenta convencê-la a parar de choramingar, explica que é assim todo dia, ela sabe, mais tarde o papai volta. Então se dirige a *E* e pergunta:

Mãe - *E* você quer uma mamadeira?

Ele - Não, não quero tomar nada na mamadeira.

A irmã para de choramingar às vezes e depois começa de novo. Então a mãe diz: "Eu já sei o que você quer, o papai fica em casa e a mamãe vai trabalhar".

E ri da idéia da mãe, e a irmã diz que tá bom, ele fica, ela vai.

E - Eu não acho melhor, acho que ele não vai saber a roupa, não sabe costurar.

A mãe ri, enquanto a irmã choraminga. Terminamos assim a sessão, a mãe continua fora da sala a propor que a filha pare.

Síntese

A história de vida de *E* mostra que seus problemas aparecem cedo - aos dez meses, quando começaram suas crises de bronquite, que foram se agravando e se intensificando ao longo de seu desenvolvimento, acompanhado de tosse e vômitos - representantes de sua incontinência e, por outro lado, denunciando sua voracidade. A falta de acolhimento da mãe para com suas características provavelmente foi fator agravante de seu estado emocional. Suas projeções intensas sobre uma mãe que não é capaz de recebê-las e transformá-las colaborou para que ele construísse dele mesmo a imagem que repete inúmeras vezes (vide claro C.A.T. 9) - um menino "cocô", "que faz cocô e xixi o tempo todo", uma coisa má, mal cheirosa, suja, deteriorada, mal vista pelos pais (C.A.T. 10), e de outro lado um menino bonzinho que atende a tudo, não reage. A cisão parece ter sido a forma de expressão possível do seu eu que se resolve por um lado, pelo outro o coloca fragilizado, à mercê de ameaças constantes de ataques e desintegração. Talvez por isso em alguns momentos se desorganiza, ataca os vínculos, o meio externo para livrar-se de sensações internas de confusão e muita angústia, ou se isola em seu mundo particular de tal forma a parecer "surdo" para que o que vem de fora - preso na fantasia.

Seus contatos com a realidade são inconsistentes e instáveis - ora aparece um lado dele mais organizado, mais dócil, ora outro mais confuso e agressivo.

E nasceu numa família, onde o casal de comum acordo, busca ardentemente o mundo perfeito, a felicidade total: a beleza, a juventude, o prazer, o sucesso, a riqueza, etc. São ambos muito ambiciosos e vaidosos, mas também muito inseguros, estão sempre se ameaçando, se provocando para que um lembre do outro.

E chega cedo porque eles querem ser pais jovens, como os seus, mas se interpõe a partir dos dez meses nesta vida do casal, de forma a "atrapalhar seus planos" e "tirar-lhes o sossego e a bela vida que tinham". Essas idéias são colocadas pela mãe na sua fala. O discurso do pai é diferente, mais crítico e consciente, mas a prática é idêntica, no fazer eles concordam.

Sendo *E* um menino sensível, e talvez pelas suas faltas internas, encontra nos problemas de saúde uma forma desesperada de buscar essa mãe distante, que quando se aproxima o faz de forma desagradável, com muita irritação. O marido continua sua vida social intensa, ela quer acompanhar (não quer perder nada); em casa o bebê solicita muito e ela vem se esgotando ao longo desses anos - é nervosa, agitada, frágil, não suporta nada, não quer ver as coisas, ataca sua consciência, nega os fatos.

Os pais são vorazes, querem tudo da vida, não aceitam limites e têm um filho que, à sua maneira, pelas suas características, vai de alguma forma colocando limites aos desejos dos pais, que se ressentem e contra-atacam. Nesta relação parece circular o ódio - dele pros pais por falta de elaboração nos primeiros meses de vida, incontinência básica, e em resposta ao sentimento de abandono. Dos pais para ele - por vir atrapalhar seus planos e exigir deles o que ele não têm. Além disso, pelas suas características e inadequações, *E* macula a imagem da "bela família idealizada" que tem tudo e é perfeita.

Nesse vínculo de ódio, os ataques são freqüentes e as reparações também - *E* fica bonzinho, os pais oferecem "muitos presentes", abastecem pelo material, o que sabem oferecer. Cada um oferece ao outro o que imagina concretamente que o outro precisa. Estão longe de pensar em necessidades internas.

A inadequação de *E*, nesse sentido, parece ser a forma dele ainda manter-se vivo e com alguma parte preservada. Reluta em enquadrar-se porque isso seria entregar-

se ao desejo inconsciente dos pais de que ele morra nessa forma para vir em outra, a que os complementa e enaltece. O que está em jogo é a liberdade interior de *E*, a ameaça vem dele mesmo e do meio externo representado pela falta de aceitação de suas formas de expressão, ao que os pais reagem com agressividade, hostilidade e às vezes violência. A falta de amor e aconchego ficam substituídas pelo conforto material, pelo suprimento externo. O eu dessa forma, continua carente, vazio de experiências emocionais.

Existe uma confusão que ora está dentro dele, ora está fora dele, no seu contexto familiar, pois há a falta de pais e sua presença é marcada pela intolerância à *E*, o que acaba funcionando como obstáculo ao seu desenvolvimento. Só pode existir vida fora do contexto familiar e, pela falta de experiências, muitas vezes o que aparece mais é a inadequação.

Sobre a família

A falta de preparo emocional dos pais é notável desde os primeiros contatos. Chegam agitados, ansiosos: a mãe fala muito, chora, está preocupada, o pai anda pela sala, fala muito também e acha que o problema é da mãe, ela que não tem condições de educar, não sabe pôr limites, se altera, perde a paciência. Os encontros são de acusações e ataques - ela chora, enquanto ele parece negar que ouve. O pai vem sempre de celular, deixa ligado, atende ligações talvez como defesa, forma de se distanciar e também como um objeto de apoio que o deixa seguro e o lembra sua potência, pois é um homem jovem, com muito sucesso profissional. Parecia um forma de se libertar das angústias suscitadas nos encontros.

Nas entrevistas com a família foi possível observar a forma de funcionar dos pais: ele coloca-se distante, observador, crítico, e se aproxima para corrigir, castigar, identificar e apontar as deficiências de cada um; ela por outro lado, envolve-se com as crianças, confunde-se com elas e nesse momento ri das travessuras, brinca, se divertem e num outro as repreende severamente, se agita, grita, se desorganiza, diz que eles a estão deixando louca, especialmente *E*. Detecta-se a presença de elementos sádicos da mãe que estimula a loucura (vide observação familiar diagnóstica), vive a dela através do filho e depois não a suporta e rejeita.

E coloca muito bem isso em sua primeira entrevista quando define a “dama maluca” que ele cria e que também representa parte dele mesmo: “ela faz o que quer, come quando quer e quem quer” (sic), não tem limites, é onipotente.

A imaturidade dos pais também pode ser vista pela dificuldade e a forma como lidam com os conflitos de relacionamento entre os irmãos, com as emoções advindas da separação, entre outros.

Colocam-se ainda como filhos, desejam ser satisfeitos e se sentem atacados quando são solicitados a dar o que não querem e não têm. Parecem ter recebido o conforto externo, aprenderam a comportar-se socialmente, mas desconhecem o que é vida interior, portanto estão inaptos para construir a dos filhos.

7
1105041

700130132031

845-301-~~9-11-1536~~

1502/1378

~~00000007~~

10-1-16

10-31-42

02

1 to r-2

3742
100004351-5034
156-29348

E
(4^{te} entrevista)